

O BAIRRO POPULAR

Uma análise sobre o
s i s t e m a
de espaços livres
públicos e privados
no Bairro Popular –
C u i a b á / M T
de 1948 a 2009.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA**

O BAIRRO POPULAR

**Uma análise sobre o sistema de espaços livres públicos e privados no Bairro Popular
– Cuiabá/MT de 1948 a 2009.**

Bethânia Moura Azevedo

2009



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA**

O BAIRRO POPULAR

**Uma análise sobre o sistema de espaços livres públicos e privados no Bairro Popular
– Cuiabá/MT de 1948 a 2009.**

Bethânia Moura Azevedo

Memorial de qualificação para defesa da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências em Arquitetura, Linha de pesquisa: Cultura, Paisagem e Ambiente Construído.

Orientador: Prof. Dr^a. Vera Tângari

Rio de Janeiro

Agosto de 2009

O BAIRRO POPULAR

Uma análise sobre o sistema de espaços livres públicos e privados no Bairro Popular –
Cuiabá/MT de 1948 a 2009.

Bethânia Moura Azevedo

Orientador

Prof^a. Dr^a. Vera Tângari

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências em Arquitetura, Linha de pesquisa Cultura, Paisagem e Ambiente Construído.

Aprovada por:

Presidente, Prof. Dr^a. Vera Tângari

Prof^a. Andrea Queiroz Regô

Prof^a. Maria Julieta Nunes de Souza

Prof^a. Maria Ângela Dias

Rio de Janeiro
Agosto de 2009

RESUMO

O presente trabalho procurou a compreensão dos sistemas de espaços livres urbanos aplicando a análise ao estudo de caso do Bairro Popular – Cuiabá/MT.

As questões aqui colocadas estão relacionadas às transformações pelas quais o Bairro Popular atravessou, referindo-se, em primeiro lugar, à localização referencial, em segundo lugar, ao tipo de uso e, por último, aos sistemas de espaços livres de edificação existentes. Tendo em vista que as alterações por que passou a cidade foram muito recentes, recortou-se a pesquisa entre os anos de 1948, quando se iniciou o processo de construção do Conjunto Habitacional das Casas Populares, ao ano de 2008, num total de 60 anos.

Imergiu-se no estudo sobre o Bairro Popular, analisando a sua estrutura, traçando o perfil dos moradores e identificando as tendências de desenvolvimento. Sobre esta estrutura, analisaram-se os sistemas de espaços livres: públicos e privados. O objetivo central da pesquisa foi verificar a evolução da ocupação urbana através da evolução dos espaços livres, públicos e privados, identificando seus principais marcos e agentes de transformação.

DEDICATÓRIA

Para Nair, Hilda e Luzia com todo o meu amor.

AGRADECIMENTOS

Longos são os caminhos que atravessamos em busca de um sonho, este ultrapassou os 3.000 km, da querida Cuiabá para a Cidade Maravilhosa.

Primeiramente agradeço a minha admirada orientadora Vera Tângari, exemplo de disciplina e dedicação, que me proporcionou a oportunidade da busca pelo sonho.

Construíram comigo este trabalho, minhas “veinhas” adoradas, meu pai, meus irmãos que me incentivaram sempre com o orgulho que sentem (aqui incluo minha irmã de coração Raquel), meus tios e priminhos, a linda Britney (companheira de todas as noites), ao “Ti” que esteve sempre junto comigo e no final ajudou na redação e o meu amor lindo que me escutou, me acalmou e incentivou a estudar sempre.

No mesmo barco, remando comigo, estavam a Marisa, Bianca, Juliana e o Kleber. Amigos, obrigada pela oportunidade de dividir esses momentos tão importantes. No coração trouxe meus amigos de longe “iemons” e agregados.

Agradeço também a Marília, Lina e Kikina que me puxaram para fora da turbulência e assim pude retomar meu objetivo.

E a todos que estiveram comigo nesta jornada, a FAU e ao PROARQ, aos meus professores e meus colegas de jornada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. REFERENCIAL TEÓRICO	21
1.1. Sistemas urbanos de espaços livres de edificação	21
1.1.1. Sistemas urbanos.....	21
1.1.2. Espaços livres de edificação	24
1.2. Categorização dos espaços urbanos livres de edificação	29
1.2.1. Quanto à forma	29
1.2.2. Quanto à escala	30
1.2.3. Quanto à função	32
1.2.4. Quanto ao uso	35
1.2.5. Quanto à posse e à propriedade.....	39
1.3. Os espaços livres como objeto de percepção e apropriação	44
2. DELIMITAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	47
2.1. Análise espacial	47
2.2. Análise temporal	51
2.3. Análise contextual	52
2.3.1. De Cuiabá ao Bairro Popular: a ocupação urbana do Município.....	52
2.3.2. A Implantação do Bairro Popular	67
3. ANÁLISE URBANA DO BAIRRO POPULAR	70
3.1. A extensão do Bairro Popular	70
3.1.1. Limites administrativos definidos pela Prefeitura	70
3.1.2. Limites perceptivos.....	72
3.2. Aspectos da legislação	75
3.2.1 Hierarquização viária.....	77
3.3. Uso e Ocupação do solo	78
3.4. Aspectos paisagísticos e ambientais	80
3.4.1. Topografia	81
3.4.2. Hidrografia	82
3.4.3. Vegetação	83
3.4.4. Tipos de edificações.....	83
4. SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES – PÚBLICOS E PRIVADOS	87
4. 1. Espaços livres públicos no Bairro Popular - Praças	87
4.1.1. Praça Eurico Gaspar Dutra – “Praça Popular”	88
4.1.2. Praça Oito de Abril	97
4.1.3. Praça Tenente Antônio João Ribeiro	104
4.2. Os espaços livres públicos no Bairro Popular - Vias	110
4. 3. Os espaços livres privados no Bairro Popular	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	129

LISTA DE FIGURAS / QUADROS / TABELAS

Figura 01. Sistema viário como exemplo de sistema urbano. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 02. A leitura bidimensional disfarça a situação real (Fonte: Desenho da autora sobre esquema de Silvio Macedo, 2006)

Figura 03. Praça XV / Rio de Janeiro – Exemplo de leitura bidimensional e tridimensional (Fonte: (A) Google Maps / (B) Bethânia Moura)

Figura 04: (A). Representa as edificações em quadrados escuros sobre o espaço livre; observa-se que a quantidade é a mesma para qualquer arranjo; o que altera é a distribuição vinculada a outras morfologias. (B). Representa a urbanização e o espaço exterior, volta-se a observar a variação da distribuição com a mesma quantidade. O segundo exemplo mostra maior adensamento com acréscimo de espaço livre. A distribuição do espaço livre em implicações com a concentração ou as polinucleações. (Fonte: Miranda Magnoli, 2006)

Figura 05: Formas de distribuição dos espaços abertos na cidade de Cuiabá, baseado no esquema de Kevin Lynch – (A) Concentrados / (B) – Pulverizados. (Fonte: Desenho da autora sobre Google Maps, 2009)

Figura 06: Espaço livre de permanência e convívio social público: PARQUE MÃE BONIFÁCIA - CUIABÁ/MT.
(Fonte: <http://img237.imageshack.us/img237/171/mirantebonifaciaffdo9.jpg> - capturado em 02/08/2008)

Figura 07: Espaços livres de circulação privados: CONDOMÍNIO ALFAVILLE CUIABÁ/MT.
(Fonte: <http://maps.google.com.br> – capturado em 10/08/2008)

Figura 08: Espaço de preservação ambiental: MATA CILIAR DO RIO CUIABÁ - CUIABÁ/MT. (Fonte: <http://201.45.57.3:6060/displayimage.php?album=43&pos=5> – capturado em 02/08/2008)

Figura 09: Espaço Livre: Parque público (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 10: Espaço Livre: Praça (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 11: Espaço Livre: Rua (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 12: Espaço Livre: Playground (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 13: Espaço Livre: Espaços comunitários – Campo de futebol de terra (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 14: Espaço Livre: Átrios (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 15: Espaço Livre: Residuais de vizinhança (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 16: Espaço Livre: Margens de água (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 17: Espaço Público: Praça da República - Centro de Cuiabá (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 18: Espaço Privado: Quintal de uma residência (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 19: Espaço de Transição: SESC Arsenal – Bairro do Porto Cuiabá (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 20: Espaço de Transição: Área de lazer do condomínio St. Mônica Jardins – Rio de Janeiro (Fonte: <http://www.suacasa.cim.br/imagens%5Cstmonicajardins%5Cimagem2.jpg> – capturado 23/03/2009)

Figura 21: Subdivisão do Município em 4 sub-divisões administrativas. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 22: (A) Localização Brasil sobre a América do Sul (F.: <http://www.cdbrasil.cnpm.embrapa.br>) - com destaque para a localização do Município de Cuiabá / (B) Município de Cuiabá (Fonte: Perfil Sócio Econômico de Cuiabá, 2007) / (C) Perímetro urbano de Cuiabá – localização Bairro Popular (F.: Bethânia Moura) / (D) Região Oeste da cidade de Cuiabá (Fonte: Perfil Sócio Econômico de Cuiabá, 2007).

Figura 23: Densidade demográfica por Bairro na região oeste (Fonte: Perfil Sócio Econômico de Cuiabá, 2007).

Figura 24: Classe de renda por Bairro na região oeste. (Fonte: Perfil Sócio Econômico de Cuiabá, 2007).

Figura 25: Tabela sobre a evolução do crescimento populacional das capitais da Região Centro Oeste. (Fonte: Censo Demográfico, 2000)

Figura 26: Tabela sobre a evolução do crescimento populacional (Fonte: Perfil Sócio Econômico de Cuiabá, 2007).

Figura 27. Foto aérea de Cuiabá - 2007 (Fonte: Perfil Socioeconômico de Cuiabá, 2007)

Figura 28. Evolução urbana: século VII e meados do século XIX (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 29. Evolução urbana: século XVII e meados do século XIX. (Fonte: Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1957)

Figura 30. Fotografia aérea de 2008, destacando o Morro da Boa Morte, totalmente urbanizado e o Morro Luz, que mantém uma estreita faixa de terra preservada. (Desenho da autora sobre fotografia capturada em 21/04/2009 <http://i128.photobucket.com/albums/3centrohistoricocuiabamesquitamorro.jpg>).

Figura 31. 1º Vetor de ocupação urbana da cidade de Cuiabá – ligando o Centro urbano ao Rio Cuiabá, passando pelo Bairro do Porto (Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá, 2008).

Figura 32. 1º Perímetro urbano da cidade de Cuiabá - Regulamentado em 1938. (Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá, 2008).

Figura 33. Ocupação urbana de Cuiabá em 1953 - Destaque a Avenida Getúlio Vargas que direciona o crescimento da cidade para a direção oeste. (Desenho da autora sobre mapa de Aroldo de Azevedo)

Figura 34. 2º Vetor de ocupação urbana da cidade de Cuiabá (Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá, 2008).

Figura 35. Perímetro urbano da cidade de Cuiabá - Regulamentado em 1960 (Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá, 2008).

Figura 36. Vetor de ocupação urbana da cidade de Cuiabá - Avenida Fernando Correia da Costa. (Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá, 2008).

Figura 37. Vetor de ocupação urbana da cidade de Cuiabá - Avenida Historiador Rubens de Mendonça (Av. do CPA). (Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá, 2008).

Figura 38. Vetor de ocupação urbana - Região Sul e Sudeste. (Fonte: Bethânia Moura).

Figura 39. Vetor de ocupação urbana atual da cidade de Cuiabá, final da década de 2000. (Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá, 2008).

Figura 40. Mapa geral: Vetores de crescimento e Evolução do Perímetro urbano de Cuiabá. (Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá, 2008).

Figura 41. Fragmento do jornal O ESTADO DE MATO GROSSO, publicado em 20 de outubro de 1948. (Fonte: Arquivo Público de Mato Grosso)

Figura 42. Planta arquitetônica esquemática, elaborada com base na visita de um exemplar pouco alterado e de diálogo informal com morador antigo da região. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 43. Foto das casas e de parte da praça dias antes de ser entregue a população. (Fonte: Jornal A Gazeta 20/08/95)

Figura 44. Fragmentos do jornal O ESTADO DE MATO GROSSO: A. 28/10/1948 – B. 14/12/1948. (Fonte: Arquivo Público de Mato Grosso)

Figura 45. Planta esquemática original do Bairro Popular, conforme foram construídas e distribuídas as casas. (Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá, 2008).

Figura 46. Comparação entre a evolução dos perímetros discriminados em lei (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 47. Limite administrativo do Bairro Popular. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 48. Limite do Bairro Popular: Projeto original / Espaços livres (Fonte: Bethânia Moura).

Figura 49. Gráfico com resultado em porcentagem da respostas dos 87 entrevistados sobre qual a área é reconhecida como limite do Bairro Popular (Fonte: Bethânia Moura).

Figura 50. Esquema gráfico dividido conforme as respostas dos 87 entrevistados sobre a faixa de área não reconhecida como Bairro Popular. (Fonte: Bethânia Moura).

Figura 51. Gráfico com resultado em porcentagem da respostas dos 87 entrevistados sobre qual a área é reconhecida como limite do Bairro Popular (Fonte: Bethânia Moura).

Figura 52. Esquema gráfico dividido conforme as respostas dos 87 entrevistados sobre a faixa de área não reconhecida como Bairro Popular. (Fonte: Bethânia Moura).

Figura 53. Exemplos de tipos de comércio e serviços permitidos, segundo a legislação: **(A)** Loja de roupas, **(B)** Artigos para informática, **(C)** Restaurante, **(D)** Galeria comercial com vídeo locadora, papelaria e lojas de decoração, **(E)** Panificadora e restaurante. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 54. Mapa de hierarquização viária do Bairro Popular. (Fonte: Bethânia Moura).

Figura 55. Mapa de uso e ocupação do solo do Bairro Popular. (Fonte: Bethânia Moura).

Figura 56. Análise sobre as tendências de desenvolvimento do Bairro: COMERCIAL e RESIDENCIAL MULTIFAMILIAR. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 57. Recorte de jornal, chamando atenção a especulação imobiliária local. (Fonte: Jornal A GAZETA publicado em 03/07/2005)

Figura 58. A paisagem do Bairro Popular: Casas X Edifícios (Fonte: Bethânia Moura)

- Figura 59.** Mapa de topografia do Bairro Popular. (Fonte: Bethânia Moura).
- Figura 60.** Avenida Oito de abril em dois momentos: 1988 e 2009. (Fonte: A. Prefeitura Municipal de Cuiabá/ Jornal A Gazeta – B. *Google Maps* / Bethânia Moura)
- Figura 61.** Vista Avenida Oito de Abril, córrego em vala. (Foto: Bethânia Moura, 2008)
- Figura 62.** Comparação entre os cadastros de arborização dos anos de 1988 e 2009. (Fonte: Bethânia Moura)
- Figura 63.** Casa térrea com características original das casas populares. (Fonte: Bethânia Moura)
- Figura 64.** Residência térrea com referência modernista. (Fonte: Bethânia Moura)
- Figura 65.** Sobrado comercial com aberturas em vidro - *Pizza na Pedra*. (Fonte: Bethânia Moura)
- Figura 66.** Edificações multi familiar acima de 5 pavimentos. (Fonte: Bethânia Moura)
- Figura 67.** Entrada de lote para centro de quadra. (Fonte: Bethânia Moura)
- Figura 68.** Figura e fundo – Bairro Popular, 2008(Fonte: Bethânia Moura)
- Figura 69.** Hierarquia dos espaços livres: Praças. (Fonte: Bethânia Moura)
- Figura 70:** Localização da Praça Popular. (Fonte: Bethânia Moura)
- Figura 71.** Perspectiva original da Praça Popular. (Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá / IPDU)
- Figura 72.** Projeto IPDU executado em 2002. (Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá – IPDU/DPE)
- Figura 73.** Imagens da proposta entregue pelo escritório de arquitetura de Jaime Lerner. (Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá – IPDU/DPE)
- Figura 74.** Playground e quadra poliesportiva ao fundo. (Fonte: Bethânia Moura)
- Figura 75.** Banca de jornal e ponto de taxi ao fundo. (Fonte: Bethânia Moura)
- Figura 76.** Ponte cenográfica, mobiliário urbano e canteiros paisagísticos. (Fonte: Bethânia Moura)
- Figura 77.** Banco gola de árvore em madeira sob árvores frondosas. (Fonte: Bethânia Moura)
- Figura 78 A/B.** Vista noturna da praça, com ênfase na quantidade de iluminação. (Fonte: Bethânia Moura)
- Figura 79.** Planta da Praça Popular.(Fonte: Bethânia Moura)
- Figura 80.** Vistas de entorno da Praça Eurico Gaspar Dutra. (Fonte: Bethânia Moura)
- Figura 81.** Tratamento Paisagístico - detalhe para a pavimentação em bloco de concreto intertravado. (Fonte: Bethânia Moura)
- Figura 82.** Mapeamento por usuários, com ênfase nas áreas de circulação e permanência de pessoas. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 83. Localização da Praça Oito de Abril. (Fonte Bethânia Moura)

Figura 84. Praça Oito de Abril: (A) Vegetação abundante e bancos e mesas de jogos / (B) Parquinho infantil - Década de 90. (Fonte Jornal A Gazeta 25/04/93)

Figura 85. Escultura e fonte "Árvore de todos os povos". (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 86. Praça Oito de Abril: **(A)** Espaço multiuso com pintura de artista regional / **(B)** Vista externa do espaço multiuso (palco) / **(C)** Arborização frondosa, banca de revista e camelô / **(D)** Ponto de taxi e sorveteria ao fundo, ênfase para a sombra da árvore. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 87. Planta da Praça Oito de Abril. (Fonte: Bethânia Moura).

Figura 88. Vistas de entorno da Praça Oito de Abril. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 89. Tratamento Paisagístico - detalhe para a pavimentação em bloco de concreto intertravado (duas cores). (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 90. Mapeamento por usuários, com ênfase nas áreas de circulação e permanência de pessoas. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 91. Localização da Praça Tenente Antônio João Ribeiro. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 92. Praça Tenente Antônio João Ribeiro: **(A)** Ponto de ônibus e orelhão em formato de garça (alusão ao Pantanal) / **(B)** Ponto de ônibus / **(C)** e **(D)** Vista geral da Praça. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 93. Lay out Praça Tenente Antônio João Ribeiro. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 94 Vistas de entorno da Praça Eurico Gaspar Dutra. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 95. Tratamento Paisagístico - detalhe para a pavimentação em ladrilho hidráulico. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 96. Mapeamento por usuários, com ênfase nas áreas de circulação e permanência de pessoas. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 97. Sistema viário do Bairro Popular. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 98. Foto de satélite com nomenclatura das vias. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 99. Esquema de localização - Av. Getúlio Vargas. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 100. Vias Estruturais: Av. Getúlio Vargas. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 101. Esquema de localização – Av. Lava Pés (laranja) e Av. Isaac Povoas (vermelho). (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 102. Vias Estruturais: Av. Isaac Póvoas. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 103. Esquema de localização – Rua Estevão de Mendonça. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 104. Vias Principais: Rua Estevão de Mendonça. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 105. Esquema de localização – Av. Dom Bosco. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 106. Vias Principais: Av. Dom Bosco. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 107. Esquema de localização – Av. Oito de Abril. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 108. Vias Principais: Av. Oito de Abril (limite do Bairro Popular). (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 109. Esquema de localização – Av. São Sebastião. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 110. Vias Coletoras: Av. São Sebastião. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 111. Esquema de localização – Av. Senador Filinto Muller. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 112. Vias Coletoras: Av. Senador Filinto Muller. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 113. Esquema de localização – Rua Brigadeiro Eduardo Gomes. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 114. Esquema de localização – Rua Senador Vilas Boas. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 115. Vias Locais: (A) Rua Brigadeiro Eduardo Gomes e (B) Rua Senador Vilas Boas. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 116. Esquema de localização – Rua Presidente Castelo Branco. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 117. Vias Locais: Rua Presidente Castelo Branco (A) Dia / (B) Noite. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 118. Esquema de localização – Rua Sírio Libanesa. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 119. Vias Locais: Rua Sírio Libanesa (A) Início da via a partir da Pç. Popular / (B) Via no meio do Bairro. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura 120. Esquema de localização – Rua 24 de Outubro. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura121. Comparação entre os espaços livres privados intra-quadras dos anos de 1988 e 2008.(Fonte: Bethânia Moura)

Figura122. Espaços livres privados: Entorno das construções.(Fonte: Bethânia Moura)

Figura123. Espaços livres privados: Edifícios Multifamiliares. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura124. Espaços livres privados: Estacionamentos para comércios e serviços. (Fonte: Bethânia Moura)

Figura125. Espaços livres privados: Lote vazio de edificação com casa em deteriorização. (Fonte: Bethânia Moura)

INTRODUÇÃO

“(...) depois de se mergulhar num estudo não se pode continuar o mesmo; o pesquisador muda sua própria interioridade, porque se assim não for, a pesquisa não terá sido cumprida.”

Canevacci

A presente pesquisa procurou, sobretudo, a compreensão dos sistemas de espaços livres urbanos e o seu rebatimento sobre a cidade, através de leituras que se traduziram em uma categorização desses espaços aplicada aos limites do Bairro Popular – Cuiabá/MT, a partir do estudo de caso no seu tempo atual.

As questões aqui colocadas estão relacionadas às **transformações** pelas quais o Bairro Popular atravessou, referindo-se, em primeiro lugar, à localização referencial – passando de bairro periférico a bairro central, em segundo lugar, ao tipo de uso – de bairro residencial a bairro comercial, e por último, aos sistemas de espaços livres de edificação existentes – de sua origem às apropriações atuais.

A relevância do tema se justifica pela contribuição inédita, devido à escolha do estudo de caso – Bairro Popular em Cuiabá/MT. Esta escolha não foi aleatória, o interesse por esta área da cidade foi motivado pelo acompanhamento do processo de projeto, obra e ocupação após a primeira intervenção de revitalização da Praça Eurico Gaspar Dutra, em 2002, e a partir da discussão iniciada no programa de estágio dentro do DPE (Departamento de Projetos Especiais) na Prefeitura Municipal de Cuiabá. Desde essa época, foi possível observar a alteração do espaço construído e a alteração dos espaços livres, de maneira interligada. A cidadã cuiabana deu lugar à pesquisadora, que buscou, nos limites do Bairro Popular, responder as questões que se aplicam a outras partes da cidade.

O enfoque escolhido – análise dos sistemas de espaços livres de edificação, também foi um diferenciador da pesquisa, pois através desta discussão contribuimos com novas realidades que podem ser incorporadas ao discurso conceitual. Este estudo faz alusão ao processo de valorização dos espaços livres privados, através da atuação do mercado imobiliário especulativo, e da readequação dos espaços livres públicos que, em algumas situações, servem como apoio para as atividades comerciais do entorno.

Com a pesquisa observou-se que os espaços urbanos estão em evolução e sofrem intervenções constantes pelo poder público, quando este valoriza determinadas áreas, através dos processos de revitalização, ou também através de parâmetros que regulam os percentuais de uso e ocupação do solo.

Para contextualizar esse estudo de caso, fez-se necessário discorrer sobre a história da evolução urbana da cidade de Cuiabá, retratando o crescimento acelerado e recente da

capital, com base nas transformações que ocorreram no Bairro, pois parte-se da posição de Milton Santos segundo a qual a noção de espaço é inseparável da relação temporal, e assim enxergada como resultante da coexistência de tempos diferentes (SANTOS, 1985).

Tendo em vista que as alterações por que passou a cidade foram muito recentes, recortou-se a pesquisa entre os anos de 1948, quando se iniciou o processo de construção do Conjunto Habitacional das Casas Populares, e 2008, num total de 60 anos.

Imergiu-se no estudo sobre o Bairro Popular, analisando a sua estrutura, traçando o perfil dos moradores e identificando as tendências de desenvolvimento. Sobre esta estrutura, analisaram-se os sistemas de espaços livres: públicos e privados. O objetivo central da pesquisa foi verificar a evolução da ocupação urbana através da evolução dos espaços livres, públicos e privados, identificando seus principais marcos e agentes de transformação

Aspectos metodológicos

Tendo em vista o objetivo da pesquisa, definiu-se o desenvolvimento de **estudo de caso** como estratégia de pesquisa, que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real (YIN, 1990), com ênfase na análise urbana e no seu rebatimento sobre os espaços livres de edificação, públicos e privados.

Os métodos utilizados nesta pesquisa de dissertação compreenderam: investigação bibliográfica sobre os principais conceitos ligados ao tema; investigação iconográfica sobre o objeto de estudo; pesquisa de campo, que incluiu o registro fotográfico da área e a elaboração de uma cartografia exclusiva para a análise. Estes métodos utilizados estão descritos abaixo, relacionados a cada passo da pesquisa.

a) Bibliografia

A pesquisa está fundamentada em material bibliográfico, recorrendo-se a disciplinas como a geografia, a história e a teoria da arquitetura e do paisagismo. Foram também consultados anuários e estatísticas publicadas em meio digital. Essas informações construíram a fundamentação sobre o tema, com base em fontes primárias e secundárias, tanto para se relacionar ao objeto de estudo propriamente dito quanto para embasar os conceitos gerais utilizados.

O contato com o referencial teórico na preparação para a dissertação gerou um leque de possibilidades a partir dos conceitos que se apresentavam. Mesmo que por vezes aplicados a uma realidade diferente daquela em que foram definidos, por se reportarem a grandes cidades, concluiu-se que os modelos de ocupação urbana se repetem e que estes modelos são também contemporâneos à capital mato-grossense.

Através da leitura de autores como Miranda Magnoli, Milton Santos, Gordon Cullen, Kevin Lynch e outros, foi possível interpretar os principais conceitos considerados nesta dissertação, sobre sistema de espaços livres públicos e privados e as relações que estes mantêm com a cidade, buscando relacioná-los com o objeto de estudo, o Bairro Popular. O contato com estes autores permitiu um diálogo enriquecedor e acessível, pois são trabalhos contemporâneos que abordam a problemática dos espaços livres urbanos.

Foram estudadas também publicações que focam diretamente Cuiabá e o Bairro Popular. Trabalhou-se com textos e dados organizados pela Prefeitura Municipal de Cuiabá, como o Perfil Sócio-econômico de Cuiabá, publicado em 2007, e outras fontes de dados disponibilizadas pela Prefeitura Municipal, através de mapas, dados cartográficos e registros fotográficos¹. O enfoque histórico sobre a cidade baseou-se no livro “Por uma Poética Popular na Arquitetura” de Julio De Lamônica Freire, autor e arquiteto local, que traz seu olhar sobre a arquitetura das habitações populares em Cuiabá.

A temática dos sistemas de espaços livres é muito atual, e grande parte do material bibliográfico analisado está sendo recentemente produzido, através de grupos de pesquisa como o QUAPÁ-SEL e a rede de núcleos no Brasil inteiro, como o grupo SEL-RJ e que se dedicam a fomentar a discussão sobre os conceitos trabalhados, onde se inserem os autores Silvio Macedo, Jonathas Magalhães e Vera Tângari.

Através da leitura de teses e dissertações que abordam a construção do sistema de espaços livres na formação de uma cidade, como instrumento de projeto, e através da identificação das centralidades urbanas (WEINGARTNER, 2008; COELHO, 2005; VIEIRA, 2008), pode-se verificar como estes conceitos estão sendo debatidos nas cidades. São visões diferenciadas sobre o mesmo tema, que vem a se somar às leituras relacionadas acima, ajudando a identificar principalmente os antecedentes disciplinares que trataram o assunto.

Cabe dizer que para a compreensão detalhada sobre o objeto de estudo foram realizadas investigações em arquivos públicos, *sites* da internet, periódicos e revistas. A análise sobre a história da Cidade e dos espaços livres do Bairro Popular esbarrou na dificuldade em encontrar material histórico, por isso, os jornais disponibilizados foram de grande ajuda para entender a atmosfera da Cidade nos anos descritos.

¹ Perfil Socioeconômico dos Bairros de Cuiabá e a Evolução do Perímetro Urbano, disponível para consulta através do site http://www.cuiaba.mt.gov.br/orgaos/ipdu/terceira_conferencia.jsp

Grande parte do material iconográfico e cartográfico precisou ser produzida, para que fosse possível descrever processos e principalmente apresentar a Cidade através da problemática tratada na dissertação.

b) Documentos Iconográficos

Para o desenvolvimento da dissertação os documentos iconográficos foram fundamentais, pois permitiram a apresentação dos conceitos discutidos pelos principais autores, e também possibilitaram registrar o processo de transformação avaliado através da pesquisa de campo.

Os documentos iconográficos utilizados foram em grande parte desenvolvidos pela própria autora e também obtidos através da bibliografia pesquisada, da *internet* e recortes de jornais, que retratam principalmente o Bairro Popular em décadas anteriores.

O trabalho de campo objetivou uma maior aproximação com os motes de análise e, nesse intuito, a autora percorreu o Bairro captando a atualidade através de fotografias. Foram feitas mais de setecentas fotos entre junho de 2007 e janeiro de 2009, e mesmo em tão pouco tempo essa importante fonte de pesquisa evidencia a rapidez com que a área de estudo se transforma. Também foram usadas fotografias do Bairro desde o ano de 2001 obtidas através de amigos e colaboradores. Esse instrumento foi de grande importância para a análise da morfologia do Bairro, vinculada a forma, escala, função e uso dos espaços livres públicos e privados

c) Documentos Cartográficos

A representação cartográfica representa, para esta dissertação, parte da contribuição científica, desenvolvida com a intenção de não apenas ilustrar, mas ser incorporada ao discurso de interpretação e análise dos dados.

Os mapas do Bairro Popular foram desenvolvidos com base em duas imagens aéreas da Cidade, a primeira de junho de 1988 – parte do arquivo público municipal, e a segunda de 2008 – capturada no site *Google Maps*. Através destes 20 anos que separam uma imagem da outra, pode-se perceber a rápida transformação da área, tanto na retração dos espaços livres de edificação, quanto na mudança da tipologia construída através da forte tendência à verticalização.

As escalas adotadas nos mapas variaram, pois se ajustaram às necessidades de análise pretendidas, permitindo a visualização da situação geral, como foram as cartografias do Capítulo 3, ou a análise mais específica, como a que foi realizada sobre dos espaços livres

privados intra-lotes e dos espaços livres de maior dimensão, como praças e terrenos baldios, no Capítulo 4.

Através da cartografia², foi possível manusear os principais dados e organizá-los sistematicamente por campos de interesse, entendendo graficamente o que a pesquisa teórica e conceitual introduziu. Por esse motivo a cartografia tem para este trabalho peso fundamental, tanto como base quanto representação, pois é utilizada como apoio e como produto da pesquisa, constituindo-se em importante contribuição da dissertação.

d) Pesquisa de Campo

A pesquisa de campo contribuiu nesta dissertação como um fator de aprofundamento no objeto de estudo, tendo sido aplicada a técnica de observação direta, buscando-se observar a relação entre os diferentes públicos que convivem no Bairro: moradores, visitantes ocasionais e trabalhadores.

- Observação direta não participativa

A observação não participativa acontece através do contato direto do pesquisador com a área de estudo, sem influenciar o cotidiano durante o contato. O observante se coloca externo àquela atmosfera, retratando, através de anotações e fotografias, o que vê e percebe. Essa fase da pesquisa foi programada para acontecer em duas etapas de 15 dias. No primeiro momento, entre os dias 10 e 23 de dezembro de 2008 e 02 e 15 de janeiro de 2009, foram anotadas as primeiras impressões sobre a dinâmica do Bairro, percorrendo as suas ruas em horários diferentes, inclusive no período noturno, e observando os usos dados às ruas e calçadas.

Nesses aproximadamente 30 dias participando do cotidiano local, inclusive no período noturno quando se intensifica a quantidade de visitantes no Bairro, o propósito foi identificar e mapear os usos e apropriações dos espaços livres públicos.

Não se pretende afirmar que o resultado dessa pesquisa de campo traçou o perfil de uso permanente, mas que retratou as relações do momento atual, provocando a discussão e

² A cartografia da dissertação se baseou nas seguintes fontes da **Prefeitura Municipal de Cuiabá**:

- Planta cadastral planaltimétrica de Cuiabá 1:2000,1983
 - Fotografia aérea, 1988
 - Desenho em PDF contendo loteamento original do Bairro Popular.
 - Perfil Socioeconômico de Cuiabá, 2007
 - Evolução do Perímetro Urbano de Cuiabá, 2007
- Google Maps:** Fotografia de satélite capturada em maio de 2008.

deixando campo aberto para novas pesquisas sobre o assunto ou mesmo sobre o objeto de pesquisa.

- Observação participativa

Recorreu-se a entrevistas para auxiliar na análise dos espaços, definindo a hierarquia e apropriação dos espaços livres públicos, com ênfase nas praças e vias, e a imagem percebida do Bairro, através da definição de seu limite pelos moradores, usuários e visitantes.

Os participantes foram abordados na rua ou nos locais de trabalho de modo aleatório, não sendo feito qualquer tipo de identificação, apenas indagando-se qual o local da moradia para saber em qual grupo da pesquisa o entrevistado seria classificado seria enquadrado.

Na aplicação das entrevistas diretas foi elaborado um planejamento que dividiu os oitenta e sete entrevistados em três grupos de pessoas: os que moram no Bairro (32 pessoas), os que apenas trabalham no Bairro (22 pessoas) e por fim os que apenas frequentam o Bairro em visitas ocasionais, compras ou entretenimento (33 pessoas).

A seguir o entrevistado foi convidado a participar de uma dinâmica dividida em duas partes:

i. Representar graficamente:

Foi entregue ao participante um mapa com as ruas do Bairro nomeadas e as principais ruas adjacentes, sem a identificação do limite administrativo, estabelecido pela prefeitura. Solicitou-se que a pessoa fizesse uma marcação do limite que ele entendia como sendo o do Bairro Popular. O pesquisador não emitiu nenhuma opinião sobre o que foi representado, para que a real intenção do participante fosse representada.

ii. Responder a questão:

- Quando você pensa no Bairro Popular o que é a primeira coisa que lhe vem à mente?

O resultado da pesquisa de campo deu subsídios para as análises descritas nos Capítulos 3 e 4, onde a observação foi o principal conteúdo.

Pela dificuldade em acessar os espaços privados, optou-se por desenvolver essa análise de forma diferente do que foi feito nos espaços públicos, tendo sido analisados exemplos de cada categoria de espaço livre privado enfatizando a relação que este mantém, ou não, com o espaço livre público.

Após a coleta, análise e síntese dos dados, procedeu-se a elaboração das reflexões conclusivas a respeito das questões centrais da pesquisa, principalmente a evolução urbana local e seu reflexo sobre o sistema de espaços livres do Bairro Popular.

e) Estrutura dos capítulos

O conteúdo decorrente da pesquisa é apresentado em quatro capítulos:

No **primeiro capítulo** delimita-se a base do referencial teórico em que se desenvolve a análise, apresentando os principais conceitos que constroem o discurso: sistema urbanos, espaços livres, espaços públicos, espaços privados e categorias destes espaços, através da forma, escala, função e uso.

O **segundo capítulo** delimita a área de estudo, apresentando o processo da formação urbana de Cuiabá através dos diferentes vetores de crescimento urbano e contextualiza a origem e formação do Bairro Popular.

No **terceiro capítulo**, o Bairro é analisado em maior detalhe sob os aspectos urbanístico, paisagístico e arquitetônico.

E no **quarto capítulo**, destaca-se o sistema de espaços livres, públicos e privados, e a sua relação com o entorno.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

“... o espaço é a acumulação desigual de tempos”

Milton Santos

1.1. Sistemas urbanos de espaços livres de edificação

1.1.1. Sistemas urbanos

O conceito de sistema relacionado a este estudo é o de conexão funcional e formal entre partes, uma relação de interdependência entre os elementos. O geógrafo Milton Santos afirma que não se deve fixar apenas aos elementos, mas também aos meios com que eles se relacionam, pois assim é possível conhecê-los. *Fatos isolados são abstrações e o que lhes dá concretude é a relação que mantêm entre si* (SANTOS, 1988).

A arquiteta Raquel Tardin Coelho afirma que em um sistema, elementos e relações compõem um todo, cujas dinâmicas influem em sua estrutura geral, sem que se estabeleça a hegemonia de um ou outro elemento em relação ao conjunto (COELHO, 2005).

Essas relações podem se estabelecer em diferentes graus, criando sistemas e subsistemas que por sua vez funcionam como elementos dos sistemas maiores, fortalecendo-os.

Em relação à sua dinâmica, Milton Santos afirma que os sistemas espaciais evoluem segundo três princípios (SANTOS, 1988):

- i) Evolução exógena (ação externa)³: segundo o autor este tipo de evolução acontece através da modificação dos dados internos, que ao se alterarem refletem na capacidade de reação e recepção dos esforços externos;
- ii) Evolução endógena (ação interna): evolução interna acontece de modo coletivo, no todo;
- iii) Evolução íntima (ação interna): acontece de modo individualizado, é igualmente interna, porém acontece através das partes.

Segundo esse autor, as diferenças de resultados aqui sugeridas são dadas pelas condições locais próprias, que agem como um modificador do impacto externo. Essas evoluções são interligadas, pois se alterando qualquer parte da estrutura, modifica-se todo o conjunto interno, refletindo diretamente no modo de apreensão e resposta aos esforços externos.

³ “A ação externa ou exógena é apenas um detonador, um vetor que traz para dentro do sistema um novo impulso, mas que por si só não tem as condições para valorizar este impulso.” (SANTOS, 1988, p. 17)

Um sistema é composto por partes diferentes que se relacionam, muitas vezes de modo contraditório, e que não podem existir separadamente. Através da noção de sistema aplicado ao meio urbano, pode-se analisar seus elementos que são, segundo Santos, os homens, as firmas, as instituições, o chamado meio ecológico e as infra-estruturas. Estes elementos, segundo o autor, por sua vez, são submetidos a variações quantitativas e qualitativas e por isso devem ser considerados como variáveis:

O sistema espacial e as localizações correspondentes aparecem então, como um resultado de um jogo de relações; a análise será tanto mais rigorosa quanto sejam capazes de escapar às confrontações entre variáveis simples que na maioria das vezes levam às análises causais ou a relações de causa e efeito que isolam artificialmente certas variáveis e impedem de abranger a totalidade das interações (SANTOS, 2002).

Deve-se considerar a escala como fator importante na reverberação das movimentações de um sistema, pois sendo ela uma fração de espaço dentro do espaço total, quanto maior a escala do fenômeno, maior tende a ser sua repercussão no sistema. Milton Santos apresenta um esquema no qual define um sistema por um nódulo, uma periferia e a energia mediante a qual as características pioneiras elaboradas e localizadas conseguem projetar-se na periferia, que será então modificada por elas, afirmando que somente a partir desse esquema seremos capazes de apreender sistematicamente as articulações do espaço e compreender sua própria natureza (SANTOS, 2002).

O diagnóstico sistêmico deve considerar os vários níveis de relação entre espaço e o homem. Segundo a visão psicossocial, apresentada por Fisher, o espaço é socializado em razão das condições ambientais e também pelas formas de atividade e relações que se produz, apreendidas em dois níveis: macro-psicossocial (região, cidade, bairro) e micro-psicossocial (locais de moradia, lazer, trabalho), distinguidas através da escala que se pretende compreender (FISCHER, 1994).

Segundo Milton Santos tanto as escalas como os elementos do sistema são variáveis, e o tempo é fator condicionante desta circunstância. O sistema espacial é sempre consequência da projeção de um ou vários sistemas históricos, desse modo um sistema substitui outro, constituindo uma dinâmica que varia com o tempo, pois as funções deste sistema mantêm uma relação com o entorno e com seus elementos⁴.

As transformações locais se refletem diretamente em cada fração de espaço livre e estas mudanças não são lineares, acontecendo em diferentes tempos e em diferentes aspectos.

⁴ “Como o espaço contém características das diferentes idades correspondentes, tal enfoque deveria permitir uma interpretação mais cuidadosa e mais sistêmica das sobrevivências e das filiações” (SANTOS, 2002, p. 79).

Segundo Coelho, *deste modo, o sistema não é um sistema de tempo único, mas sim a estratificação de diferentes idades do sistema que convergem nas permanências⁵ e nas mudanças que passaram aos longos dos anos e que permitem identificar as cicatrizes e as simbioses existentes na atualidade.* (COELHO, 2005, p.31)

Aplicando-se esse conceito para o meio urbano, podemos exemplificar relacionando os sistemas urbanos de rede física, tais como o sistema viário, os sistemas de infra-estrutura e as redes de equipamentos de saúde e educação, os sistemas urbanos de ordem perceptiva, como os marcos históricos e delimitações intra-Bairros, e os sistemas de rede social, tais como os códigos de grupos como as guaritas de segurança e os grafites urbanos (Figura 01).

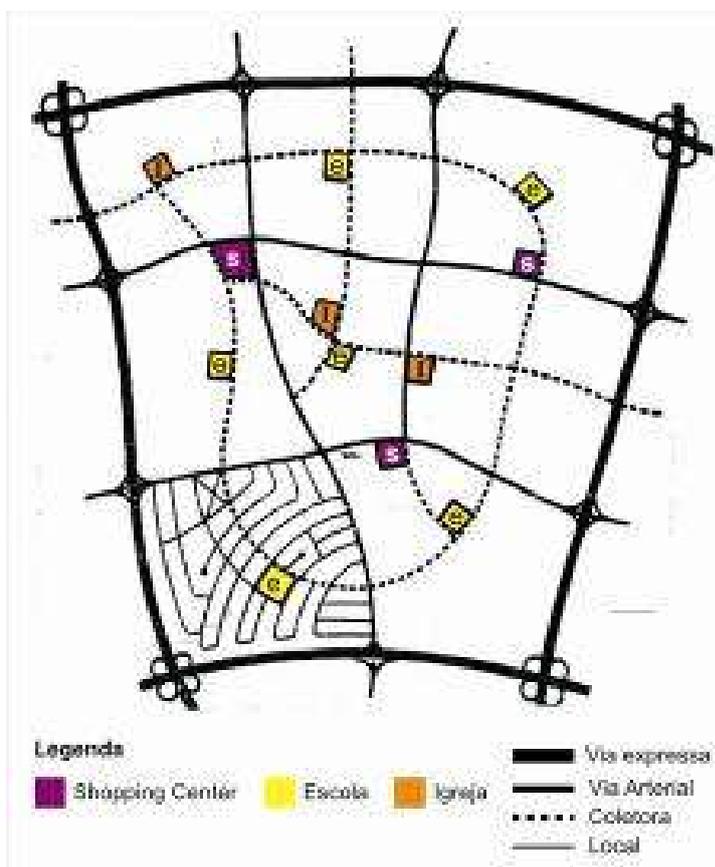


Figura 01. Sistema viário como exemplo de sistema urbano.
(Fonte: Bethânia Moura, 2008)

⁵ “As persistências são detectáveis através dos monumentos, dos sinais físicos do passado, mas também através da persistência dos traçados e do plano. (POËTE apud ROSSI, 2001, p. 52)

Para o objeto desta pesquisa, a análise sistêmica foi aplicada ao estudo da relação entre os elementos de rede física, como um exemplo de sistema urbano em evolução, e aqueles que qualificam os espaços livres de edificação, presentes na cidade como um todo e no Bairro Popular em destaque.

1.1.2. Espaços livres de edificação

O conceito de espaço pode assumir vários significados. Se a definição parte de um matemático, provavelmente a resposta estará ligada ao volume tridimensional que a geometria pode assumir. Se o indagado for um físico, a resposta será ainda mais complexa envolvendo relações concretas e abstratas; para um geógrafo, este conceito é aplicado como uma resposta aos anseios de situar, localizar e apreender um sistema de referências locais, e assim serão as várias significações conhecidas do espaço.

O conceito a ser utilizado para a dissertação se apresenta através de visões multidisciplinares vindas dos campos da arquitetura, da filosofia e da geografia. Entende-se que as diferentes práticas humanas modificam e absorvem novos modos de apreensão das definições de espaço, compreendido nessa pesquisa de duas maneiras: como geometria tridimensional e como campo perceptual e também no campo fenomenológico, conhecido como o espaço vivido, apresentado pelo filósofo epistemológico Gaston Bachelard, que considera como espaço vivido também o espaço percebido pela imaginação que adquire valor à medida que é apreendido e se torna espaço das relações humanas (BACHELARD apud SCHLEE *et al* 2008). Esta definição também é usada por Norberg-Schulz, a partir das obras do filósofo Heidegger, quando insere um elemento perceptivo, o caráter, que seria como uma personalidade, determinado pela constituição material e formal do lugar (SCHULZ,1976).

Para a arquitetura o espaço é o seu objeto, organizado através de eixos que se opõem em composições binárias: interior e exterior, privado e comum, construído e não construído, artificial e natural, amplo e restrito, vertical e horizontal, geométrico e não geométrico. O geógrafo Roberto Lobato Correa interliga esses conceitos, fazendo um dependente do outro, reconhece a simplicidade do método, porém, através da análise, acredita que irá recuperar a complexidade necessária. (NETTO, 2002).

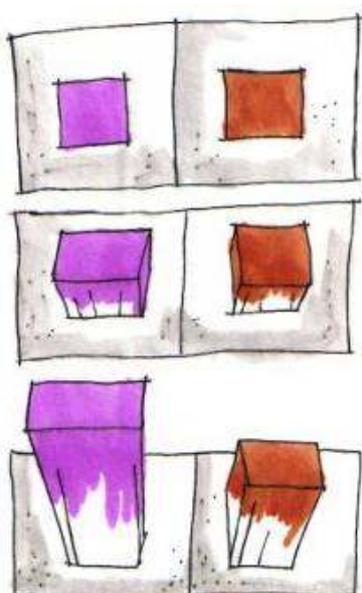
Gordon Cullen apresenta outro modo de reconhecimento do espaço, aquele que parece estar apreendido pelos elementos construídos: o espaço capturado e o espaço funcional, que assume uma função diferente da originalmente atribuída através da apropriação (CULLEN, 1983). Esta afirmação vai de encontro ao pensamento do filósofo Heidegger,

segundo o qual os espaços recebem sua essência dos lugares e não do espaço (SCHULZ,1976).

O espaço é percebido através de estímulos exteriores. As imagens capturadas no cenário urbano se tornam esquemas imagéticos que compõem o referencial sobre a cidade, elaborados tanto de forma individual como de forma coletiva. Sobre este processo em *A Imagem da Cidade*, Kevin Lynch investiga e apresenta seu método de reconhecimento do espaço através de elementos concretos que ele chama de vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos (LYNCH,1985).

Segundo o geógrafo Milton Santos, o espaço não é apenas formado pelas coisas e pelos objetos geográficos, naturais e artificiais, o espaço é constituído pela sociedade, inserindo o homem como agente participante (SANTOS, 1985). A noção de espaço se torna inseparável da relação temporal, passando a ser enxergada como resultante da coexistência de tempos diferentes, tempos tecnológicos diferentes, inserções diferentes do lugar no sistema ou na rede mundial globalizada, diferentes ritmos e processos de coexistências e novas possibilidades (SANTOS *apud* SCHLEE *et al*, 2009).

Para Milton Santos em cada momento histórico, cada elemento muda seu papel e sua posição no sistema temporal e no sistema espacial e novamente o valor de cada elemento deve ser tomado da sua relação com o todo, podendo ser analisado através das relações dialéticas das categorias: estrutura, processo, função e forma (SANTOS,1985). O tempo se torna peça fundamental nesta estratégia de análise, que busca entender como se chegou ao presente, como as forças das relações dialéticas trabalharam na formação do espaço, entendido como sistema, e assim apreender as tendências de crescimento e evolução.



Segundo Corrêa, o espaço urbano é composto por fragmentos articulados, reflexo do processo e condicionante social, resultado de ações acumuladas através do tempo, é assim um sistema complexo, que está em evolução permanente (CORRÊA, 2002). A partir desse sistema complexo, abordamos a relação entre os subsistemas relativos a espaços edificados e os não edificados.

Figura 02. A leitura bidimensional disfarça a situação real
(Desenho da autora sobre esquema de Silvio Macedo, 2006)

Segundo Miranda Magnoli, o espaço urbano pode ser dividido em espaço edificado, aquele delimitado por três planos (piso, parede e teto) e espaço livre de edificação, definido de modo geral como espaço sem cobertura⁶. A autora afirma que *o espaço livre é todo o espaço (grifo nosso) não ocupado por um volume edificado (espaço-solo, espaço-água, espaço-luz ao redor das edificações a que as pessoas têm acesso), não somente internos ao tecido urbano, mas aos espaços que estão ao redor, na auréola da urbanização* (MAGNOLI, 2006).

Podemos, de um modo preciso, definir espaços livres como todos aqueles não contidos entre paredes e tetos dos edifícios construídos pela sociedade para a sua moradia, lazer e trabalho. No contexto urbano, tem-se como espaços livres todas as ruas, praças, largos, pátios, quintais, (...) e outros por onde as pessoas fluem no seu dia-a-dia (...) (MACEDO, 2005).

Os espaços livres e os espaços edificados conceituados e concebidos de forma isolada se tornam fragmentos, que de certa forma enfraquecem a unidade, pois a influência de um sobre o outro é bastante significativa. Na medida em que as edificações são distribuídas nas várias escalas do tecido urbano, estão ao mesmo tempo definindo as configurações físicas do espaço livre (TANKEL *apud* MAGNOLI, 2006), portanto o espaço livre não deve ser avaliado bidimensionalmente, pois esta escala⁷ disfarça a forma e a volumetria real (MACEDO *apud* MAGNOLI, 2006) (Figura 02 e Figura 03).



Figura 03. Praça XV / Rio de Janeiro – Exemplo de leitura bidimensional e tridimensional
(Fonte: A- Google Maps , data.../ B- (Fonte: Bethânia Moura, 2008)

⁶ A definição de espaço edificado e espaço livre de edificação apresentada soma-se às definições desenvolvidas por Yoshinobu Ashihara sobre espaço interior e espaço exterior (ASHIHARA, 1982)

⁷ Sobre escala relacionada ao desenho de espaços livres ver: ASHIHARA, Yoshinobu. *El diseño de espacios exteriores*. Barcelona: Editora Gustavo Gili, S. A., 1982.

Sobre a definição da configuração física a que se refere Miranda Magnoli, acrescenta-se que a transformação dos espaços livres em índices, ou seja, valorizando apenas as quantidades, é uma preocupação secundária, é importante preocupar-se com **a localização e distribuição desse** espaço dentro da configuração urbana e regional. A distribuição plena propicia o enriquecimento das atividades do homem urbano e globalizado, a difícil e abstrata polêmica da quantificação passa a ser um falso problema, pois a quantidade é constante em seu todo; o que varia é a distribuição e a configuração (*grifo do autor*) dessa distribuição nas diversas escalas da urbanização (MAGNOLI, 2006). (Figura 04)

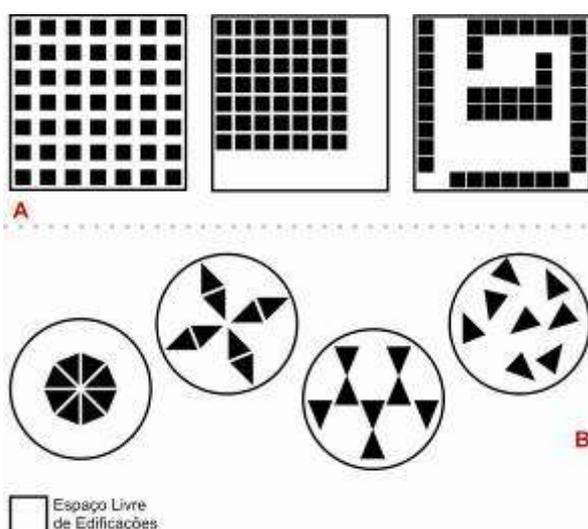


Figura 04.

(A). Representa as edificações em quadrados escuros sobre o espaço livre; observa-se que a quantidade é a mesma para qualquer arranjo; o que altera é a distribuição vinculada a outras morfologias.

(B). Representa a urbanização e o espaço exterior, volta-se a observar a variação da distribuição com a mesma quantidade. O segundo exemplo mostra maior adensamento com acréscimo de espaço livre. A distribuição do espaço livre em implicações com a concentração ou as polinucleações.

(Fonte: Miranda Magnoli, 2006)

As diversas relações sistêmicas que delineiam a cidade, do ponto de vista formal e funcional, estão no desenho e no arranjo que se faz entre o espaço edificado e o espaço livre, que deve permitir acesso, luz, e ar às edificações (além de vistas, circulação, permanência, apoio a serviços locais e urbanos, espaços para a vida ao ar livre, apoio para infra-estrutura e reserva para usos urbanos futuros como habitação).

Segundo SCHLEE *et al*, os espaços livres urbanos constituem um sistema complexo, que se inter relacionam com outros sistemas urbanos de duas formas: por justaposição ao sistema de espaços livres (sistema de objetos edificados e seu correspondente sistema de ações) ou por sobreposição, total ou parcial, enquanto sistemas de ações. Entre seus múltiplos papéis, por vezes sobrepostos, estão à circulação e a drenagem urbanas, atividades de lazer, conforto, preservação, conservação, requalificação ambiental e convívio social. O sistema de espaços livres de cada recorte espacial, tanto urbano como rural, pode apresentar um maior ou menor grau de planejamento e projeto, um maior ou menor interesse da gestão pública num ou noutro subsistema a ele relacionado (SCHLEE *et al* , 2006 e 2009).

Ao longo da história do objeto desta pesquisa - a Cidade de Cuiabá - sua paisagem foi sendo modificada e seus espaços construídos e livres, reconfigurados assumindo outras

formas, usos e funções, assumindo novas relações de acordo com o tempo histórico e com o querer de seus habitantes.

Sendo o Bairro Popular objeto de investigação principal desta pesquisa, na escala de análise proposta, interessa-nos relacionar o sistema de espaços livres de edificação na escala da cidade, do Bairro e das quadras, possibilitando integrar as diversas escalas de interação entre o espaço edificado e o não edificado.

1.2. Categorização dos espaços urbanos livres de edificação

1.2.1. Quanto à forma

Do ponto de vista da ecologia da paisagem, Richard Formam afirma que o sistema de espaços livres é estruturado como um mosaico de ecossistemas que reúne tanto espaços contínuos como espaços descontínuos e estão definidos por áreas, corredores e fronteiras, denominados pelo autor por (FORMAM *apud* COELHO, 2005, p. 29):

- Fragmentos (*patches*): podem adquirir diversos formatos, são como peças de um mosaico com características homogêneas;

- Corredores (*corridors*): elementos lineares que atravessam um determinado lugar podem ser do tipo *trough corridors* (como faixas onde a vegetação tem menor porte que o entorno), *wooded strips* (corredores com vegetação mais alta que o entorno) e *stream and river corridors* (são faixas de vegetação, podendo ser mais altas ou mais baixas que a vegetação do entorno, que contêm um curso d'água).

- Matriz (*matrix*): são ecossistemas com áreas extensas, corredores ou grandes manchas, capazes de estabelecer uma relação de vínculo com a paisagem regional, e possuem três atributos básicos, correspondentes à área (cobertura vegetal predominante de um local), à conectividade (corresponde ao nível de intensidade com que uma área está ligada às demais) e ao controle das dinâmicas (presença de elementos que são fonte de recursos necessários para a formação do meio);

- Margem (*boundary zone*): todos os elementos do sistema possuem margens, que são áreas de fronteiras limitando um elemento do outro. Esta fronteira pode existir entre dois espaços livres ou entre um espaço livre e um espaço construído.

Os elementos do sistema se diferenciam através da intensidade entre o nível de continuidade ou descontinuidade que existe entre eles. Os elementos contínuos estão conectados entre si e os elementos descontínuos estão separados, porém se colocam como peças “satélite” do sistema contínuo. Coelho enfatiza que no processo o importante é manter a continuidade do fluxo de relações do sistema, pois, caso contrário, seriam componentes estancados em si mesmo ou no máximo justapostos (FORMAM *apud* COELHO, 2005, p.30).

Kevin Lynch apresenta no livro *A Boa Forma da Cidade* um conceito de espaço livre através da denominação **espaço aberto**. Para o autor, *o espaço aberto tem muitas funções, entre as quais a imersão, o contraste e a experiência rural, e também a utilização diária imediata destinada às atividades normais* (LYNCH, 2007). Podem ser distribuídos no tecido urbano

de duas formas: **concentrados** e **contínuos** dando forma à cidade, ou devem ser **pequenos** e estar **pulverizados** sendo acessíveis a todos, e o adequado para a cidade é que estas duas condições são complementares e não alternativos, formando um sistema mais completo. (Figura 05)



Figura 05. Formas de distribuição dos espaços abertos na cidade de Cuiabá, baseado no esquema de Kevin Lynch – (A) Concentrados / (B) – Pulverizados
(Fonte: Desenho da autora sobre Google Maps, 2009)

1.2.2. Quanto à escala

Citada por Gutenberg Weingartner, a arquiteta Márcia Menneh afirma em sua tese que o *sistema de espaços livres urbanos é subdividido em sistema de espaços livres de circulação e sistema de espaços livres de lazer e conservação* (MENNEH apud WEINGARTNER, 2008, p.27). O autor adota um critério de classificação através da *escala de abrangência* sobre o entorno, *sendo definido pela relação de importância dos espaços livres em relação às atividades urbanas e o público que dele usufrui* (WEINGARTNER, 2008, p.27). O autor os divide em quatro escalas:

- Escala da vizinhança (raio de ação 500 m): influência apenas local e acolhe um público menor composto geralmente por crianças e idosos, fazendo parte do cotidiano dos usuários;

- Escala do bairro (raio de ação 1000 m): abrange um público maior demandando terrenos mais amplos e os programas devem ser diversificados para atenderem a jovens e adultos. A frequência de utilização é, de forma geral, de mais de uma vez por semana;

- Escala da cidade (raio de ação 5000 m): deve ser acessível a todos os públicos, jovens, adultos e idosos, o programa é geralmente complexo e deve prever maior frequência de pessoas nos finais de semana.

- Escala metropolitana: área de abrangência sobre duas ou mais cidades, deve considerar a situação e o acesso entre os núcleos urbanos sob sua influência. O uso é eventual.

Outra forma de divisão desse sistema, proposta por Mariana Vieira, apóia-se na relação escalar, pois, segundo a autora, os espaços livres urbanos são constituídos por dois grupos de espaços, diferenciados de acordo com a escala e localização (VIEIRA, 2008):

- Espaços da escala territorial: elementos geográficos de maior porte, podendo estar localizados em qualquer parte do perímetro do Município (rural e urbano) – são maciços, bacias hidrográficas, reservas naturais e corredores viários expressos;

- Espaços da escala urbana: são aqueles que fazem parte do cotidiano das cidades – vias, praças, parques, quintais, jardins entre outros.

Ao observar o tecido urbano de uma cidade, pode-se concluir sobre a incidência de espaços livres em determinada área através da proximidade das manchas edificadas, e também caracterizar estes espaços livres como elementos de fragmentação e elementos de integração⁸.

O sistema de espaços livres de circulação é dividido em dois subsistemas, segundo o geógrafo Eduardo Yázigi, conforme os modos de utilização destes espaços (YÁZIGI, 2000), sendo o subsistema automobilístico (minhocões, corredores de ônibus e leito carroçável) e subsistema de pedestres (calçadas e calçadões)⁹.

Os fatores que orientaram a diferenciação das categorias incluíram, segundo o autor Yazigi, função principal do espaço livre, alocação dos espaços livres em relação à malha urbana e a distância percorrida para o acesso, o público usuário, a frequência de uso, meio de transporte para o acesso, extensão total da área projetada e/ou planejada, diversidade programática, grau de preservação dos recursos naturais e potencial de suporte de vida silvestre e a frequência de manutenção.

Através da apreensão dos critérios adotados para a classificação exposta acima, fica claro que ela incide mais apropriadamente quando utilizada para designar sistema de espaços livres de lazer e conservação.

⁸ Esta classificação foi sugerida através do trabalho desenvolvido pelo grupo de pesquisa sobre sistemas de espaços livres: SEL-RJ e foi aplicada ao objeto de estudo desta dissertação (Cuiabá), será apresentada a seguir no capítulo II - CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO.

⁹ “(...) a calçada, enquanto contraponto do sistema automobilístico, é o que da vida à cidade.” (YÁZIGI,2000,p. 23)

1.2.3. Quanto à Função

Determinar a função e distribuição dos espaços livres públicos e privados na cidade é papel de seus gestores e governantes. Essa determinação deve constar no planejamento da cidade resguardando à comunidade o direito ao acesso a equipamentos comunitários, e espaços livres de permanência e convívio social, circulação e preservação ambiental.

A seguir são descritas as categorias de espaços livres conforme sua função:

a) Permanência e convívio social

Estes espaços cumprem vários papéis dentro do sistema, como recreação, atividades diversas de lazer e esporte e também visitação (Figuras 06 e 07):

- Espaços livres de permanência e convívio social de caráter público: incluem praças, largos, parques, jardins botânicos dentre outros. Colaboram diretamente para a formação do tecido e do traçado urbano, definindo o caráter¹⁰ e a imagem coletiva da paisagem urbana e do sistema de espaços livres;
- Espaços livres de permanência e convívio social de caráter privado e individual: acontecem dentro de propriedades privadas, guardam as mesmas características descritas acima e dependendo de sua dimensão e do tratamento paisagístico apresentam forte influência na formação da paisagem urbana e no funcionamento do sistema de espaços livres, isto porque proporcionalmente acontecem em maior quantidade do que os espaços públicos. São geralmente os recuos e afastamentos dos lotes individuais destinados a equipamentos recreacionais ou estacionamentos, quintais e jardins em lotes ou quadras de propriedade.
- Espaços livres de permanência e convívio social públicos ou privados: com uso coletivo e por vezes transitório como os pátios em sedes de empresas, clubes, igrejas, escolas e outros.

¹⁰ “(...) o ‘caráter’ denota a ‘atmosfera’ geral que é a propriedade mais abrangente de um lugar. (...) é determinado pela constituição material e formal do lugar.” (SCHULZ, 1976).



Figura 06. Espaço livre público de permanência e convívio social público: PARQUE MÃE BONIFÁCIA - CUIABÁ/MT
(Fonte: <http://img237.imageshack.us/img237/171/mirantebonifaciaffdo9.jpg> - capturado em 02/08/2008)



Figura 07. Espaços livres de circulação privados: CONDOMÍNIO ALFVILLE CUIABÁ/MT
(Fonte: <http://maps.google.com.br> - capturado em 10/08/2008)

b) Circulação

Compreendem os espaços onde ocorre a movimentação de pedestres e veículos na cidade, dividem-se em:

- Espaços de circulação públicos: possibilitam o acesso de vários grupos sociais e são divididos em sistemas de circulação de pedestres e sistema de circulação de veículos. São as ruas, calçadas, calçadões, passarelas.
- Espaços de circulação privados: são sistemas de circulação de veículos e pedestres internos a áreas de lotes individuais.
- Espaços de circulação em lotes ou quadras de propriedade pública ou privada com uso coletivo: são áreas de circulação em quadras e lotes de uso

residencial multifamiliar, pátios em sedes de empresas, clubes, igrejas, escolas e outros.

Segundo Vieira, *o grau de abrangência das funções das vias deve-se às suas conexões com outras vias, às possibilidades de ligação e comunicação que configuram, e ao papel que desempenham em relação à estrutura viária à qual pertencem* (VIEIRA, 2008).

c) Preservação ambiental

São de vários tipos, em geral definidos por legislação específica¹¹, como as unidades de conservação¹², as áreas de preservação permanente e as faixas da marinha ao longo do litoral. Cumprem um papel importante no equilíbrio ecológico dos sistemas urbanos. São as reservas naturais, bosques e todos os resíduos de vegetação nativa. (Figura 08)



Figura 08. Espaço de preservação ambiental: MATA CILIAR DO RIO CUIABÁ - CUIABÁ/MT
(Fonte: <http://201.45.57.3:6060/displayimage.php?album=43&pos=5> – capturado em 02/08/2008)

As áreas de preservação ambiental podem ser definidas pela municipalidade tanto em propriedades de caráter público como de caráter privado, incidindo sobre esses índices e parâmetros de zoneamento específicos. Em algumas situações, as áreas de preservação ambiental podem também ser destinadas a determinados usos recreativos, educativos ou de contemplação.

¹¹ Um importante instrumento para a proteção e a conservação ambiental é fazer valer as diretrizes apresentadas pelos Planos Diretores municipais, pois foram gerados através da realidade local. Faz-se importante ressaltar que a preocupação com os espaços de preservação ambiental é algo muito recente. No caso de Cuiabá, por exemplo, o Plano Diretor promulgado pela Lei Complementar N°003 de 24 de dezembro de 1992, que vigorou até o ano de 2007, fazia menção muito superficial as questões do desenvolvimento urbano na área de meio ambiente e recursos natural, geralmente relacionada aos recursos hídricos, abundantes na região. (LEI COMPLEMENTAR N°003 – CAP. I – Art. 10°)

¹² Pelo Código de Defesa do Meio Ambiente e Recursos Naturais do Município de Cuiabá, são definidas duas classificações para as unidades de conservação: **Unidades de Proteção Integral** (parques, reservas, áreas de preservação permanente entre outras) e as **Unidades de Manejo Sustentável** (áreas de proteção ambiental, florestas municipais, áreas verdes e outras). As unidades de conservação e os seus reflexos no tecido urbano serão discutidos mais à frente. (LEI COMPLEMENTAR N°004, de 24 de dezembro de 1992 – PARTE II – Art. 524°)

1.2.4. Quanto ao Uso

O perfil de uso dos espaços livres é definido, sob o ponto de vista da intenção, a partir da forma e da temporalidade de utilização pela população. Para fins dessa pesquisa, definimos os tipos de uso abaixo:

a) Uso programado: são projetados e equipados para atenderem às demandas tradicionais por espaços livres públicos ou privados, mantendo o uso a que foram concebidos – Ex.: praças de recreação, parques esportivos, parques infantis etc.

b) Uso transitório: São espaços livres públicos ou privados que mesmo com um programa pré-estabelecido, durante períodos sazonais pode adquirir outros usos, por exemplo, as ruas que recebem feiras-livres em determinado dia da semana, as praças destinadas a eventos ou as ruas usadas para procissões e festas;

c) Uso indeterminado: áreas onde não há um tratamento ou programa específico, mas que assumem várias funções. Podemos citar, por exemplo, os terrenos baldios e fundos de quadras que acabam se transformando em campos de futebol ou estacionamentos.

Como se pode concluir a partir da categorização exposta acima, existe uma diversidade de tipos de espaços livres, que nascem de combinações entre a propriedade, a acessibilidade, a função, a forma, a escala e o tipo de uso. Como uma tentativa em classificar estes espaços foi montada uma tabela, segundo VIEIRA *apud* CARR *et al* (1992)¹³, ilustrada pela autora.

¹³ Tabela produzida por Mariana Dias Vieira para a tese de doutorado *Centralidades urbanas: A influência das atividades comerciais na estrutura sistêmica dos espaços livres*, de acordo com informações coletadas em: CARR *et al*, 1992.

CLASSIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS LIVRES

Parques públicos



Figura 09. Espaço Livre: Parque Público
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

(i) **parques centrais** – espaços livres públicos geralmente localizados em áreas zoneadas próximo ao centro da cidade ou em suas proximidades; (ii) **parques urbanos** – espaços livres públicos caracterizados pela forte presença de vegetação inseridos na área urbana, podendo ser parques tradicionais ou parques históricos/temáticos; (iii) **parques de bairro** – espaços públicos desenvolvidos para áreas residenciais, podendo ser administrados pelo poder público em área zoneadas ou por um empreendimento residencial privado com playgrounds e áreas destinadas à prática de esportes.

Praças



Figura 10. Espaço Livre: Praça
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

(i) **praças** – podem ser planejadas ou espontâneas. Neste último caso, podem ser consideradas como praças as esquinas que se transformam em pontos de encontro, escadarias de igrejas etc.; (ii) **praça corporativa** – desenvolvida como parte de um edifício comercial, freqüentemente situada no centro da cidade. Construída, idealizada e administrada pelos setores privados; (iii) **memorial** – espaço público construído para lembrar eventos de relevância local ou nacional; (iv) **mercados livres** – espaços públicos usados por vendedores de frutas, verduras, carnes e peixes (atividades que ocorrem com uma freqüência temporária ou, ocasionalmente durante certo período de tempo e que podem acontecer, desde que existam espaços em parques, ruas, praças ou estacionamentos.)

Ruas



Figura 11. Espaço Livre: Rua
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

(i) **calçada de pedestres** – parte das cidades onde as pessoas se movem a pé, mais comumente encontrada ao longo das vias ou passeios que ligam uma área a outra, dentro do perímetro urbano; (ii) **calçadas** – geralmente antigas ruas do centro antigo da cidade que por não suportarem o trânsito intenso são transformadas em calçadas, o uso do automóvel passa a ser proibido, ficando acessível apenas para pedestres; (iii) **ciclovias** – ; (iv) **trilhas urbanas** – áreas conectoras de partes das cidades através de trilhas integradas; uso de ruas e espaços livres planejados para participarem no processo de conscientização ambiental.

Playgrounds



Figura 12. Espaço Livre: Playground
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

(i) **playgrounds** – área livre, freqüentemente equipada com brinquedos, área de jogos e bancos; (ii) **play escolar** – algumas áreas escolares desenvolvidas para servirem a comunidade, podendo estar, ou não, engajadas na conscientização ambiental.

Espaços livres comunitários



Figura 13. Espaço Livre: Espaços comunitários –
Campo de futebol de terra
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

(i) **jardins ou parques comunitários** – áreas com abrangência de bairro, desenhadas, desenvolvidas ou administradas pela comunidade residente em áreas desocupadas. Podem incluir vista de jardins, áreas de jogos e jardins comunitários. São freqüentemente desenvolvidos em terreno privado, não oficialmente incluído no sistema de espaços livres das cidades; freqüentemente vulnerável à mudança de lugar devido a outros usos que possam acontecer no mesmo local, como por exemplo, assentamentos habitacionais ou comerciais.

Átrios/ lugares de mercado (áreas internas)

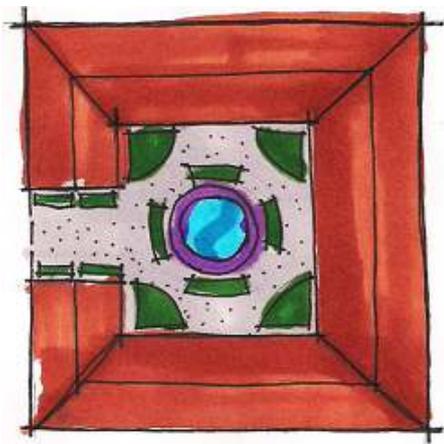


Figura 14. Espaço Livre: Átrio
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

(i) **átrio** – espaço interior privado desenvolvido como um “átrio interno” ou como uma “praça interna” ou “ruas de pedestres”, encontra-se em várias cidades como parte do sistema oficial de espaços, desenvolvido e administrado pela iniciativa privada como parte de um edifício de escritórios comerciais; (ii) **lugares de mercado em shopping centers** – áreas internas em shopping privados novos ou edificações antigas reabilitadas.

Espaços residuais de vizinhança

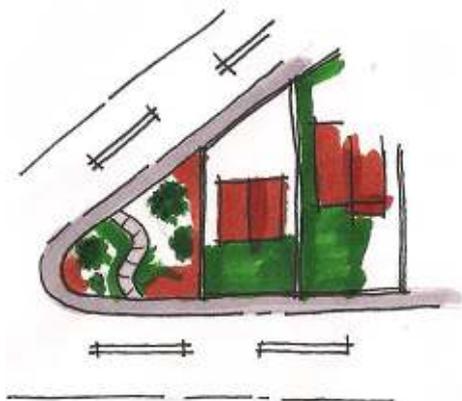


Figura 15. Espaço Livre: Residuais de Vizinhança
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

(i) **espaço livre publicamente acessível**, tais como: esquinas de ruas, degraus de edifícios, etc., espaços que as pessoas usam para reivindicar. Podem ser áreas desocupadas localizadas nos bairros, incluindo lotes desocupados de futuras edificações e são freqüentemente usados por crianças, adolescentes e residentes locais.

Margens de águas



Figura 16. Espaço Livre: Margens de água
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

(i) **margem de água, portos, faixas de praias, lagos, rios** – espaços livres ao longo das margens d’água nas cidades, proporcionando aumento de acesso, desenvolvimento e conservação dessas áreas, conhecidos também como parques lineares.

1.2.5. Quanto à posse e à propriedade

Conceituar a acessibilidade em relação aos espaços públicos e privados é estar além das questões sobre o direito a propriedade, é falar também sobre a existência e possibilidade de acesso que define se um espaço livre está aberto ao acesso público, ou tem algum tipo de barreira que o torna de acesso privado, assim como possíveis nuances dessa relação.

-Espaços públicos:

Para tratar sobre a propriedade e garantia de acesso aos espaços livres da cidade, é importante apresentar a trecho do Código Civil Brasileiro que define o que são os bens públicos (Lei 10.406, 10 de janeiro de 2002, Capítulo III, dos bens públicos):

Art. 98. São públicos os bens do domínio nacional pertencentes às pessoas jurídicas de direito público interno; todos os outros são particulares, seja qual for a pessoa a que pertencerem.

Art. 99. São bens públicos:

I - os de uso comum do povo, tais como rios, mares, estradas, ruas e praças;

II - os de uso especial, tais como edifícios ou terrenos destinados a serviço ou estabelecimento da administração federal, estadual, territorial ou municipal, inclusive os de suas autarquias;

III - os dominicais, que constituem o patrimônio das pessoas jurídicas de direito público, como objeto de direito pessoal, ou real, de cada uma dessas entidades.

Parágrafo único. Não dispondo a lei em contrário, consideram-se dominicais os bens pertencentes às pessoas jurídicas de direito público a que se tenha dado estrutura de direito privado.

Art. 100. Os bens públicos de uso comum do povo e os de uso especial são inalienáveis, enquanto conservarem a sua qualificação, na forma que a lei determinar.

Art. 101. Os bens públicos dominicais podem ser alienados, observadas as exigências da lei.

Art. 102. Os bens públicos não estão sujeitos a usucapião.

Art. 103. O uso comum dos bens públicos pode ser gratuito ou retribuído, conforme for estabelecido legalmente pela entidade a cuja administração pertencerem.

Os espaços livres públicos são bens de uso comum, geralmente zelados pelas diversas esferas públicas governamentais, em alguns casos adotados por instituições privadas como ONG's e institutos sem fins lucrativos. São aqueles espaços que admitem o livre acesso da população e podem ser espaços de circulação, permanência, convívio, proteção, preservação e regeneração ambiental, dentre as suas principais funções (Figura 17).



Figura 17. Espaço Público: Praça da República - Centro de Cuiabá
(Fonte: Bethânia Moura, 2008)

A capacidade de adaptação é um atributo dos espaços livres públicos através do tempo. Segundo a urbanista Françoise Choay, a ideia *de espaço público pode ser superficialmente entendida como um conceito isolado e estático verificando, porém, que o próprio conceito ao longo do tempo tem o seu significado alterado e assim, sofre mudanças.* (CHOAY, 1998) A autora completa ainda que *o espaço público não possui uma definição rigorosa*, estando sempre relacionado com as práticas sociais coletivas refletindo os diferentes contextos históricos. E acrescenta que a diferença entre a definição do que se nomeia como *espaço livre público* e *espaço verde* corresponde às diferentes formas de ocupar e reflete os anseios urbanos que interagem com a própria forma física e seu tratamento.

O arquiteto e urbanista francês Philippe Panerai chama atenção para a habilidade que o espaço livre público tem de organizar o tecido urbano: *esse conjunto organiza-se em rede a fim de permitir a distribuição e a circulação. A rede é contínua e hierarquizada; isso quer dizer que uma rua principal organiza uma porção do território urbano maior que uma rua local ou viela* (PANERAI, 2006).

- Espaços Privados:

Reconhecida a dicotomia público e privado, que se estabelece através de conceitos bipolares e interdependentes, conclui-se que vinculam-se a relações de propriedade, acessibilidade e direito ao uso, sendo os espaços privados aqueles que pertencem a indivíduos ou instituições, e que normalmente apresentam acesso restrito ao público (Figura 18).



Figura 18. Espaço Privado: Quintal de uma residência
(Fonte: Bethânia Moura, 2008)

O espaço urbano tornou-se um bem de caráter mercantil, passando a capital comum das sociedades, sendo sua aquisição reservada àqueles que dispõem de condições particulares de acesso e de negociação. Assim os que podem adquirir parcelas de espaços, que passam a ser encarados como mercadoria, com maior ou menor valor de troca. O geógrafo Milton Santos critica esse processo de transformação do espaço em mercadoria que, juntamente com a capacidade de marketing, influencia diretamente a ocupação de todo o planeta.

O espaço, soma dos resultados da intervenção humana sobre a terra, é formado pelo espaço construído que é também espaço produtivo, pelo espaço construído que é apenas uma expectativa, primeira ou segunda, de uma atividade produtiva, e ainda pelo espaço não-construído mas suscetível – face ao avanço da ciência e das técnicas e às necessidades econômicas e políticas ou simplesmente militares – de tornar-se um valor, não-específico ou particular, mas universal, como o das mercadorias no mercado mundial.(SANTOS, 1982)

Segundo esse autor, o espaço é manipulado e se torna capaz de separar os homens em classes sociais, estratificando as sociedades entre os que detêm grandes porções de terra e os que não conseguem acesso a elas.

- Espaços de Transição

O que define a relação entre o público e o privado não é apenas propriedade e acessibilidade, mas o grau de apropriação de um determinado espaço. *Não basta ter estabelecido a quem pertencem os bens, reconhecer-lhes a sua prioridade, coletiva ou individual, e submetendo os que têm importância social a um regime particular; é também preciso tornar-lhes possível a circulação e facilitar a atividade dos indivíduos no sentido do seu aproveitamento* (BETTI apud DANTAS).

Em espaços públicos em diversas situações, ocorre a inserção de barreiras ou outras interferências, que de algum modo podem “filtrar” o acesso a um espaço inicialmente

caracterizado como público. Não necessariamente são obstáculos físicos, mas podem ser fruto de apropriações privadas que podem confundir e até mesmo alterar o valor social. Mariana Vieira em sua tese faz referência a um prolongamento do espaço privado no espaço público, efetuado mediante o processo que ela denominou por **privatização intermediária** (*grifo do autor*): *refere-se às zonas de transição que se localizam nas intersecções dos espaços públicos e privados, facilmente percebidos nas estruturas comerciais formais, onde o grau de permeabilidade público/privado é bastante flexível e depende de cada atividade desenvolvida.* (VIEIRA, 2008)

Esses espaços de transição mantêm em si uma relação complexa, pois segundo Annie Eppinghaus um não existe sem o outro, e a perda de território de um implica no ganho relativo de outro (EPPINGHAUS, 2004). Para Fischer, esse espaço de transição entre o público e privado chama-se **território secundário**, e segundo o autor é o espaço ocupado por grupos que se relacionam segundo regras relativamente formais que identificam o direito de acesso e uso do território, não sendo completamente privado, nem totalmente público e corresponde a ambientes onde ocorrem reuniões de grupos que tenham identidades em comum, sendo um espaço de socialização estrita e direcionada. (FISCHER, 1994)

Resultado da personalização do lugar com a ajuda de marcações e de elementos de apropriação, é resultado da organização social que inscreve no ambiente regras e usos culturais de um determinado grupo ou sociedade. Assim essa definição não é imutável e sim relativa já que cada cultura estabelecerá critérios diferentes para as transições entre espaços reconhecidamente públicos e espaços considerados como privados. (Figura 19)



Figura 19. Espaço de transição: SESC Arsenal – Bairro do Porto Cuiabá
(Fonte: Bethânia Moura, 2008)

A transição entre o público e o privado, descrita por Fischer, apresenta diferentes graus e nuances, tendendo a se intensificar nos últimos 30 anos em locais de acesso restrito a

determinado grupo social que detém a propriedade, como por exemplo, áreas de lazer de condomínios e clubes e espaços livres de vilas, quadras, shoppings abertos e lotes condominiais. (Figura 20)



Figura 20. Espaço de transição: Área de lazer do condomínio St. Mônica Jardins – Rio de Janeiro
(Fonte: <http://www.suacasa.cim.br/imagens%5Cstmonicajardins%5Cimagem2.jpg> – capturado 23/03/2009)

Com a intensificação das formas de morar em condomínios, as novas necessidades e prioridades desses grupos sociais conduziram a transformações dos espaços urbanos, intensificando as barreiras entre a vida privada e a vida pública. Os espaços de uso coletivo em condomínios foram transformados em locais de relações comerciais, integrando a vida da família a situações de circulação e contatos sociais que substituíram as relações outrora construídas nas ruas, praças e parques.

Outro aspecto importante a ser observado na relação entre os espaços públicos e privados é o caráter de transitoriedade, que se configura principalmente em espaços públicos que assumem usos, acessos e apropriações distintas em função da temporalidade (usos diurnos, noturnos ou dias úteis e finais de semana). Assim, em função da sazonalidade, como exemplo, podemos citar públicos como ruas, praças e parques que têm suas funções e relações de acessos transformados em eventos culturais, religiosos ou mesmo comerciais, como festas e procissões, feiras-livres, ruas de lazer, dentre outros exemplos.

É necessário entender que os espaços livres constituem um sistema complexo que é totalmente interligado através de seus subsistemas e elementos constituintes: ruas, lotes privados, fundos de vales, praças, orlas, etc. Este sistema não é estático, evolui em resposta a estímulos principalmente externos, pois os espaços livres são objetos de consumo e por isso comercializáveis, sendo manipulados conforme os interesses das classes dominantes que detêm a grande parcela de propriedade e acesso a terra urbana.

1.3. Os espaços livres como objeto de percepção e apropriação

Segundo Jodelet, para este enfoque é (...) *necessário que se compreendesse que as significações do espaço são marcadas pela cultura e pela história, e que as significações subjetivas que lhes emprestam seus ocupantes têm a ver com a biografia e a história de seu grupo* (DURANTE apud JODELET, 2005). Uma cidade, bairro ou mesmo uma rua, carrega uma diversidade de relações em seus espaços, adquiridas ao logo de sua existência.

A história da continuidade e permanência dos fatos urbanos altera a paisagem, o modo de apropriação e uso da cidade. Entender que esses fatores interferem diretamente no desenho da paisagem torna-se fundamental para uma leitura morfológica consistente. Os elementos integrantes da imagem que a cidade apresenta ao observador são diversificados e reformulados de acordo com o contexto histórico, econômico e social dos usuários particulares de determinada construção do espaço¹⁴.

Neste sentido, faz-se importante destaque à definição de Silvio Macedo: *A duração – vida útil – de um determinado espaço livre urbano pelo tempo afora, está diretamente vinculada à possibilidade constante de apropriação que este permite ao seu público usuário. Quanto mais e melhor possa ser apropriado, desde que convenientemente mantido, maior vai ser sua aceitação social e por mais tempo será mantida sua identidade morfológica* (MACEDO, 1995).

Segundo Fischer, é instintivo ao ser humano, a partir dos processos de projeção psicológica, agir sobre o espaço que se situa, buscando dominá-lo. É um processo natural que extrapola sua percepção de espaço próprio para o ambiente onde vive, podendo ser positiva ou negativa dependendo da relação física entre o homem e o espaço. (FISCHER, 1994)

A apropriação é a resultante de um processo de controle sobre o espaço, ao ser apropriado passa a ser um **lugar**, sendo que este conceito não é utilizado no sentido único de localização abstrata, mas de uma *totalidade constituída de coisas concretas que possuem substância material, forma, textura e cor. (...) Portanto, um lugar é um fenômeno qualitativo ‘total’, que não se pode reduzir a nem uma de suas propriedades, como as relações espaciais, sem que se perca de vista sua natureza concreta* (SCHULZ in NESBITT, 2006).

Um lugar comporta símbolos e expressa significados e tem identidade, elemento que o individualiza. Os lugares criados pelo homem são interiores, têm como características básicas a concentração e o cercamento e são ligados uns aos outros através de caminhos, que são estruturas exteriores. Segundo Schulz, (...) *a estrutura do lugar deveria ser*

¹⁴ SANTANA, Ethel Pinheiro. TÂNGARI, Vera Regina. Espaço Arquitetônico X Apropriação: Estudo de Caso no Centro do Rio de Janeiro – Largo da Carioca e Rua Uruguaiana. *Paisagem e Ambiente: ensaio*, n. 17, p. 9, 2003.

classificada como 'paisagem' e 'assentamento' e analisada por categorias como 'espaço' e 'caráter'. Enquanto 'espaço' indica organização tridimensional dos elementos que formam um lugar, o 'caráter' denota a 'atmosfera' geral que é a propriedade mais abrangente de um lugar (SCHULZ in NESBITTI, 2006).

O espaço livre assume um papel com duplo significado. Em determinadas análises é caracterizado como espaço exterior, seria o caminho que une um lugar a outro e possibilita uma assimilação da paisagem. Em outras análises, o espaço livre também é visto como interior, uma arquitetura sem teto. (ASHIHARA, 1982) Entre as várias definições de espaço como lugar, neste momento nos referimos à definição ligada ao sentido de orientação, abordado por Kevin Lynch em seu livro *A imagem da cidade*¹⁵. A concepção de espaço sugere uma relação interior-exterior e existe em vários graus de extensão e cercamento (LYNCH, 2006).

Os espaços são preposições – sobre, dentro, fora – e o caráter são adjetivos – protetor, festivo, solene. *Uma fenomenologia do caráter deve compreender uma pesquisa sobre os caracteres observáveis bem como um exame de seus determinantes concretos.* (SCHULZ in NESBITTI, 2006). Todos os lugares possuem caráter decorrente do perfil cultural e do perfil biofísico.

Interessa-nos destacar nessa pesquisa a relação imagética apresentada por Lynch como elementos de percepção. São eles vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos. As **vias** são locais de circulação, podem ser ruas, linhas de trem, ambientes observáveis através do trânsito entre eles. Os **limites** são as fronteiras entre duas fases, podendo ser barreiras penetráveis que separam uma região de outra. Os **bairros** são regiões bidimensionais reconhecidas por possuírem características comuns entre eles, são como células que estruturam a cidade. Já os **pontos nodais** são locais de concentração e foco interligados aos elementos Bairro e vias, são também reconhecidos como núcleos. Finalmente, os **marcos** são como referências que se destacam em maio a uma área ou paisagem. São objetos físicos geralmente usados como indicadores de identidade (LYNCH, 2006).

Os elementos apresentados acima não dotam uma determinada área ou objeto de significação estável. São instáveis à medida que podem ser percebidos de diferentes formas pela população que usa e se apropria dos mesmos.

No caso da aplicação dos conceitos e categorias aqui apresentados, foi realizado o mapeamento dos espaços livres no Bairro Popular, na escala da cidade, segundo as categorias estudadas: função, forma e escala por considerarmos que participam ativamente

¹⁵ "(...) remetem às formas físicas, pode ser adequadamente classificado em cinco tipos de elementos: vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos". LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*, p. 51

do cotidiano da cidade, ajudando a definir a imagem e a definição perceptiva do Bairro Popular e de sua evolução através dos anos no Município de Cuiabá.

2. DELIMITAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

2.1. Análise espacial

O Município de Cuiabá está situado no centro-sul do Estado de Mato Grosso e leva o nome de um importante rio da região que separa a capital da segunda maior cidade do estado, Várzea Grande. Juntas, as duas cidades somam 782.662 habitantes¹⁶. A Capital do Estado é o centro geodésico da América do Sul e também um entroncamento rodoviário-aéreo-fluvial. Faz divisa com os Municípios de Várzea Grande, Acorizal, Campo Verde, Santo Antônio do Leverger, Jangada e Chapada dos Guimarães.

O Município de Cuiabá é dividido em quatro regiões administrativas: norte, sul, leste e oeste. A região oeste é formada por 24 Bairros, possui área territorial de 49,23km² e população de aproximadamente 110.073 habitantes segundo dados da Prefeitura¹⁷ (Figura 21).



Figura 21. Subdivisão do Município em quatro sub-divisões administrativas.
(Fonte: Bethânia Moura, 2008)

¹⁶ Segundo estimativa divulgada pelo IBGE em 2008, Cuiabá possui aproximadamente 544.737 habitantes e Várzea Grande 237.925 habitantes. (http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2008/POP_2008_TCU.pdf - Consultado em 04/11/2008). Juntos os dois Municípios formam o Aglomerado Urbano Cuiabá – Várzea Grande (Lei Complementar N°083, de 18 de maio de 2001)

¹⁷ Perfil sócio econômico de Cuiabá, 2007 – organizado com dados do IBGE/2000

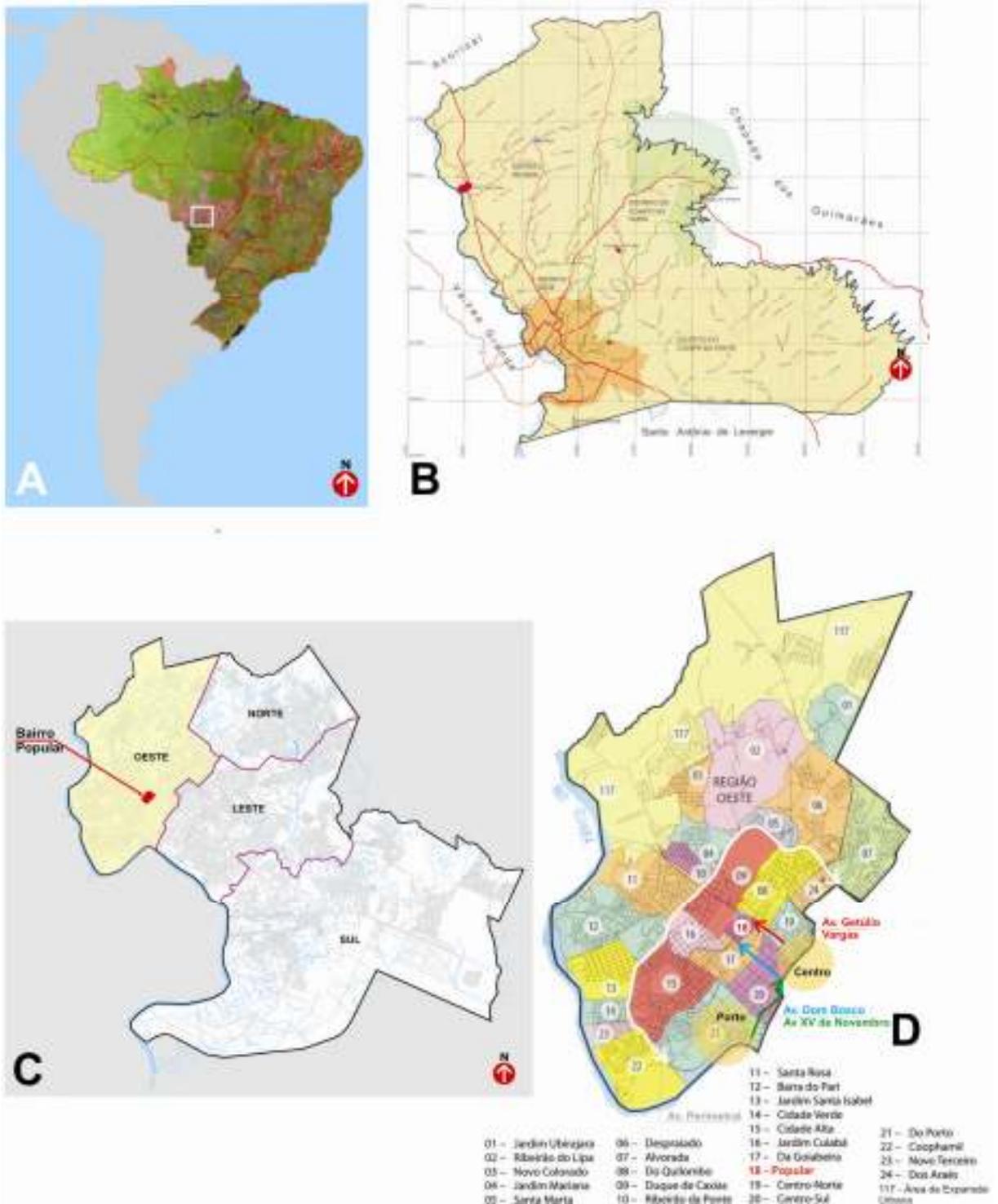


Figura 22:

(A) Localização Brasil sobre a América do Sul - com destaque para a localização do Município de Cuiabá (Fonte: <http://www.cdbrasil.cnpm.embrapa.br>)

(B) Município de Cuiabá (Fonte: Perfil Sócio Econômico de Cuiabá, 2007)

(C) Perímetro urbano de Cuiabá – localização Bairro Popular (Fonte: Bethânia Moura)

(D) Região Oeste da cidade de Cuiabá (Fonte: Perfil Sócio Econômico de Cuiabá, 2007).

O **Bairro Popular** está inserido na Regional Oeste, com área de 22,16ha. Sua localização permite acesso por dois importantes pontos da cidade: pelo Bairro do Porto, por meio da conexão Avenida 15 de Novembro e Dom Bosco; e pelo Centro, por meio da Avenida Getúlio Vargas. Fica próximo da mais importante via de escoamento rodoviário, a Avenida Perimetral (Figura 22).

Ao lado do sistema viário, que facilita o acesso ao Bairro, outra característica da área é a presença de infra-estrutura urbana e de serviços. A grande maioria dos 555 domicílios é abastecida por água, esgotamento sanitário e coleta periódica de lixo¹⁸, além da presença de mercados, padarias, farmácias, restaurantes, opções de lazer noturno, posto de gasolina, estabelecimentos bancários, escolas, agência de turismo, boutiques e vários salões de cabeleireiros.

O Bairro está próximo aos limites do zoneamento urbano Centro-Norte e Centro-Sul e faz divisas com Bairros como Duque de Caxias, Goiabeira e Quilombo, onde podem ser encontrados equipamentos urbanos de porte como supermercados, hipermercados, *shopping center*, escolas, parque urbano, etc. Está inserido em uma área central dotada de infra-estrutura, seguindo uma intensa tendência à valorização imobiliária do solo e conseqüente verticalização e, por causa da configuração de bares e restaurantes que se agrupam em torno de uma das praças do local, está recebendo grande notoriedade na mídia local, despertando interesse da classe média alta em adquirir imóveis na localidade.

Segundo dados da Prefeitura Municipal de Cuiabá, em 2007 a população do Bairro contava 1.925 habitantes, sendo considerado um dos mais densos em termos de ocupação demográfica da cidade. Concentrava também uma população de alta renda: 42,97% dos moradores com uma renda mensal de 30 salários mínimos e apenas 2,24% com renda mensal de até um salário mínimo. (Figura 23 e Figura 24)

¹⁸ Segundo publicação Perfil Socioeconômico dos Bairros de Cuiabá, publicado em maio de 2007:

“SANEAMENTO:

Água: dos 555 domicílios, 530 eram abastecidos pela rede geral, dos quais, 527 tinham canalização em pelo menos um cômodo, 3 eram canalizados apenas na propriedade ou terreno e 25 domicílios eram abastecidos por poço ou nascente.

Esgotamento Sanitário: 555 domicílios possuíam banheiro ou sanitário, dos quais, 239 eram ligados à rede geral de esgoto ou rede pluvial, 263 utilizavam fossas sépticas e 53 fossas rudimentares.

Destino do Lixo: do total de domicílios, 555 tinham o lixo coletado, sendo que 351 utilizavam o serviço público de limpeza e 204 utilizavam caçamba.”

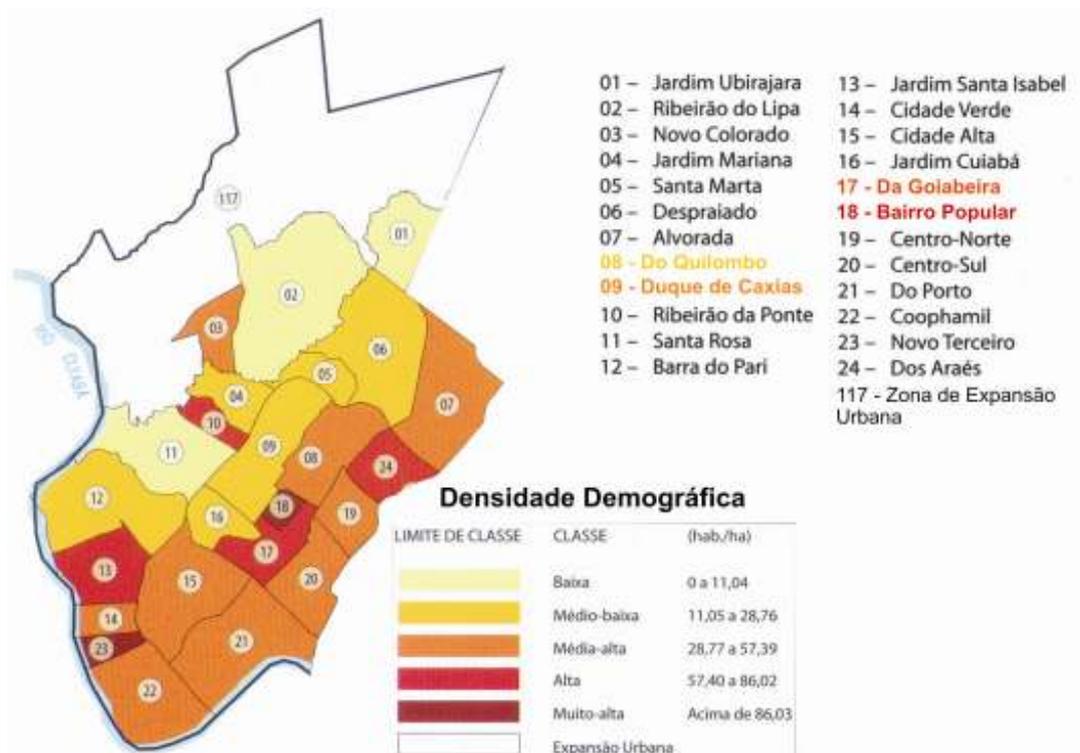


Figura 23. Densidade demográfica por Bairro na região oeste.
(Fonte Perfil Sócio Econômico de Cuiabá, 2007).

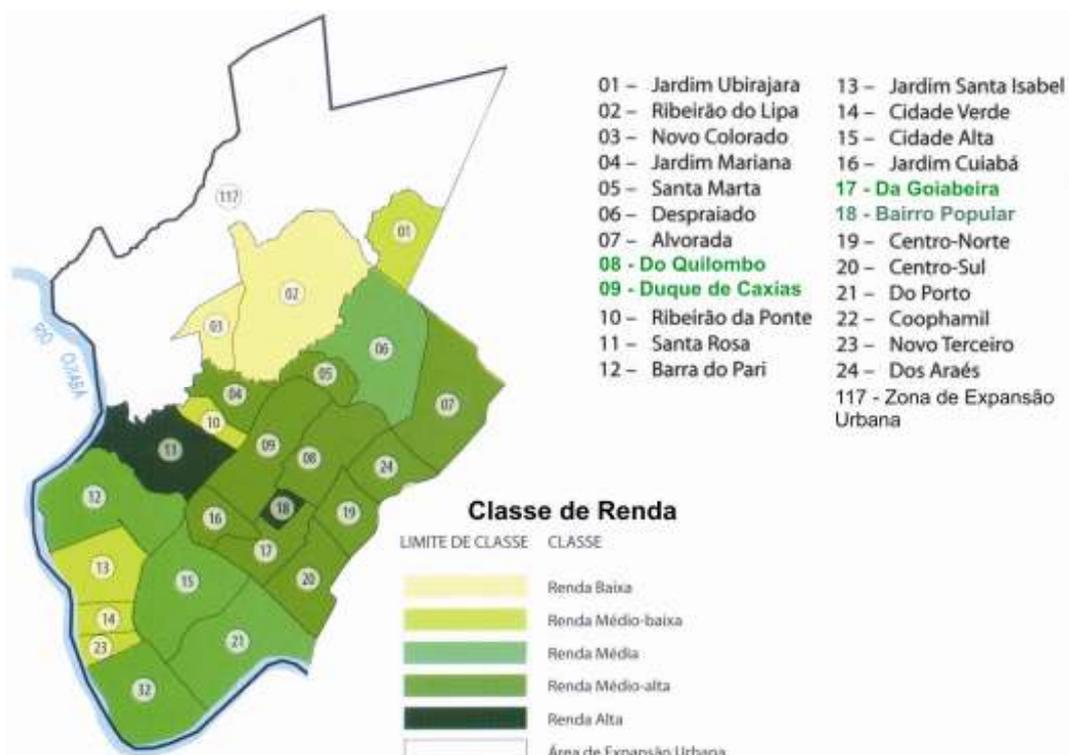


Figura 24. Classe de renda por Bairro da região oeste.
(Fonte Perfil Sócio Econômico de Cuiabá, 2007).

2.2. Análise temporal

O Bairro Popular possui mais de 50 anos e é considerado um dos mais antigos da cidade. Mesmo que Cuiabá tenha quase 300 anos, seu crescimento é muito recente. A partir da década de 1960 a cidade saiu de um período de estagnação e acompanhou o crescimento das capitais da região centro-oeste (Figura 25), que foi impulsionado pelo Programa Federal *Marcha para o Oeste* e pela construção de Brasília como Distrito Federal.

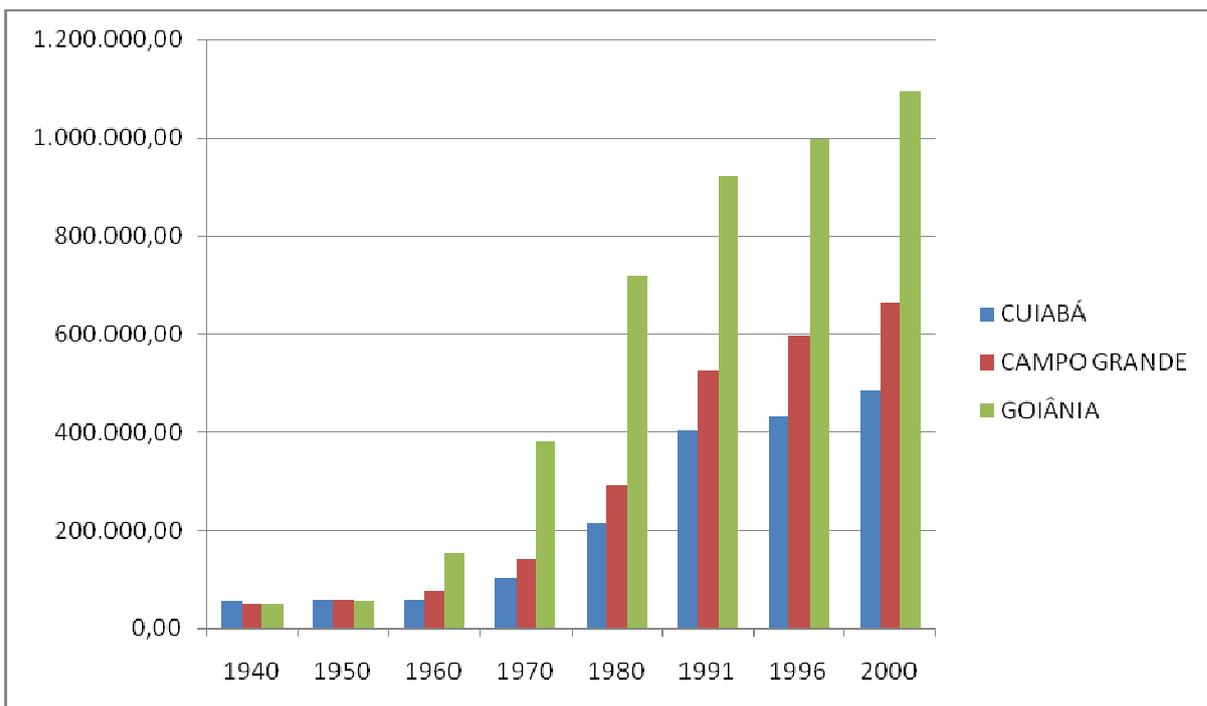


Figura 25: Tabela sobre a evolução do crescimento populacional das capitais da Região Centro Oeste. (Fonte: Censo Demográfico, 2000)

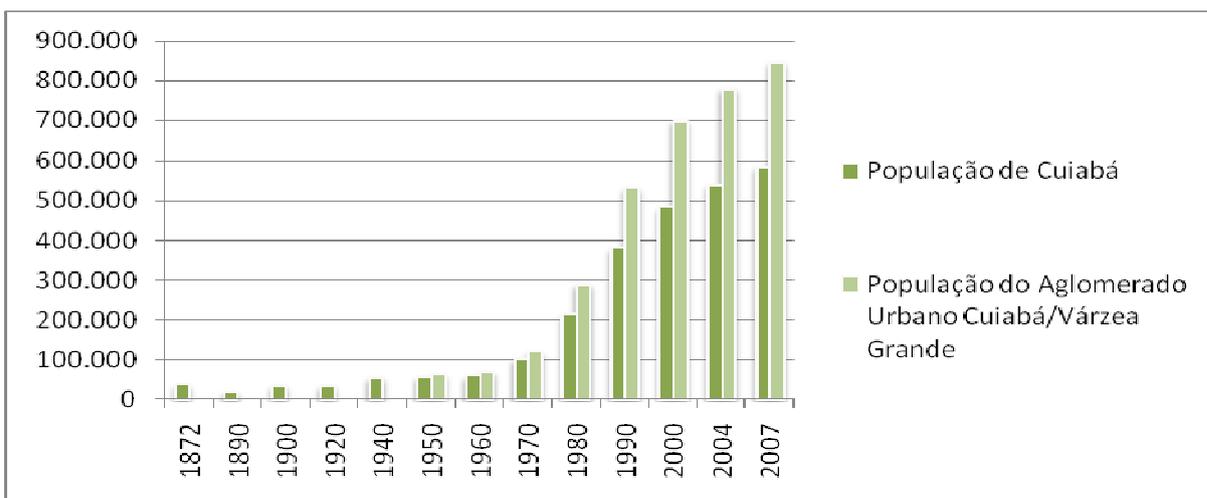


Figura 26: Tabela sobre a evolução do crescimento populacional (Fonte: Perfil Sócio Econômico de Cuiabá, 2007)

No início deste período Cuiabá buscava modernizar-se, anseio que se refletiu diretamente na arquitetura produzida nesta época e também no crescimento da cidade que se voltou para a ocupação das áreas periféricas ao centro.

Se do ponto de vista simbólico a derrubada da Catedral¹⁹ marca o início do 'Ciclo da Modernização', sob o enfoque processual as ações urbanizadoras encetadas pelo Governo Estadual no final da década de sessenta desempenham papel estrutural, portanto asseguram condições básicas viabilizadoras da avalanche de processos espaciais que convulsionaram a cidade nas décadas seguintes. (FREIRE, 1997)

A pesquisa se concentra entre os anos de 1948, quando se iniciou o processo de construção do Conjunto Habitacional das Casas Populares, ao ano de 2008, pois esses foram anos de intensa movimentação que se refletiu em todo o sistema urbano de Cuiabá, e sua história possibilita contextualizar as análises sobre o estudo de caso e as relações entre os sistemas urbanos, objetos dessa pesquisa.

2.3. Análise contextual

2.3.1. De Cuiabá ao Bairro Popular: a ocupação urbana do Município.

A caracterização e análise do processo de urbanização do Bairro Popular não podem ser estudadas isoladamente, sendo necessário entender em quais condições essa área desenvolveu e, principalmente, analisar seu desenvolvimento como reflexo do processo de urbanização da cidade de Cuiabá.

¹⁹ No ano de 1968, foi demolida a Igreja Matriz da cidade (Catedral do Bom Jesus) em estilo barroco, e no local foi edificada uma nova igreja com linhas mais modernas para a época. Esta atitude é identificada por pesquisadores como Aline Figueiredo e Julio De Lamônica Freire como um "instinto de aversão ao antigo" que tomou conta da cidade naqueles anos.



Figura 27. Foto aérea de Cuiabá – 2007
(Fonte: Perfil Socioeconômico de Cuiabá, 2007)

Cuiabá nasceu das bateias dos garimpeiros no século XVIII²⁰. A aldeia virou arraial, passou à vila real (Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuyabá) e, só no início do século XIX, foi promovida à condição de cidade. Ao chegar nessa categoria, a fisionomia urbana não era muito diferente da aldeia garimpeira, que a originara. Durante este período a cidade não expandiu expressivamente a sua extensão territorial, como pode ser verificado através da Figura 28, mantendo seu formato alongado que seguia o curso do córrego da Prainha e sua intensa ligação com o Rio Cuiabá.

²⁰ Gamela afunilada de madeira em que se lavam areias auríferas. (Dicionário Michaelis)

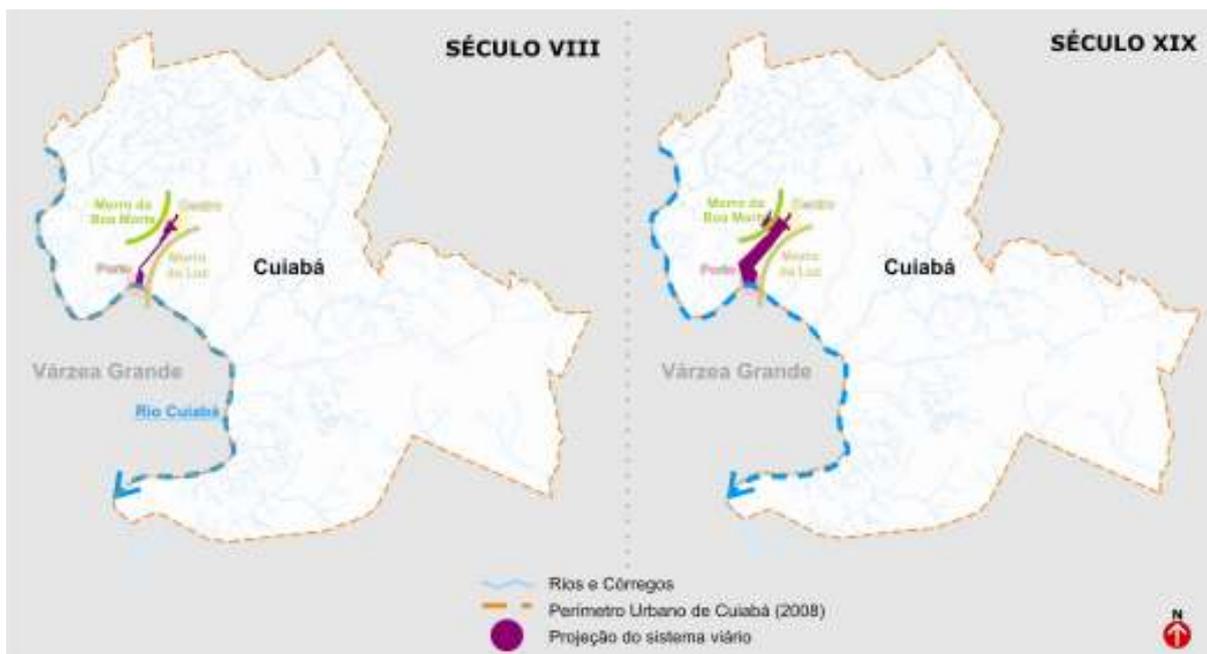


Figura 28. Evolução urbana: século VIII e meados do século XIX sobre a extensão atual do Município.
(Fonte: Bethânia Moura, data...)

A conformação do tecido urbano da cidade foi marcada pela forte presença do Rio Cuiabá que, durante anos, foi o principal meio para chegada de mantimentos e pessoas ao povoado, pois não havia estradas e a região era muito afastada dos centros urbanos consolidados, como Rio de Janeiro e São Paulo. O núcleo central urbano está localizado a aproximadamente 5 km da região do Porto. A Cidade cresceu acompanhando a margem esquerda do Córrego da Prainha, sendo conformada pelos morros da Boa Morte e Morro da Luz²¹ (Figura 29 e Figura 30) e seu suporte físico como fundo de vale condicionou o tecido contínuo e linear acompanhando o leito do córrego.

Até o final do século XVIII a cidade compreendia pouco mais que três ruas paralelas ao córrego: a Rua de Baixo, do Meio e de Cima, entre a Igreja Matriz e o Largo da Mandioca. A Praça em frente à igreja recebia os festejos e as quermesses. O crescimento se deu na direção do Rio Cuiabá, e próximo a ele um importante núcleo urbano se instalou, a região do Porto Geral. Mas esse crescimento não foi contínuo, pois grandes espaços livres intermediavam os pequenos aglomerados de casas.

A Figura 29 foi baseada na versão publicada nos Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros de 1957, que mapeou o crescimento urbano de Cuiabá com base nos documentos de viajantes e expedicionários que passaram pela capital. Nela foram acrescentadas as marcações aproximadas dos Morros da Luz e do Morro da Boa Morte.

²¹ Este morro é também conhecido pelos moradores como Morro do Rosário e Morro do Seminário.

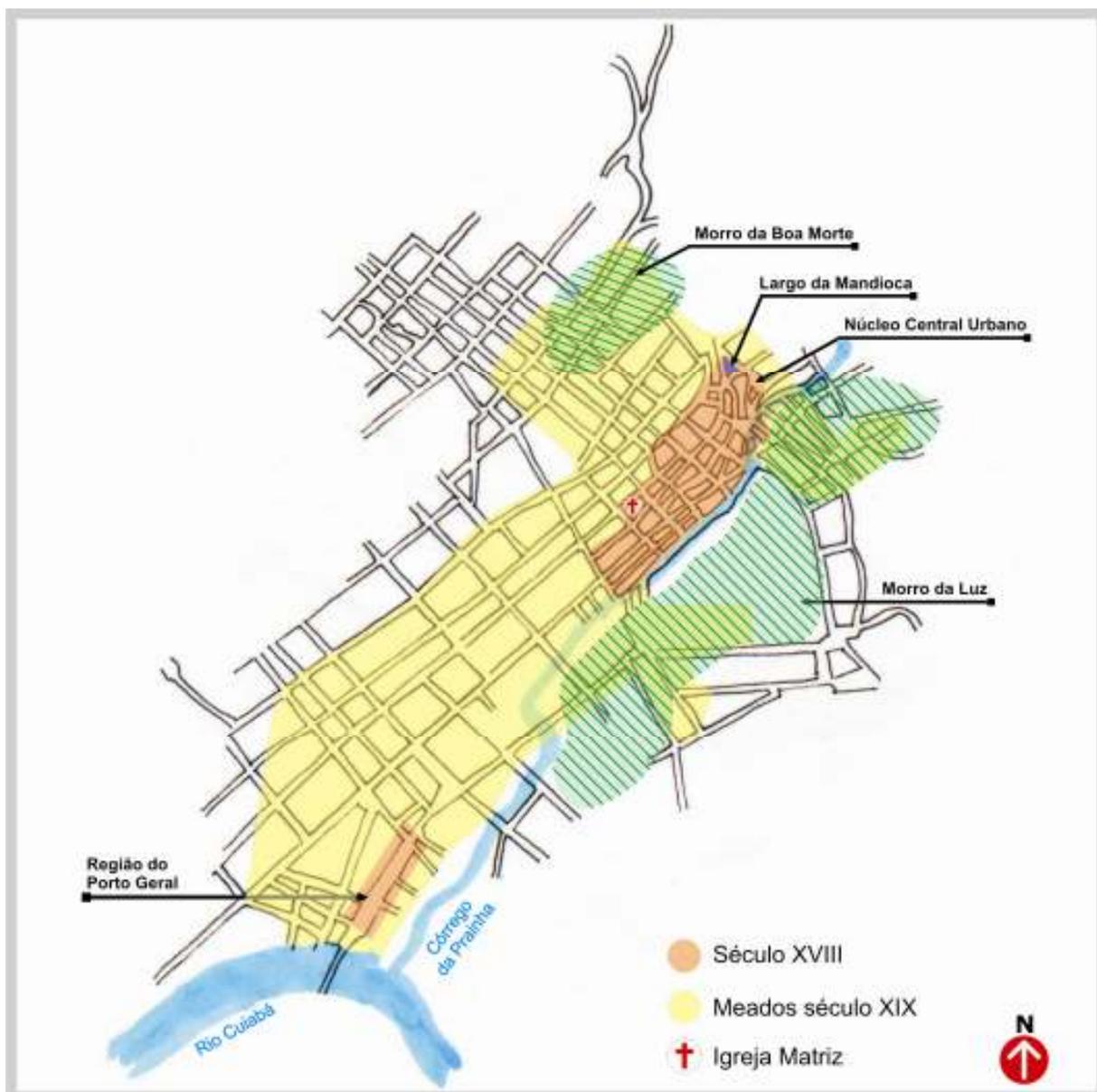


Figura 29. Evolução urbana: século XVII e meados do século XIX.
 (Fonte: Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1957)



Figura 30. Fotografia aérea de 2008, destacando o Morro da Boa Morte, totalmente urbanizado e o Morro Luz, que mantém uma estreita faixa de terra preservada.

(Desenho da autora sobre fotografia capturada em 21/04/2009 - <http://i128.photobucket.com/albums>)

Durante o século XIX e até o início do século XX, Cuiabá atravessou momentos de estagnação, agravados pelo final das condições de navegação fluvial no Rio Cuiabá, e picos de crescimento incentivados pela agricultura açucareira. A expansão urbana delineou a malha viária: inicialmente a trama sinuosa do centro estendeu-se seguindo o Córrego da Prainha, em direção ao Porto, servindo de diretriz à expansão da cidade e definindo o primeiro vetor de crescimento CENTRO/PORTO (Figura 31).

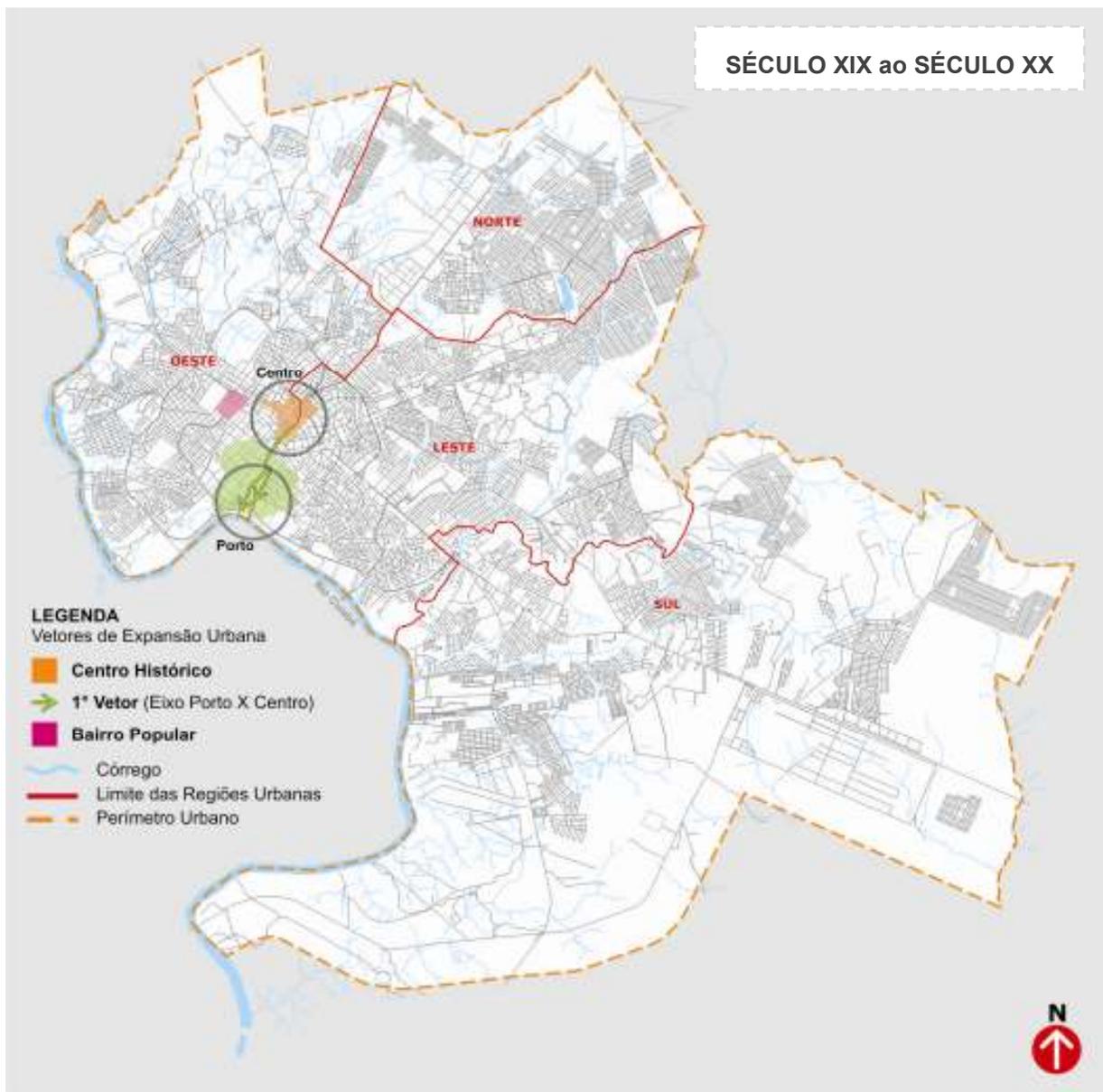


Figura 31. 1º Vetor de ocupação urbana da cidade de Cuiabá – ligando o Centro urbano ao Rio Cuiabá, passando pelo Bairro do Porto
 (Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá, 2008).

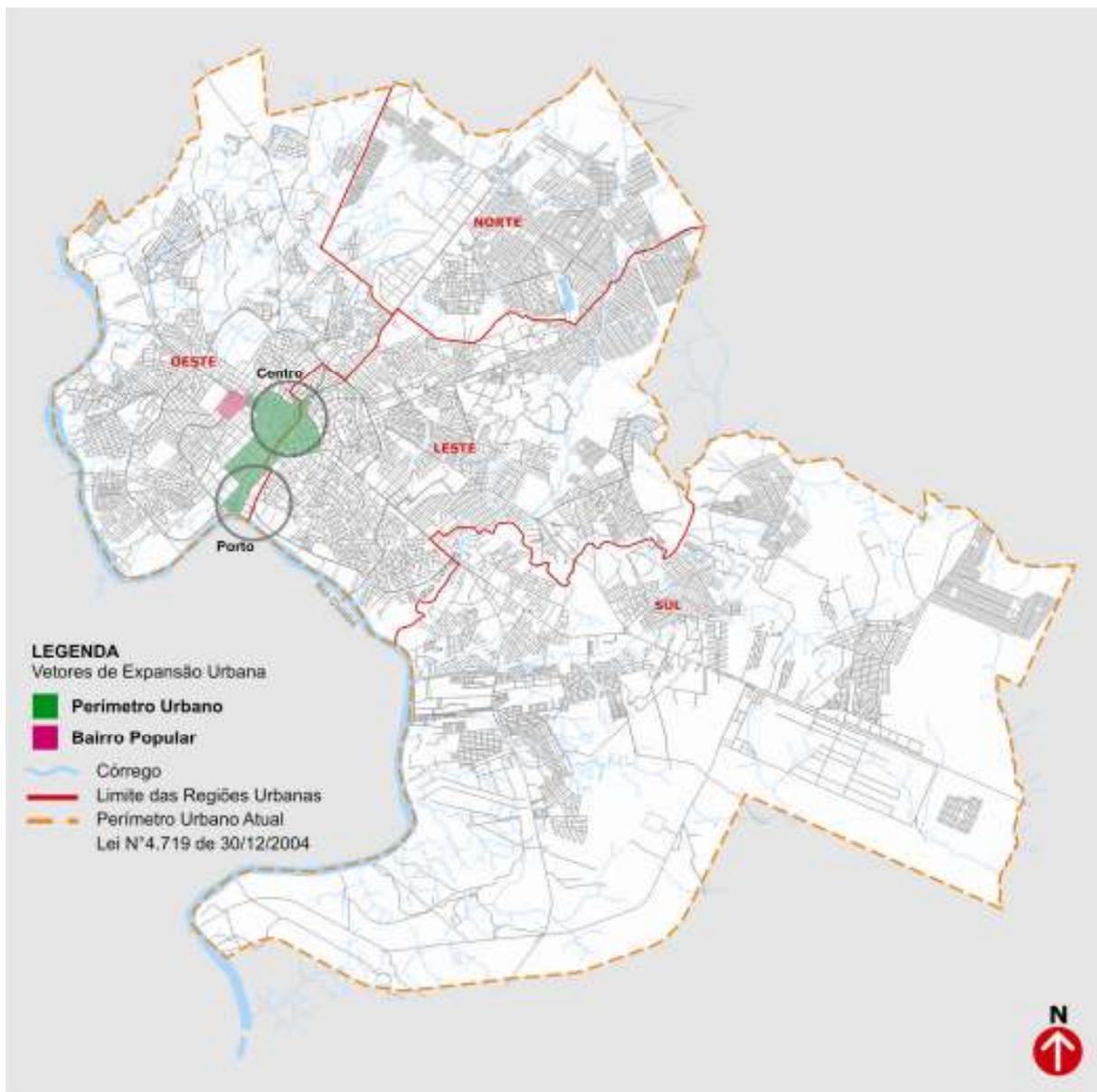


Figura 32. 1º Perímetro urbano da cidade de Cuiabá - Regulamentado em 1938.
(Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá, 2008).

O desenvolvimento foi lento e só no início da década de 1930, com o Estado Novo, a capital começou a tomar fôlego para o grande crescimento que viria nos anos a seguir. Na década de 1930 o interior do país recebia atenção especial, quando Getúlio Vargas lançou o projeto que ficou conhecido como “Marcha para o Oeste” e Cuiabá passou a receber incentivo do governo federal. As ideias formuladas objetivavam construir uma nação de identidade nacional que viesse a diminuir as diferenças regionais. O espírito do *novo* se expressou visivelmente em obras que representavam o conceito de *moderno*,

'(...) esse momento traz em seu bojo fixação de sólidos pontos de amarração do crescimento urbano. Por isso mesmo pode ser melhor visualizado no desenho da cidade, porque imprimiu traços indeléveis, novos marcos da urbanização que rompem com a fisionomia barroca tradicional e imprimem nova dinâmica ao traçado urbano.' (FREIRE, 1997)

Em julho de 1938, foi instituída a regulamentação (ATO 176) que definiu o 1º perímetro urbano da cidade de Cuiabá: aproximadamente de 2,59 km² que abrangiam praticamente a região urbanizada entre o Bairro do Porto e o Centro (Figura 32).

A partir da década de 1930, o crescimento da cidade foi redirecionado, através de recursos financeiros públicos, obras e edificações que fizeram surgir novas áreas de valorização de espaços na cidade, estabelecendo um novo direcionamento urbano para Cuiabá. A construção da Avenida Getúlio Vargas (Figura 33) e sua ocupação através de edificações públicas e privadas²² capazes de gerar uma atração comercial para toda sua extensão, somado a construções das casas nobres, fez com que houvesse um novo sentido urbano para a cidade, descentralizando o fluxo consolidado pelo eixo PORTO/CENTRO na extensão do córrego da Prainha.

'(...) o Governo facilitou às elites locais acesso aos lotes, com a garantia de construção de moradias de alto padrão. (...)

Na Avenida Vargas, inaugurou-se novo padrão construtivo. As casas foram recuadas, quase sempre soltas no terreno. Assumiam feição 'moderna' reproduzindo como podiam modismos dos grandes centros.' (FREIRE, 1997)

²² Essas obras ficaram conhecidas como OBRAS OFICIAIS, foram elas: Av. Getúlio Vargas, no lugar da antiga Rua Poconé, o Grande Hotel, Cine Teatro Cuiabá, a Secretaria Geral e o Tribunal de Justiça em frente ao outro. O Colégio Estadual e no final da nova avenida o Quartel do 16º Batalhão de Caçadores. E fora deste novo direcionamento da cidade foi construído no Bairro do Porto a uma ponte de concreto, ligando Cuiabá e a cidade vizinha Várzea Grande.

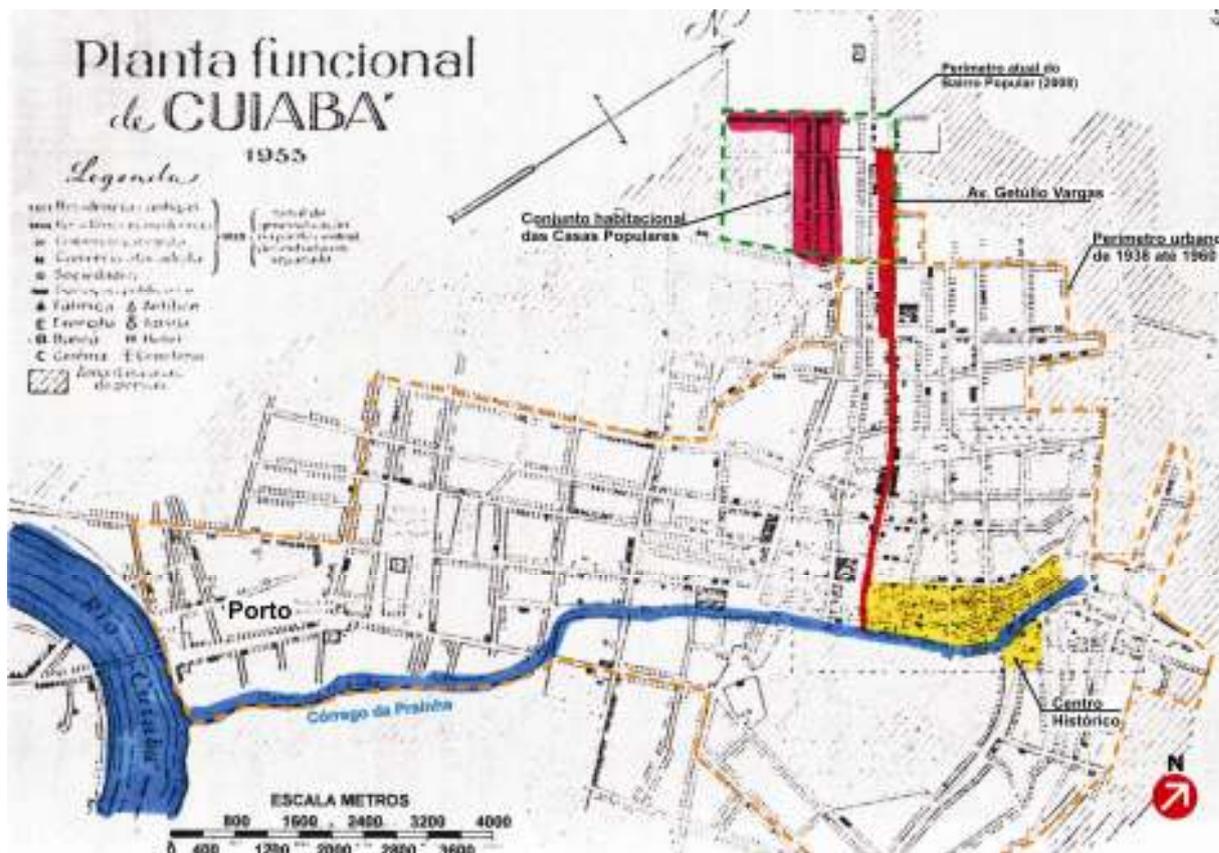


Figura 33. Ocupação urbana de Cuiabá em 1953 - Destaque a Avenida Getúlio Vargas que direciona o crescimento da cidade para a direção oeste.

(Fonte: Bethânia Moura sobre ilustração Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1957)

Após aproximadamente trinta anos de desenvolvimento, em 4/06/1960, foi sancionada nova lei que ampliou o perímetro urbano para 4,50 km² de área total urbana, absorvendo as áreas que foram urbanizadas após a intervenção de Getúlio Vargas - 2º vetor de crescimento (Figura 34).

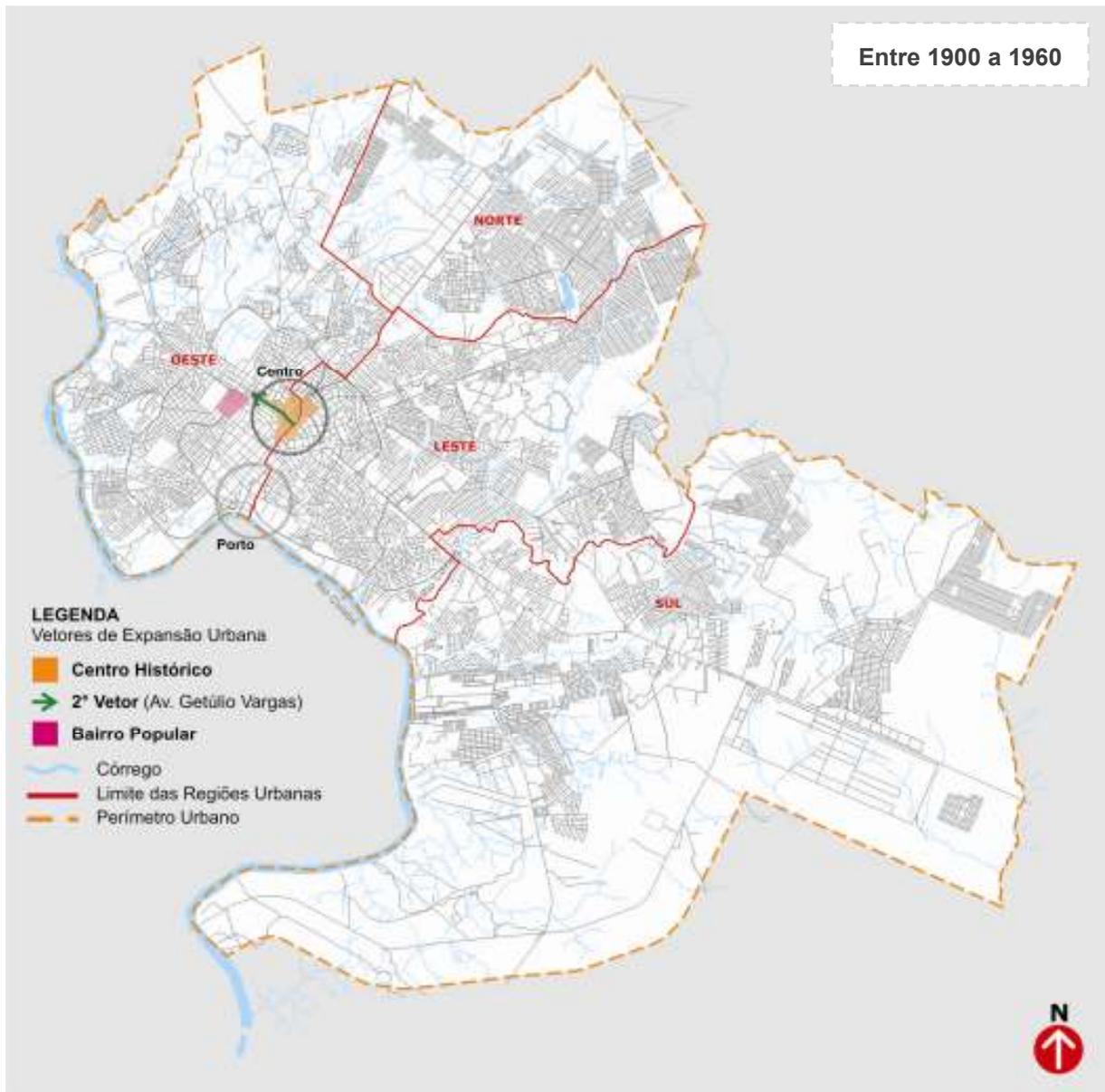


Figura 34. 2º Vetor de ocupação urbana da cidade de Cuiabá
 (Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá, 2008).

Seguindo o 2º Vetor de crescimento, em 1960 o perímetro urbano da cidade foi ampliado, e o Bairro Popular passou a fazer parte da área urbana da cidade. (Figura 35)

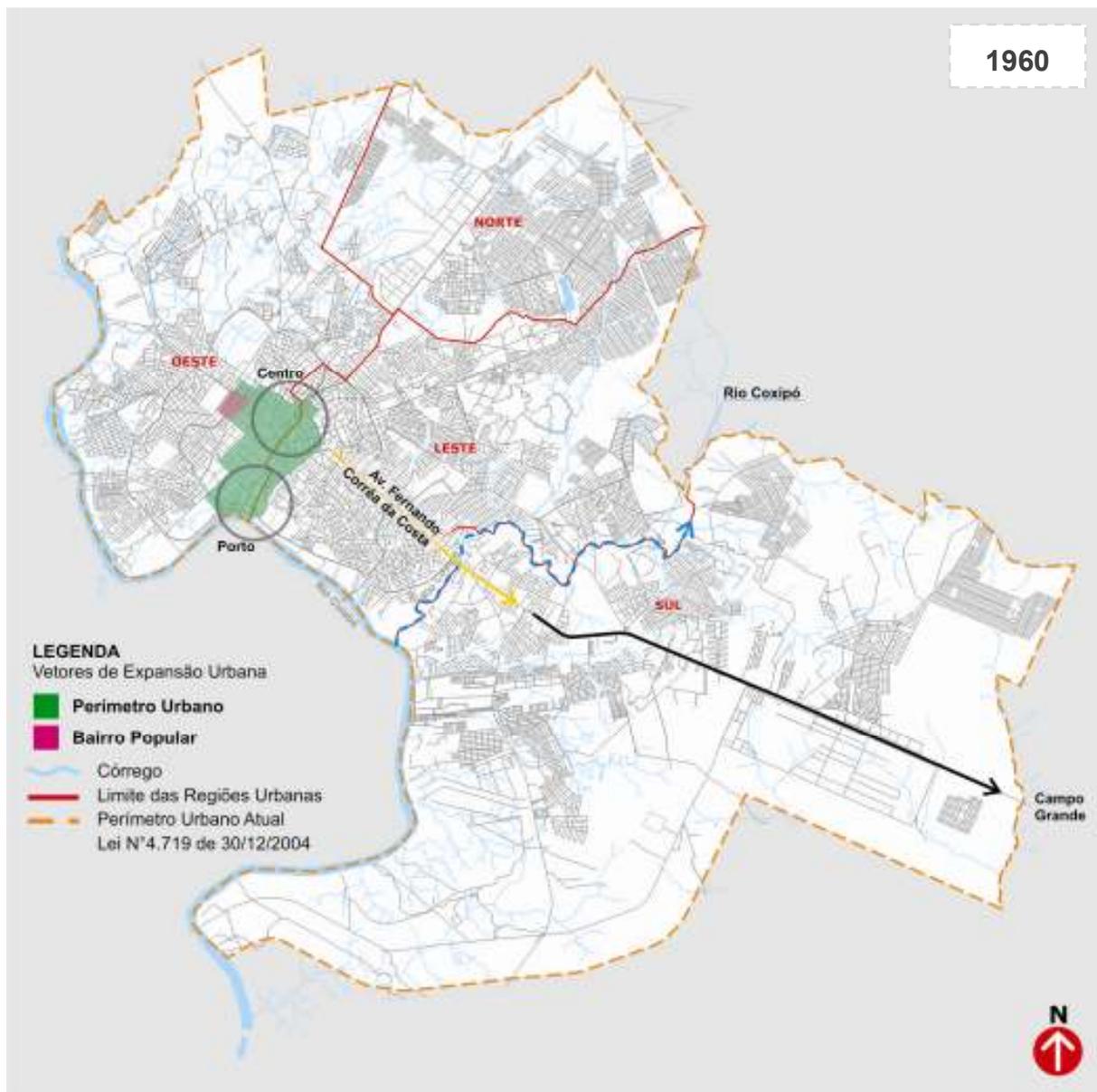


Figura 35. Perímetro urbano da cidade de Cuiabá - Regulamentado em 1960
 (Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá, 2008)

A abertura da estrada para Campo Grande e a pavimentação da Avenida Fernando Correa também contribuíram para induzir as novas tendências de expansão em direção às áreas próximas ao Rio Coxipó, inclusive reforçando-as como núcleo secundário. A ligação do centro urbano com a região foi fortalecida e, em pouco tempo, a avenida determinou o crescimento da cidade na direção sudeste (SE). A partir da década de 1970, a capital passou a receber um grande número de imigrantes, chegando a duplicar a população da cidade passando de 50mil na década de 1960 para aproximadamente 100mil na década de 1970. O tecido urbano se expandiu para as regiões sul, incentivado pela pavimentação da Av. Fernando Correa da Costa que liga o Centro ao Rio Coxipó. (Figura 36)

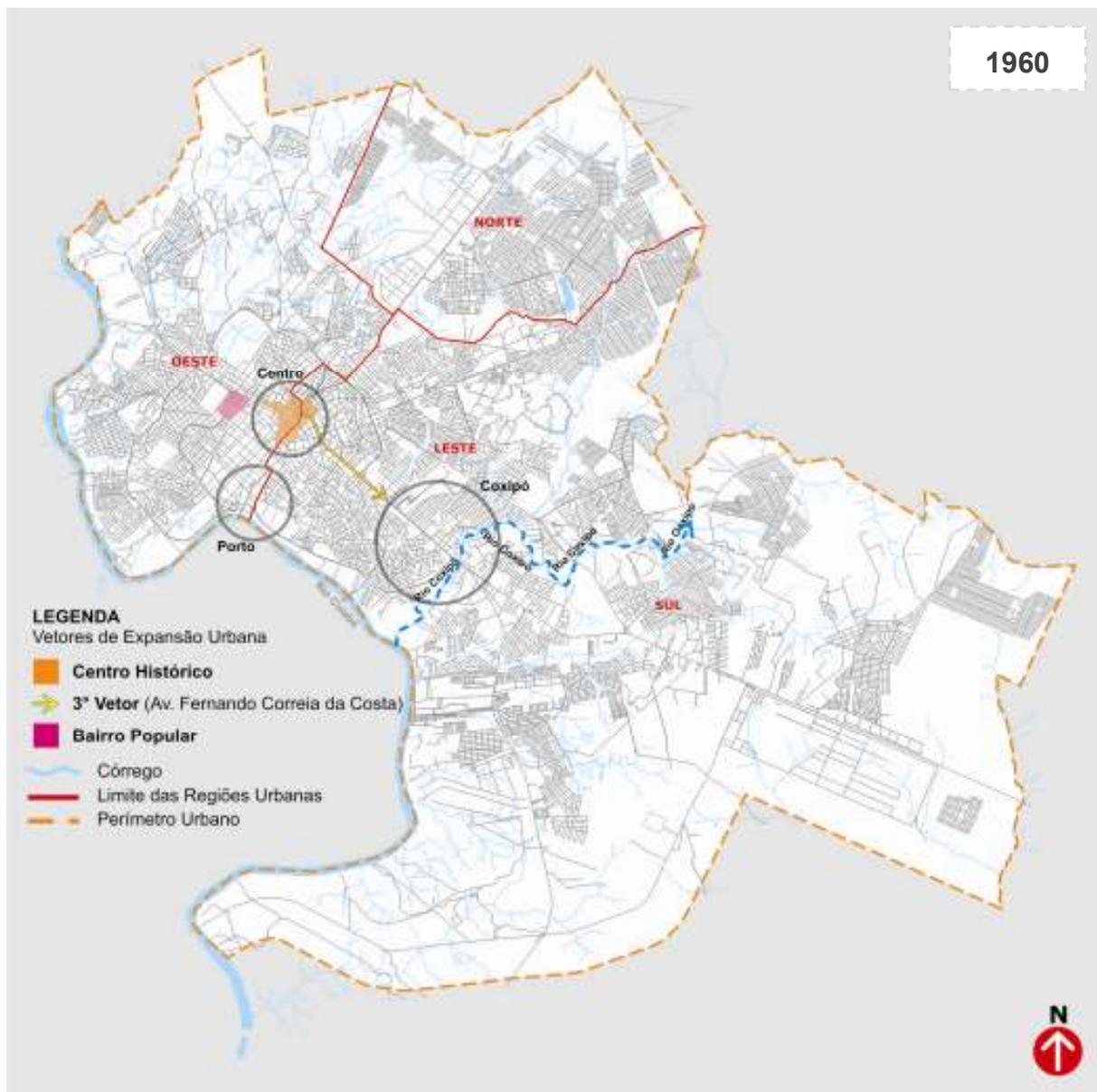


Figura 36. Vetor de ocupação urbana da cidade de Cuiabá - Avenida Fernando Correia da Costa.
(Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá, 2008)

A falta de planos para direcionar o processo de crescimento urbano e o grande contingente de pessoas, que chegavam de todos os estados do país, resultaram em um crescimento espontâneo, que não favoreceu a adoção de medidas para a correção à descontinuidade da malha viária na área central. Surgiram novos loteamentos, com traçados descontínuos na periferia a norte, sul e leste, agravando a dispersão da ocupação urbana na cidade. Enquanto a periferia crescia de maneira pulverizada, o centro da cidade concentrava as atividades de administração pública, Federal, Estadual e Municipal, somados às atividades comerciais e bancárias. Deste modo, a construção do Centro Político Administrativo (CPA), inaugurado em 1975, foi imprescindível para reverter o adensamento da área central, otimizando o sistema viário e possibilitando a implantação de um canal de tráfego para ligar as atividades institucionais às comerciais.

Esse processo de descentralização fez crescer o sítio urbano pela incorporação de novas áreas ofertadas ao longo da Avenida Historiador Rubens de Mendonça, que liga o Centro Político Administrativo ao centro, e constituiu um importante vetor de crescimento na direção Nordeste (NE) da cidade. (Figura 37)

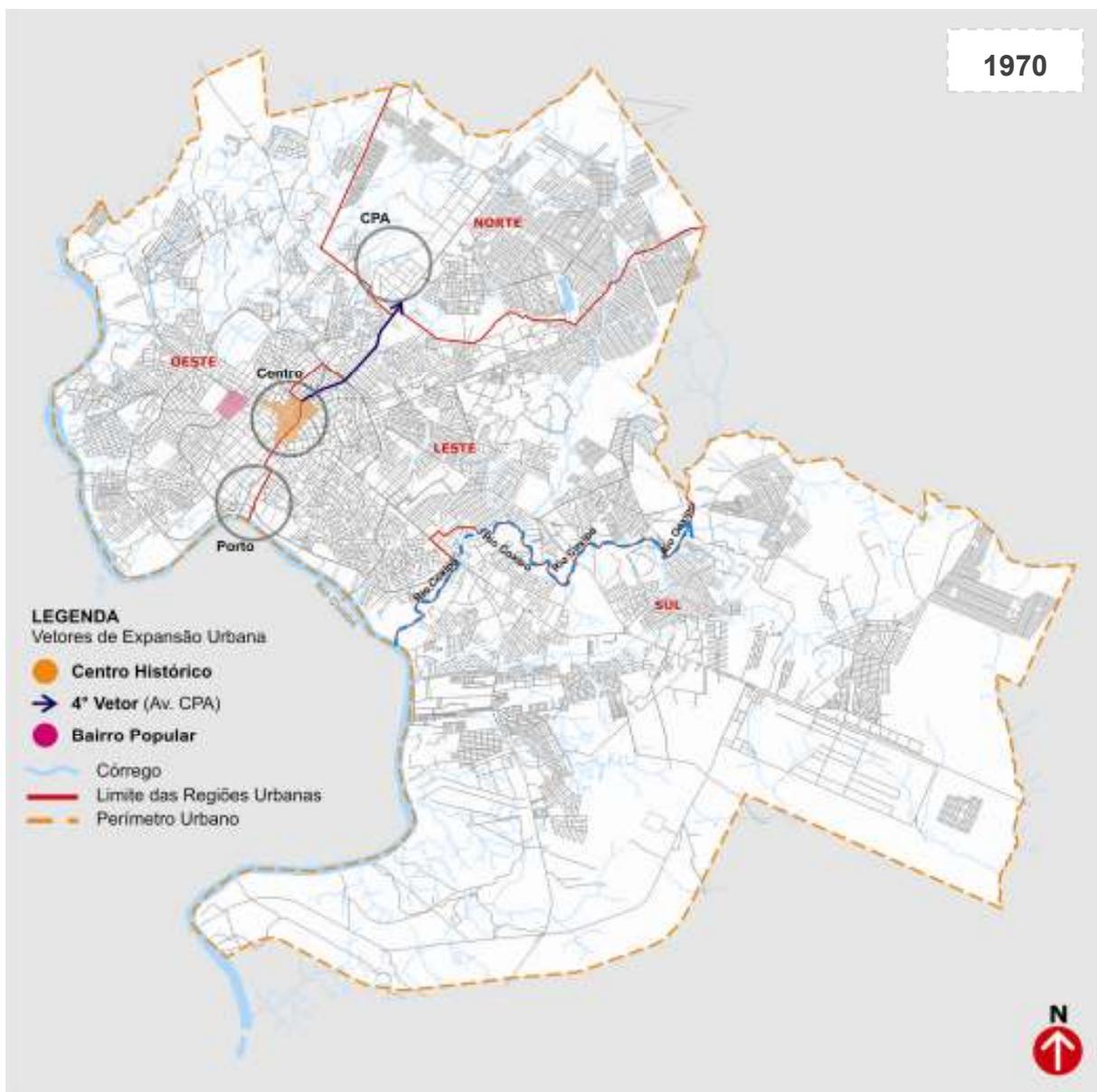


Figura 37. Vetor de ocupação urbana da cidade de Cuiabá - Avenida Historiador Rubens de Mendonça (Av. do CPA).
(Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá, 2008)

De forma dispersa pelo tecido urbano, foram sendo implantados loteamentos, conjuntos habitacionais e também ocupações ilegais que favoreceram o crescimento horizontal da cidade. Durante o intenso período de urbanização de Cuiabá (décadas de 1970 e 1980) o perímetro urbano de Cuiabá foi ampliado três vezes, através das Leis Municipais: N°1346/74, N°1537/78 e N°2023/82, pois houve a necessidade de incorporar novas áreas ocupadas e que se encontravam urbanizadas.

A expansão urbana de Cuiabá ocorreu sem que os terrenos situados nas regiões de ocupação mais antigas, providas de um mínimo de infraestrutura e de serviços, se esgotassem. Dentre as ampliações destacam-se: a Lei Municipal Nº. 1346/74, que incorporou as parcelas de terras ocupadas além da antiga Avenida Perimetral, direcionando o vetor de crescimento da cidade para direção Nordeste (NE); e a Lei Municipal Nº. 2023/82, que incorporou o distrito industrial na zona urbana. (Figura 38)

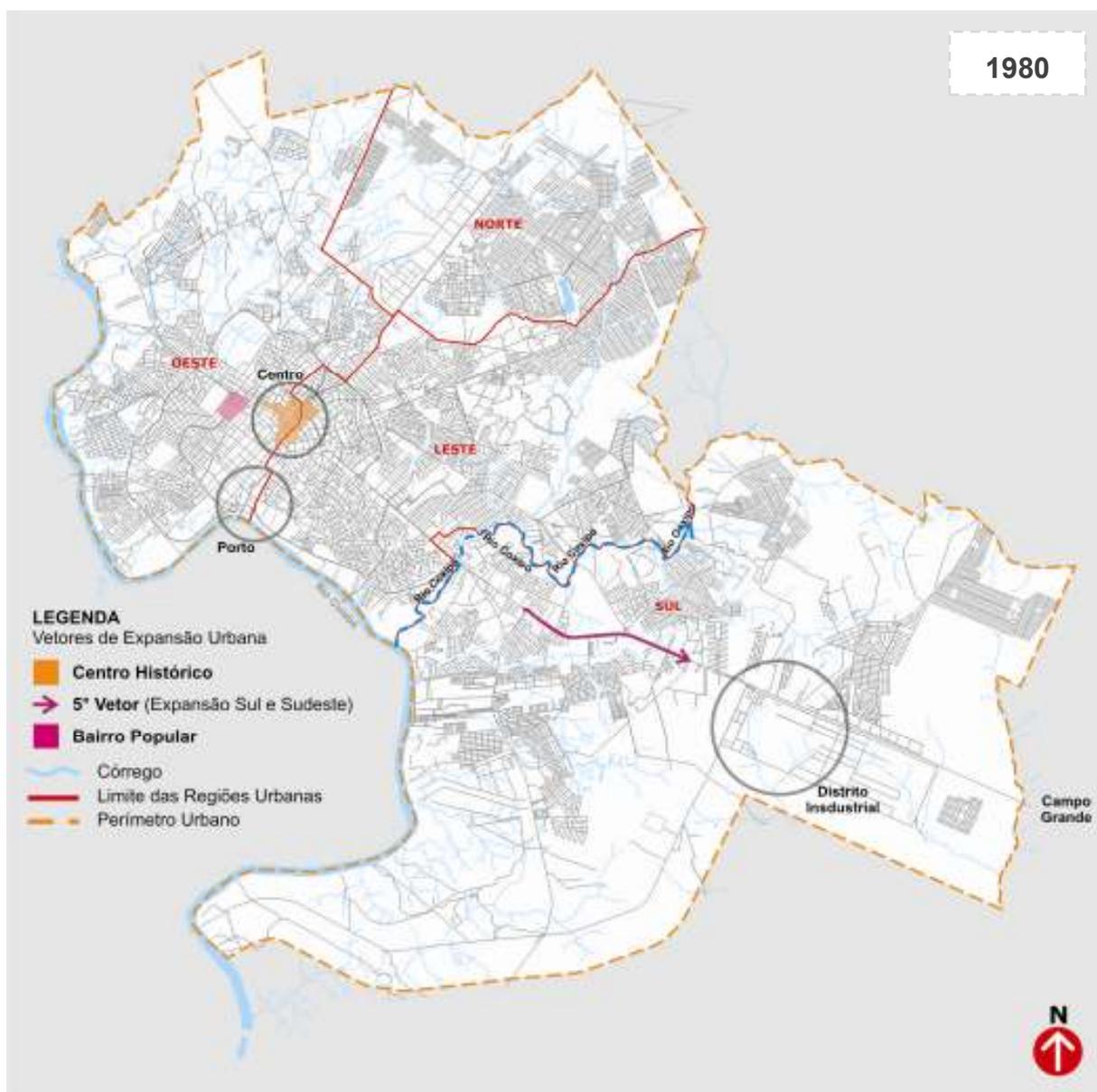


Figura 38. Vetor de ocupação urbana - Região Sul e Sudeste.
(Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá, 2008)

Atualmente verifica-se que o vetor de crescimento da cidade está voltado para as direções Norte e Leste, predominando a instalação e a ocupação dos condomínios horizontais para as classes de renda A e B, como os empreendimentos Florais Cuiabá, Florais Chapada, Granville, Belvedere, Alphaville, entre outros. (Figura 39)

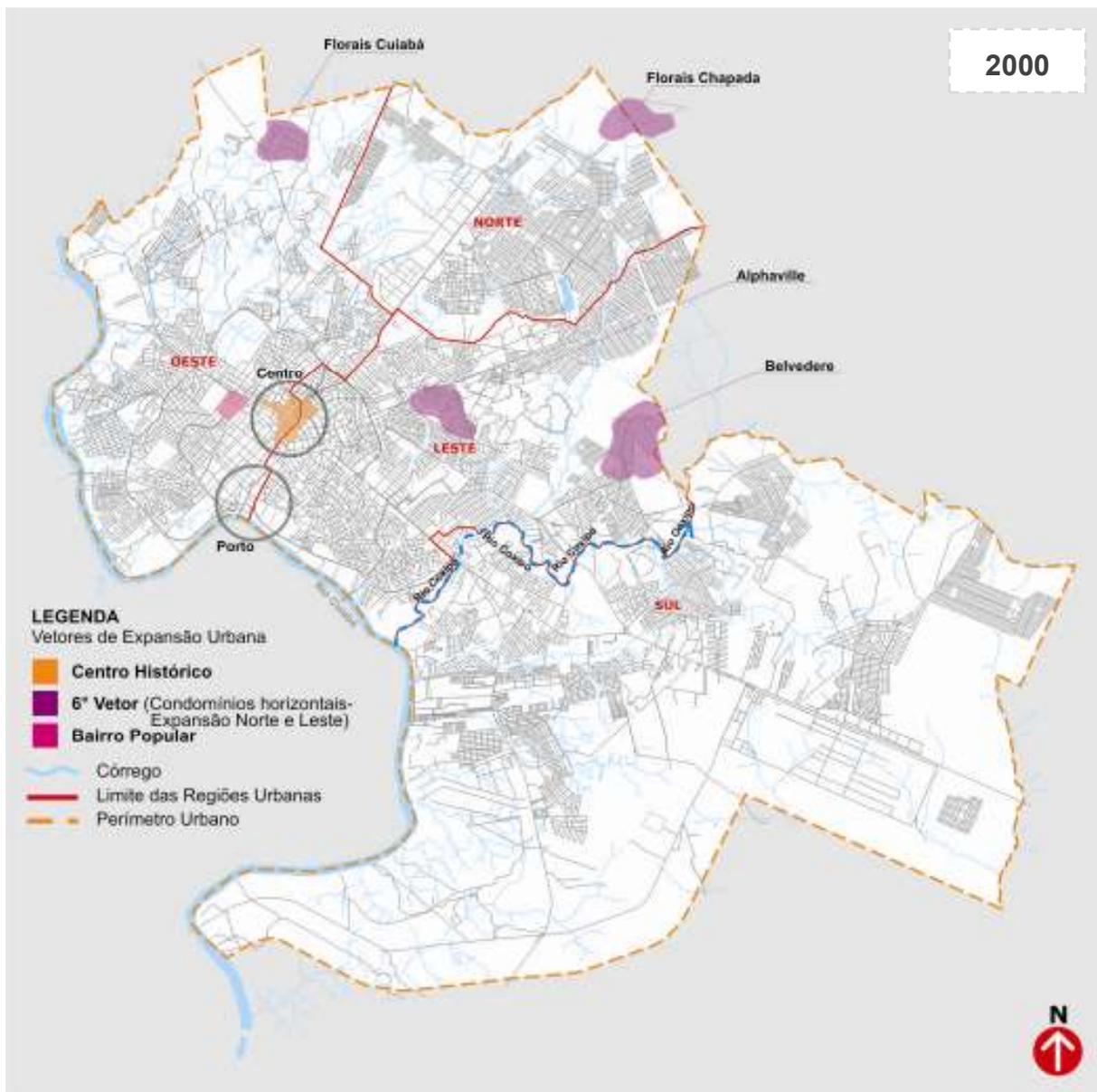


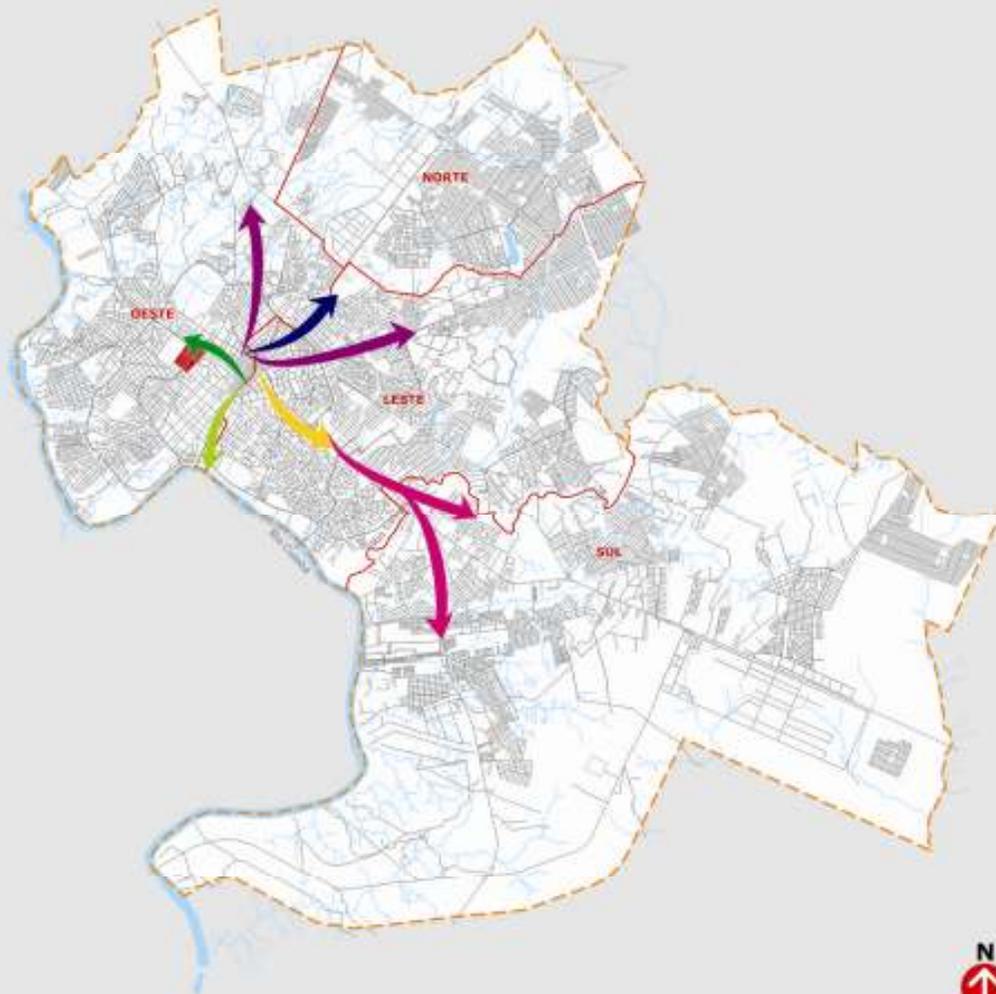
Figura 39. Vetor de ocupação urbana atual da cidade de Cuiabá, final da década de 2000.
(Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá, 2008)

Como pode ser verificado, Cuiabá se configura como uma cidade de crescimento recente, num sítio urbano antigo. Sua ocupação até meados da década de 1960 foi lenta, mas após este período a cidade passou por uma explosão demográfica que esteve até o final da década de 1980 ligada a aberturas de vias e de loteamentos que indicavam os vetores de crescimento. Esse processo reflete em constantes mudanças ao perímetro urbano, acompanhando o ritmo de expansão. Demonstrar essa dinâmica da cidade se faz importante para contextualizar a pesquisa e demonstrar em qual situação se desenvolvia o Bairro em estudo, já que a dinâmica da expansão urbana de Cuiabá passou por um processo de crescimento muito intenso.

Figura 40. Mapa geral: Vetores de crescimento e Evolução do Perímetro urbano de Cuiabá.
(Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá, 2008). A3

Evolução do Perímetro Urbano X Vetores de Crescimento

CoDeb/MT

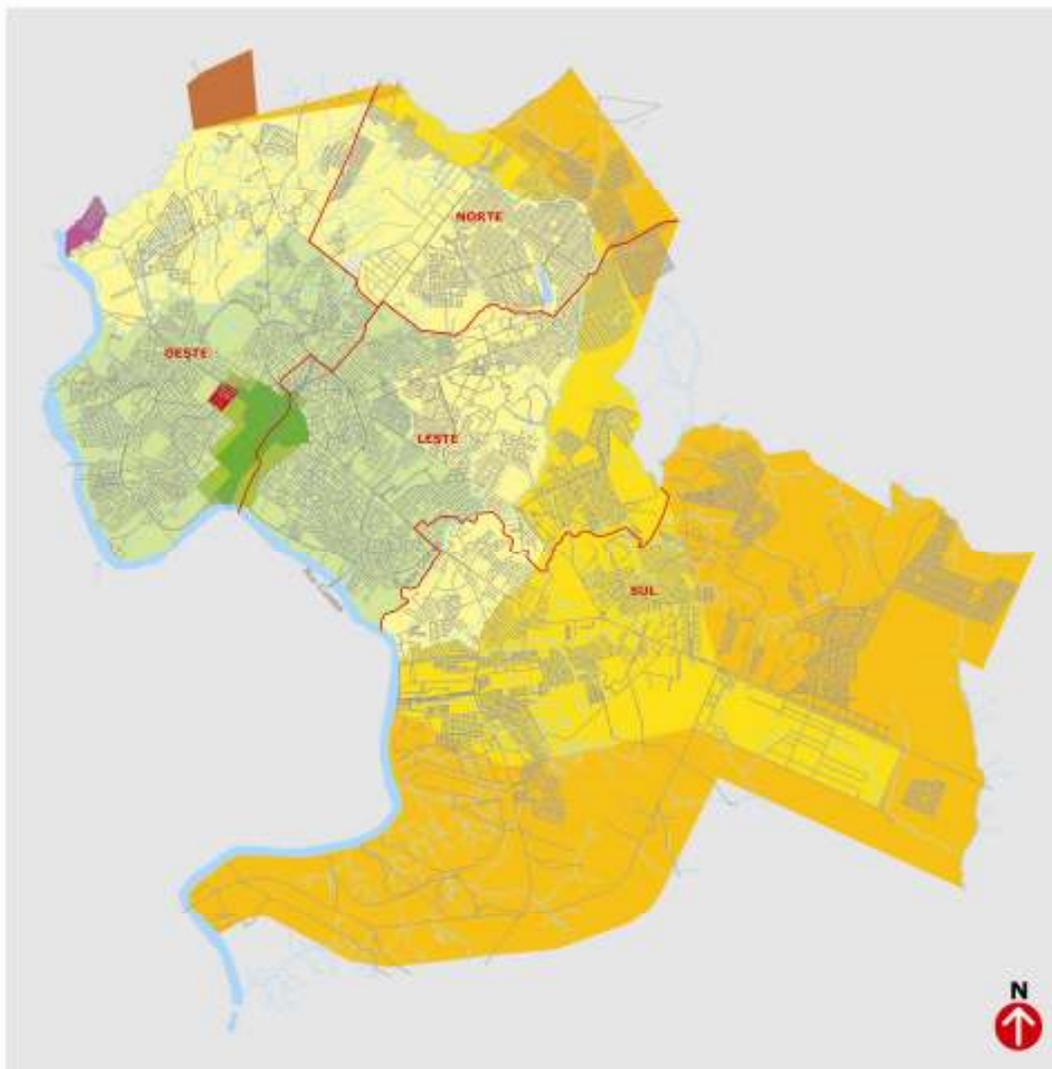


LEGENDA

Vetores de Expansão Urbana

- 1º Vetor (Eixo Porto X Centro)
- 2º Vetor (Av. Getúlio Vargas)
- 3º Vetor (Av. Fernando Correa)
- 4º Vetor (Av. do CPA)
- 5º Vetor (Expansão sul e sudeste)
- 6º Vetor (Expansão norte e leste)

- Córrego
- Limite das Regiões Urbanas
- Perímetro Urbano Atual
Lei N°4.719 de 30/12/2004
- Bairro popular



LEGENDA

Evolução do Perímetro Urbano

- ATO N° 176 de 25/07/1938
- LEI N° 534 de 04/07/1960
- LEI N° 1346 de 12/03/1974
- LEI N° 1537 de 25/04/1978
- LEI N° 2023 de 09/11/1982
- LEI N° 3412 de 30/12/1994
- LEI N° 4598 de 08/07/2004
- LEI N° 4719 de 30/12/2004

2.3.2. A Implantação do Bairro Popular

O crescimento urbano de Cuiabá, redirecionado para a região oeste da cidade e impulsionado pela Avenida Getúlio Vargas conforme visto anteriormente (Figura 33), ocasionou uma nova dinâmica urbana e econômica voltada para essa região. A administração municipal facilitou e estimulou o acesso a lotes ao longo dessa avenida, desde que seus futuros moradores garantissem que as casas ali construídas fossem de alto padrão. Foi sendo assim indispensável deslocar um grande número de trabalhadores para atender à demanda de futuros empregos necessária ao pleno funcionamento das repartições públicas, estabelecimentos comerciais e também para trabalhar nas casas dos cidadãos mais abastados que se instalariam ali.

Quando a implantação do Bairro foi iniciada, em 1948²³, pela Fundação da Casa Popular²⁴ do governo federal, a área escolhida estava fora do perímetro urbano, era distante do centro de Cuiabá que se configurava principalmente pela ligação entre o Bairro do Porto (próximo ao Rio Cuiabá) e o Centro Histórico, como mostrou a análise anterior. Constam em jornais da época que o Bairro foi construído em um local considerado distante para a população.

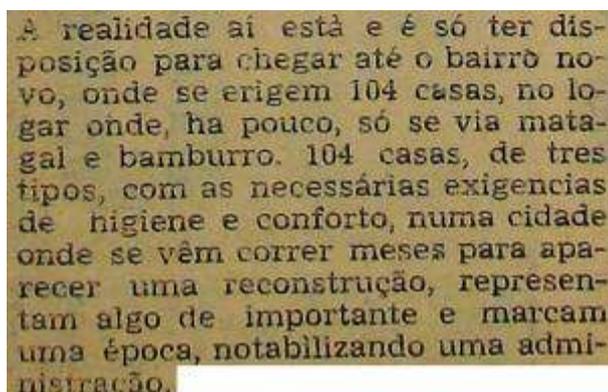


Figura 41. Fragmento do jornal O ESTADO DE MATO GROSSO, publicado em 20 de outubro de 1948. (Fonte: Arquivo Público de Mato Grosso)

O empreendimento foi batizado como Bairro das Casas Populares, e possuía infra-estrutura com água canalizada, luz elétrica, asfalto, calçamento e rede de esgoto. Porém toda a região de entorno era desprovida desses benefícios, com casas humildes intercaladas por pequenas chácaras e terrenos baldios, e era caracterizada como uma região com moradores de baixa renda.

²³ O terreno onde foi construído o conjunto habitacional passou pelo processo de desapropriação regulamentado pela Lei Municipal N°15 de 12 de abril de 1948, publicada no Diário Oficial de 11 de setembro de 1948, mas o início das obras só aconteceu em 1949.

²⁴ A criação desta Fundação foi o primeiro incentivo do Governo Federal destinado especificamente à produção habitacional no Brasil, instituída em 1946 e extinta com a criação do BNH (Banco Nacional de Habitação) em 1964.

(...) o processo de expansão capitalista em Cuiabá não produz impactos apenas em termos de crescimento da população e de transformação da cidade, mas, sobretudo, traz consigo implícito 'um modo de vida urbano' dominante, que se impõe em relação às formas ou modos particulares e específicos. Para que se instale hegemonicamente, é necessário destruir, alvo algumas 'acomodações' e resistência. (BRANDÃO, 1997)

Ao todo, foram construídas cento e quatro casas divididas em três modelos, diferenciadas pela quantidade de quartos: quatro, três e dois quartos (Figura 42). Todas as casas com sala, cozinha, banheiro e área de serviço, com ambientes pequenos e paredes com espessura de quinze centímetros. Estas características não agradavam alguns pretendentes a moradores, que estavam acostumados com casas de paredes largas e pés-direitos acima dos três metros. Essa insatisfação foi bastante retratada nos jornais da época. (Figura 41)

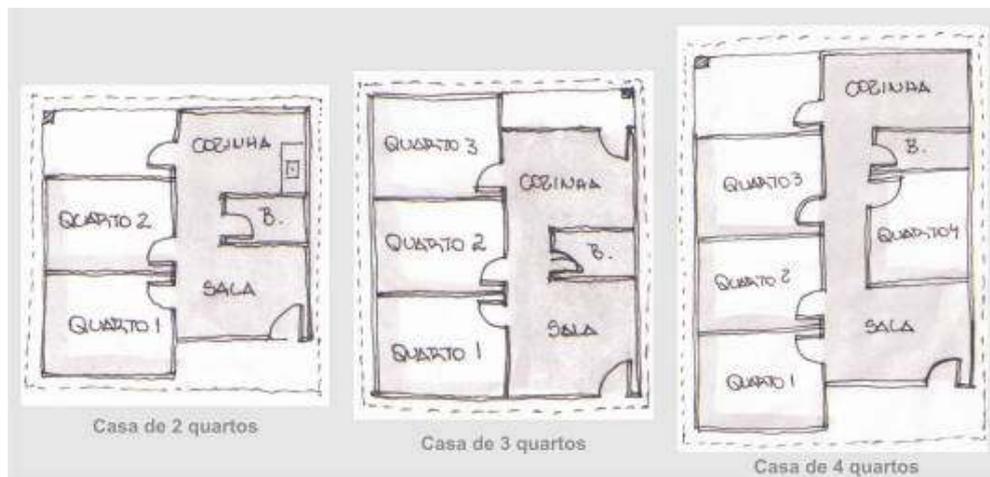


Figura 42. Planta arquitetônica esquemática, elaborada com base na visita de um exemplar pouco alterado e de diálogo informal com morador antigo da região.
(Fonte: Bethânia Moura, 2008)



Figura 43. Foto das casas e de parte da praça dias antes de ser entregue a população.
(Fonte: Jornal A Gazeta 20/08/95)



Escritório Técnico da Construtora Comércio Ltda

PRJETO: PLANTA DE SITUAÇÃO DAS **CASAS POPULARES** DE CUIABÁ MATO GROSSO

PRJETO: PLANTA: Escala 1:500

ENGENHEIRO: *[Signature]* DIBORNISTA: *[Signature]*

LEGENDA:

- CASAS COM 4 QUARTOS
- CASAS COM 2 QUARTOS
- CASAS COM 3 QUARTOS

ch

O projeto passou por diversas críticas, que iam desde a insatisfação com o tamanho das residências até sobre as várias exigências feitas para a aquisição das unidades. (Figura 44)

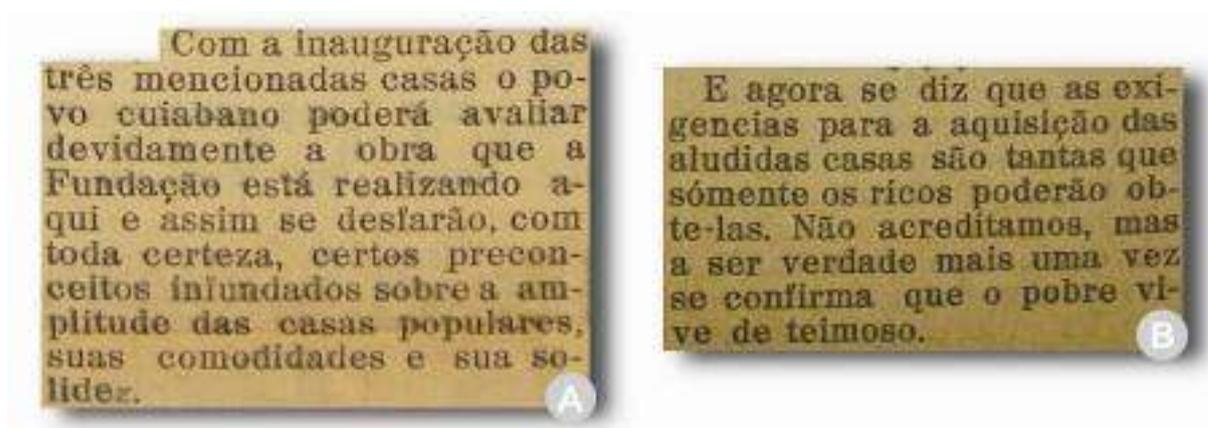


Figura 44. Fragmentos do jornal O ESTADO DE MATO GROSSO: A. 28/10/1948 – B. 14/12/1948.
(Fonte: Arquivo Público de Mato Grosso)

No contrato de compra e venda, existiam cláusulas que estipulavam as obrigações dos moradores em relação à manutenção das residências, afirmando que nada poderia ser modificado, não cabendo ampliação e nem alteração da planta. A cada três meses era enviado para a cidade um representante da Fundação da Casa Popular, vindo do Rio de Janeiro para vistoriar as residências em todos os seus detalhes. A planta esquemática, disponibilizada pela Prefeitura Municipal de Cuiabá, permite observar a disposição das respectivas casas que, em sua maioria, ladeavam a única Praça do Bairro -Praça Eurico Gaspar Dutra (Figura 45),.

As quadras eram irregulares, com os terrenos dispostos lado-a-lado e algumas unidades intercaladas por espaços livres, o que pode ter acontecido devido à presença de chácaras nesta região. O tamanho dos terrenos variava de acordo com a posição, os mais próximos da Praça Eurico Gaspar Dutra eram menores, com dimensões entre 10m e 14m de testada e de 25m a 28m de profundidade, e os terrenos mais afastados mantinham a variação de testada entre 10m e 14m e profundidade variando de 30m a 45m. No centro do Bairro, foi disposta a Praça Eurico Gaspar Dutra, que será objeto de análise no capítulo 4 desta dissertação.

Figura 45. Planta esquemática original do Bairro Popular, conforme foram construídas e distribuídas as casas. (Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá, 2008).

3. ANÁLISE URBANA DO BAIRRO POPULAR

A análise morfológica do Bairro Popular, proposta pela pesquisa, pressupõe verificar seus limites, definidos pela Prefeitura e reconhecidos por seus moradores. Assim descrevemos a seguir a delimitação administrativa e a percepção que os moradores têm do que é reconhecidamente o Bairro Popular.

3.1. A extensão do Bairro Popular

3.1.1. Limites administrativos definidos pela Prefeitura

No ano de 1973 foi sancionada a Lei N° 1.315, de 22 de agosto, que dividiu oficialmente a cidade de Cuiabá em quinze bairros, e a região hoje conhecida como Bairro Popular estava inserida numa área inicialmente denominado Bairro da Goiabeira. Em 1988 o então Prefeito Dante de Oliveira sancionou a Lei N° 2.528 de 15 de janeiro, que subtraiu a área do atual Bairro Popular de toda a porção do Bairro da Goiabeira (Figura 46).

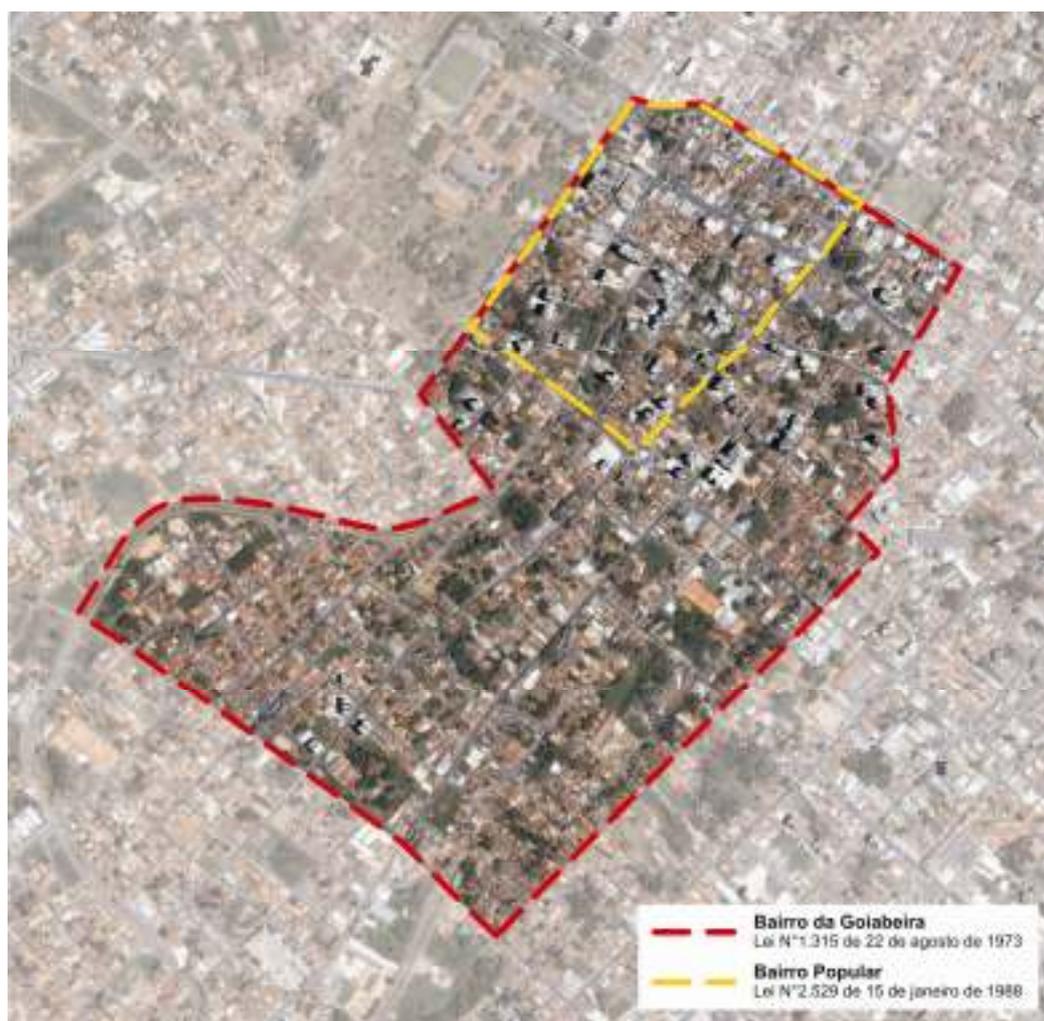


Figura 46. Comparação entre a evolução dos perímetros discriminados em lei.
(Fonte: Bethânia Moura, 2008)

Denominando de Bairro Popular a área faz limite com as avenidas: São Sebastião, Dom Bosco, Senador Filinto Muller e Presidente Getúlio Vargas. Contidas dentro deste perímetro estão as praças: Oito de abril, Eurico Gaspar Dutra e Tenente Antônio João Ribeiro (Figura 47). Ao se delimitar o Bairro, foram acrescentadas áreas de entorno além do loteamento original, como pode ser verificado no esquema da Figura 48.



Figura 47. Limite administrativo do Bairro Popular.
(Fonte: Bethânia Moura, 2008)

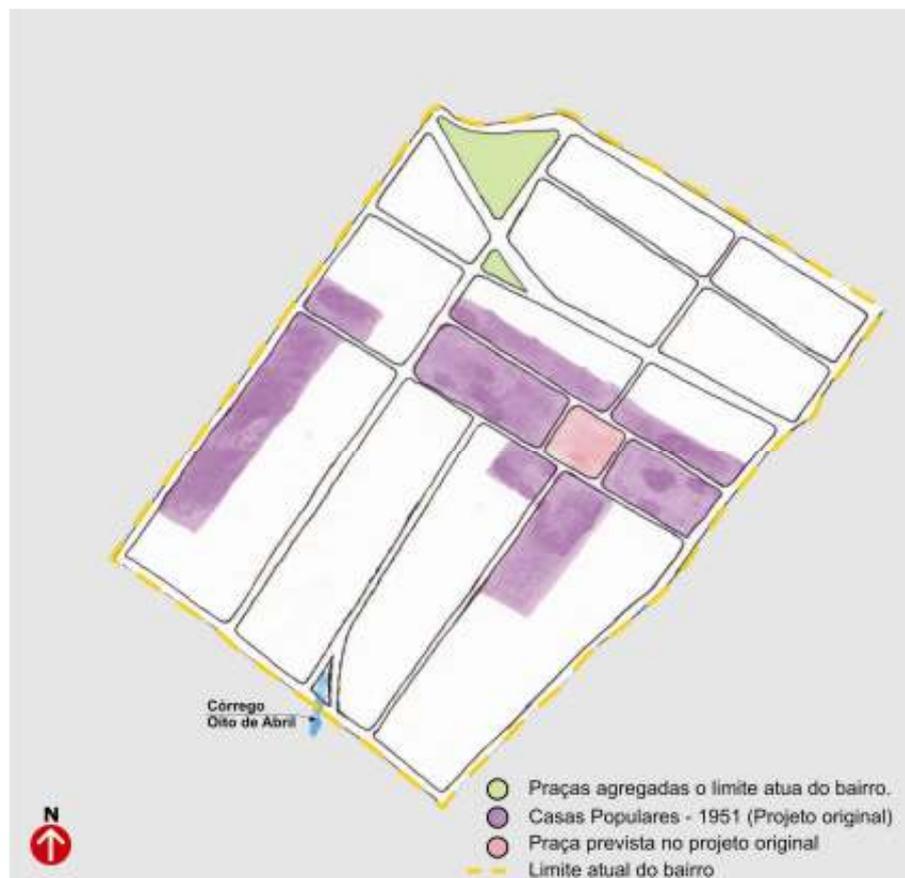


Figura 48. Limite do Bairro Popular: Projeto original / Espaços livres.
(Fonte: Bethânia Moura, 2008)

3.1.2. Limites perceptivos

Para analisarmos os limites reconhecidos pelos moradores, decidimos estudar a apropriação imagética pelos moradores. Apresentam-se abaixo os resultados da pesquisa de campo que serviu como instrumento para elucidar uma questão levantada durante os primeiros contatos com a região: o Bairro Popular é reconhecido através dos mesmos limites registrados na municipalidade? Ao buscar esclarecer essa questão, pretende-se demonstrar a confusão sobre a delimitação reconhecida por aqueles que moram e freqüentam a área de estudo, sem que esta resposta seja configurada como a finalização de um estudo, mas sim como uma possibilidade para uma nova pesquisa.

Ao todo foram aplicadas 87 (oitenta e sete) entrevistas com moradores, pessoas que trabalham no Bairro e visitantes, em horários aleatórios. E através destas entrevistas, pode-se verificar a definição de três espaços sendo reconhecidos como limite do Bairro Popular: Quadrilátero Popular, Entorno da Praça e Casas Populares, descritos a seguir. Com o resultado da pesquisa, desenvolveu-se um gráfico que exibe em porcentagem as respostas dos entrevistados e, através de mapas esquemáticos, organizados a partir da análise sobre

os espaços, podemos visualizar as áreas que foram mais identificadas no mapa do Bairro Popular (Figuras 49 e 50).

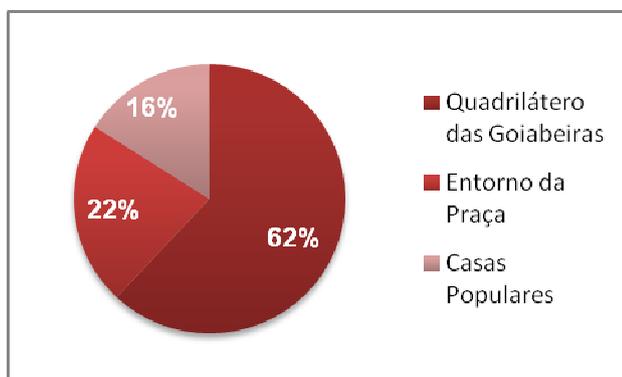


Figura 49. Gráfico com resultado em porcentagem da respostas dos 87 entrevistados sobre qual a área é reconhecida como limite do Bairro Popular. (Fonte: Bethânia Moura, 2009)



Figura 50. Esquema gráfico dividido conforme as respostas dos 87 entrevistados sobre qual a área é reconhecida como limite do Bairro Popular: Quadrilátero Popular, Entorno da Praça e Casas Populares. (Fonte: Bethânia Moura, 2009)

a) Quadrilátero Popular: 62% dos entrevistados relacionaram o encontro das avenidas Isaac Povoas, São Sebastião, Dom Bosco e Filinto Muller aos limites do Bairro, amarrando a forma a um polígono facilmente definido.

b) Entorno da Praça: 22% das pessoas reconheceram a presença da Praça Eurico Gaspar Dutra como um marco importante e definiram como Bairro Popular o entorno direto da Praça. Na maioria das vezes esta demarcação tornou-se confusa quando se indagava sobre a linha limite na direção sul (Córrego 8 de Abril).

c) Casas Populares: apenas 16% das entrevistas fizeram uma alusão concreta à relação entre a história da origem do Bairro e a situação atual, recorrendo à presença de exemplares das casas populares para tentar definir um perímetro ao Bairro.

O fato de que a Praça Eurico Gaspar Dutra tenha sido citada sempre como parte do Bairro, e até ser usualmente chamada de Praça Popular, afirma as características de **marco** do local, apesar de em algumas entrevistas e até em matérias de jornais ela ser lembrada como **ponto nodal** pela dificuldade de transitar nos horários de maior movimento dos restaurantes.

A faixa entre as Avenidas Getúlio Vargas e Isaac Povoas não foi considerada nas entrevistas como Bairro Popular, nem tampouco reconhecida através das fotos que fizeram parte do método de pesquisa. Quando se perguntou a que região esta localidade fazia parte foram relacionadas duas resposta: Bairro Goiabeiras e a combinação Bairro Goiabeira e área central. Para esta resposta também foi organizado um gráfico que exibe em porcentagem as respostas dos entrevistados, e mapas esquemáticos para ilustrar as representações (Figura 51 e 52).

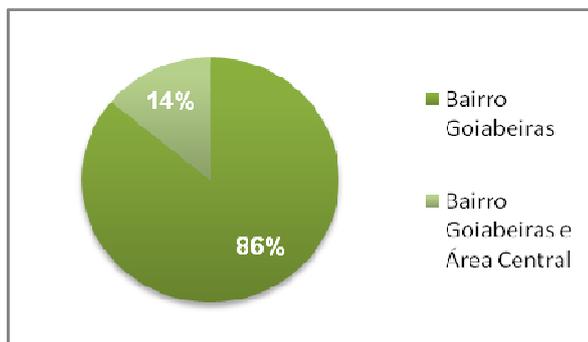


Figura 51. Gráfico com resultado em porcentagem da respostas dos 87 entrevistados sobre a faixa de área não reconhecida como Bairro Popular.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

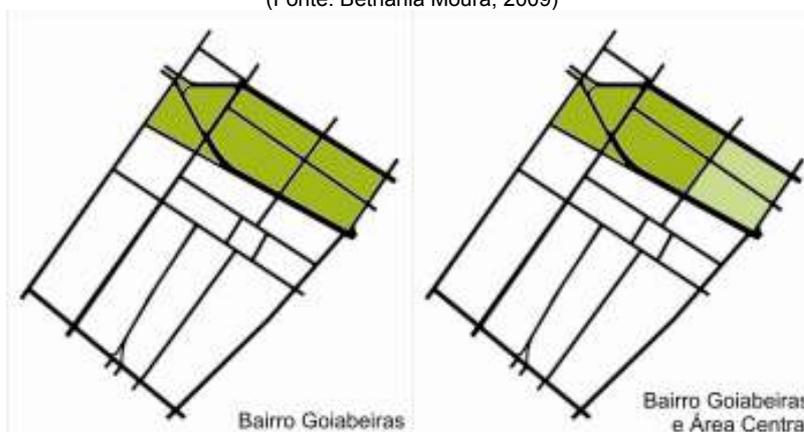


Figura 52. Esquema gráfico dividido conforme o resultado em porcentagem da respostas dos 87 entrevistados sobre a faixa de área não reconhecida como Bairro Popular.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

a) **Bairro Goiabeiras:** 86% das entrevistas afirmaram que esta área faz parte do Bairro Goiabeiras;

b) **Bairro Goiabeiras e Área Central:** 14% das pessoas entrevistadas identificaram esta área como sendo Bairro Goiabeiras e o setor próximo a Avenida São Sebastião foi identificado como um prolongamento da área central, só reconhecido nas entrevistas realizadas nesta localidade.

Conclui-se que toda a extensão do Bairro Popular, conforme delimitado pela Prefeitura, pode ser dividida em duas grandes áreas: **Bairro Popular** e área chamada de **Bairro Goiabeiras**, tendo uma porção reconhecida por uma pequena parte dos entrevistados como **Área Central**.

3.2. Aspectos da legislação

O Bairro Popular passou por uma transformação urbana contrastante desde o início de sua ocupação. O desenvolvimento e o crescimento urbano de Cuiabá impulsionaram gradativamente a ocupação do local, que já na década de 1980 apresentava potencial para o comércio. Mas só na década de 1990 se transformou de maneira drástica, passando de Bairro predominantemente residencial para misto com grande concentração de comércio e serviços. E foi neste período, após a década de 1990, que o Bairro teve o seu grande salto de valorização, quando muitas casas foram sendo substituídas por instalações comerciais e edificações multifamiliares.

No que se refere às intervenções urbanas que a Prefeitura Municipal de Cuiabá praticou no Bairro, uma das mais importantes foi a promulgação da Lei de Uso e Ocupação do Solo, elaborada no ano de 1982, que permitiu a construção de até quatro vezes a área do lote, equivalente ao coeficiente de aproveitamento igual a quatro, como é conhecido pelos arquitetos e engenheiros da cidade. Permitiu também o uso da área para fins residenciais, comerciais e de serviços locais, comunitários e institucionais, dando início ao processo de adensamento e valorização, uma vez que a área já contava com infra-estrutura urbana.

Em 1997, foi promulgada a Lei Complementar nº 044 de 23 de Dezembro de 1.997, que disciplina o Uso e a Ocupação do Solo Urbano do Município de Cuiabá, dividido em três categorias: Zona Urbana de Uso Múltiplo (ZUM), Zona de Expansão Urbana (ZEX) e Zonas Urbanas Especiais. Sobre o Bairro Popular incide a Zona Urbana de Uso Múltiplo (ZUM) – Zona de uso proibido à subcategoria ALTO IMPACTO SEGREGÁVEL e restrito à categoria

IMPACTANTE e à subcategoria ALTO IMPACTO NÃO SEGREGÁVEL²⁵. A legislação indica que são aceitas construções residenciais e comércio local, como padaria, locadora, livraria, ou seja, uma grande mistura de usos sem predominância de um tipo (Figura 53). Porém não foram previstos instrumentos jurídicos para regular esta ocupação comercial, e com o desenvolvimento do Bairro como pólo gastronômico surgiram problemas de infra-estrutura, dentre eles o sistema viário.

Segundo a Prefeitura Municipal de Cuiabá, o sistema viário tem sido o maior problema enfrentado em relação ao planejamento urbano local, pois não comporta toda movimentação de veículos que circulam principalmente no período noturno. Também durante o dia o trânsito tem se tornado cada vez mais intenso. Durante as visitas ao Bairro para a pesquisa, as ruas estavam sempre com movimentação intensa de veículos além da grande quantidade de carros estacionados. Podem-se identificar vias de intenso movimento de carros e outras que servem de apoio às atividades de comércio e serviços instaladas nas proximidades.



Figura 53. Exemplos de comércio e serviços permitidos, segundo a legislação: (A) Loja de roupas, (B) Artigos para informática, (C) Restaurante, (D) Galeria comercial com vídeo locadora, papelaria e lojas de decoração, (E) Panificadora e restaurante.

(Fonte: Bethânia Moura, 2008)

²⁵ *ALTO IMPACTO SEGREGÁVEL* – As atividades que por seu nível impactante, porte, periculosidade, potencial poluidor e incremento por demanda de infra-estrutura, devem submeter-se a condições especiais para sua localização e instalação.

IMPACTANTE – Os usos que, por seu nível impactante, porte, periculosidade, potencial poluidor e incremento por demanda de infra-estrutura, podem-se integrar à vida urbana comum, adequando-se às exigências de Posturas Municipais, mas que exigem padrões mínimos de infra-estrutura para sua instalação e funcionamento. (Fonte: Legislação Urbana de Cuiabá/2004)

3.2.1 Hierarquização viária

Aplicando-se às vias do bairro a classificação definida pela Lei nº 3.870 de 05 de Julho de 1.999, que dispõe sobre a regulamentação do artigo 26 da Lei Complementar 004 de Uso e Ocupação do Solo Urbano de Cuiabá -Capítulo 1, artigo 1º - Discriminação das Vias Urbanas, temos a seguinte classificação:

- Vias Locais – PGM²⁶ mínimo de 12 metros (Rua 24 de outubro, Rua Senador Vilas Boas e Rua Brigadeiro Eduardo Gomes - Vias essas circundam a praça.) e (Rua Sírio Libanesa e Rua Presidente Castelo Branco - Vias que dão acesso à Praça Eurico Gaspar Dutra).
- Vias Coletoras – PGM mínimo de 18 metros (Avenida São Sebastião e Avenida Senador Filinto Muller).
- Vias Principais – PGM mínimo de 24 metros (Rua Estevão de Mendonça, Rua 8 de Abril e Av. Dom Bosco).
- Vias Estruturais – PGM mínimo de 30 metros (Av. Isaac Povoas - Via que se comunica com as locais).

Esta classificação foi promulgada após a consolidação urbana dessas vias, o que resultou em classificações aproximadas com relação à função que as ruas e avenidas já apresentavam no contexto do Bairro. No mapa de hierarquização viária, apresentado na Figura 54, pode-se verificar a discriminação hierárquica usada pela Prefeitura Municipal de Cuiabá, o que pode não corresponder às características definidas pela lei.

No capítulo 4, as principais características das vias serão descritas com mais detalhes, dentro da situação real encontrada no Bairro durante a pesquisa.

Figura 54. Mapa de hierarquização viária do Bairro Popular.

²⁶ PGM: Padrão Geométrico Mínimo – de caixa viária é a largura mínima real ou prevista para cada classe de via. É determinado a partir do eixo geométrico da via, medindo-se a metade de seu valor para cada lado e é critério para fins de definição de Afastamento Frontal Mínimo, de localização das atividades e empreendimentos da categoria IMPACTANTE e de limite de adensamento. (LEI COMPLEMENTAR Nº 150 DE 29 DE JANEIRO DE 2007. Prefeitura Municipal de Cuiabá)

Hierarquização Viária

Bairro Popular



Av. Isaac Póvoas



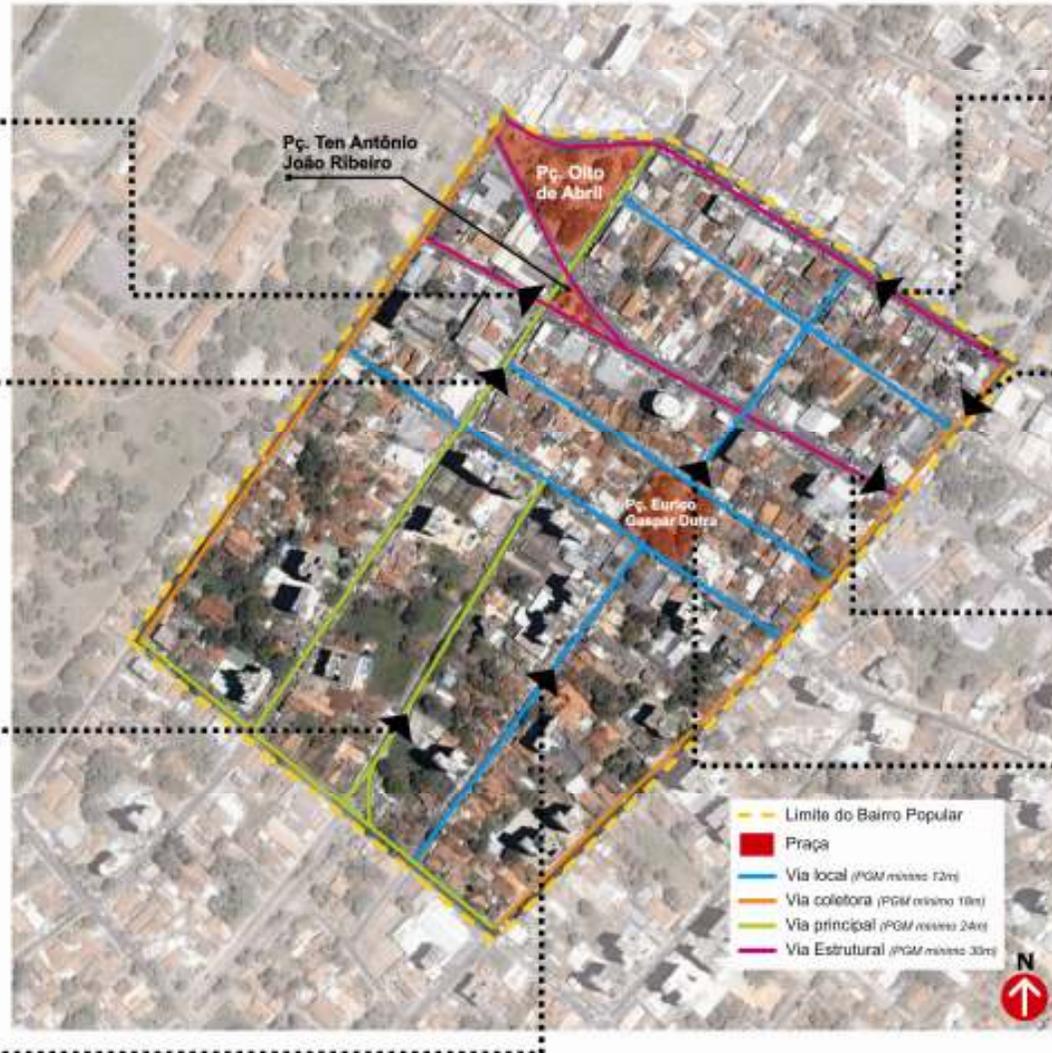
Rua Estevão de Mendonça



Av. 8 de abril



Rua Sírio Libanese



Av. Getúlio Vargas



Av. São Sebastião



Av. Isaac Póvoas



Rua Presidenta Castelo Branco

3.3. Uso e ocupação do solo

O Bairro Popular apresenta tendência a se tornar cada vez mais comercial, conforme pode ser observado no mapeamento de Uso e Ocupação do Solo, elaborado em janeiro de 2009 para essa pesquisa. Neste mapa, conforme Figura 55, é possível verificar a relação entre a ocupação residencial (em amarelo) e a ocupação comercial e serviços (em vermelho e laranja respectivamente).

Em relação à ocupação do Bairro, a densidade residencial é superior à comercial, devido à quantidade considerável de edificações multifamiliares (21 unidades), que elevam o nível de adensamento local. No entanto, através do mapeamento, pode-se verificar que praticamente a metade do Bairro, na sua área mais edificada, é predominantemente voltada para as atividades comerciais e de serviços, com edificações térreas e poucos sobrados. Além dessas ocupações, o Bairro possui uma grande quantidade de lotes vazios na Avenida 8 de Abril, contrastando com os edifícios residenciais que estão localizados nas ruas paralelas Sírio Libaneza e Estevão de Mendonça, indicando que o Bairro tem potencial para adensar ainda mais com a construção de novos edifícios residenciais ou comerciais.

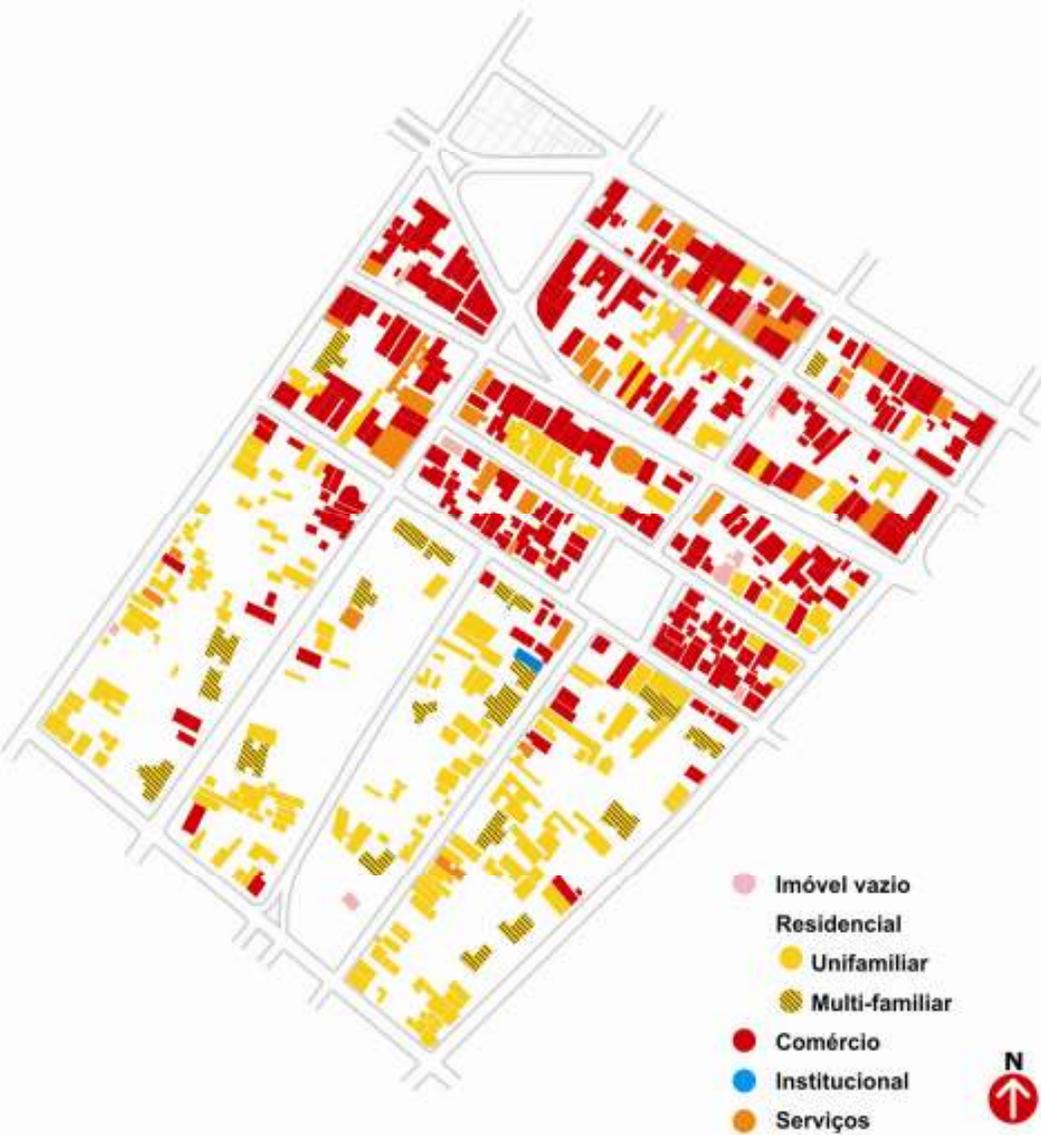
Esta tendência clara para a verticalização e adensamento pode ser verificada na área mais próxima a Praça Eurico Gaspar Dutra, as residências estão sendo substituídas por atividades de comércio e serviços. Ao sul, partindo da Rua Brigadeiro Eduardo Gomes em direção à Avenida Dom Bosco, encontra-se a maior quantidade de espaços livres privados. Neste setor, estão sendo erguidos prédios residenciais, em geral com mais de 12 pavimentos.

A Figura 56 foi desenvolvida a partir da análise do mapa de Uso e Ocupação do Solo, e retrata a divisão do Bairro em duas tendências para seu desenvolvimento: a primeira comercial, nas áreas mais ocupadas e próximas a vias de intensa movimentação como a Avenida Getúlio Vargas e Isaac Póvoas; a segunda, residencial, com ênfase para verticalização, nas áreas com significativa presença de espaços livres e mais afastadas da intensa movimentação de carros: Avenida 8 de Abril e Rua Estevão de Mendonça no trecho próximo à Avenida Dom Bosco.

Figura 55. Mapa de Uso e Ocupação do Solo do Bairro Popular.

Uso e Ocupação do Solo

Espaço construído - Bairro Popular



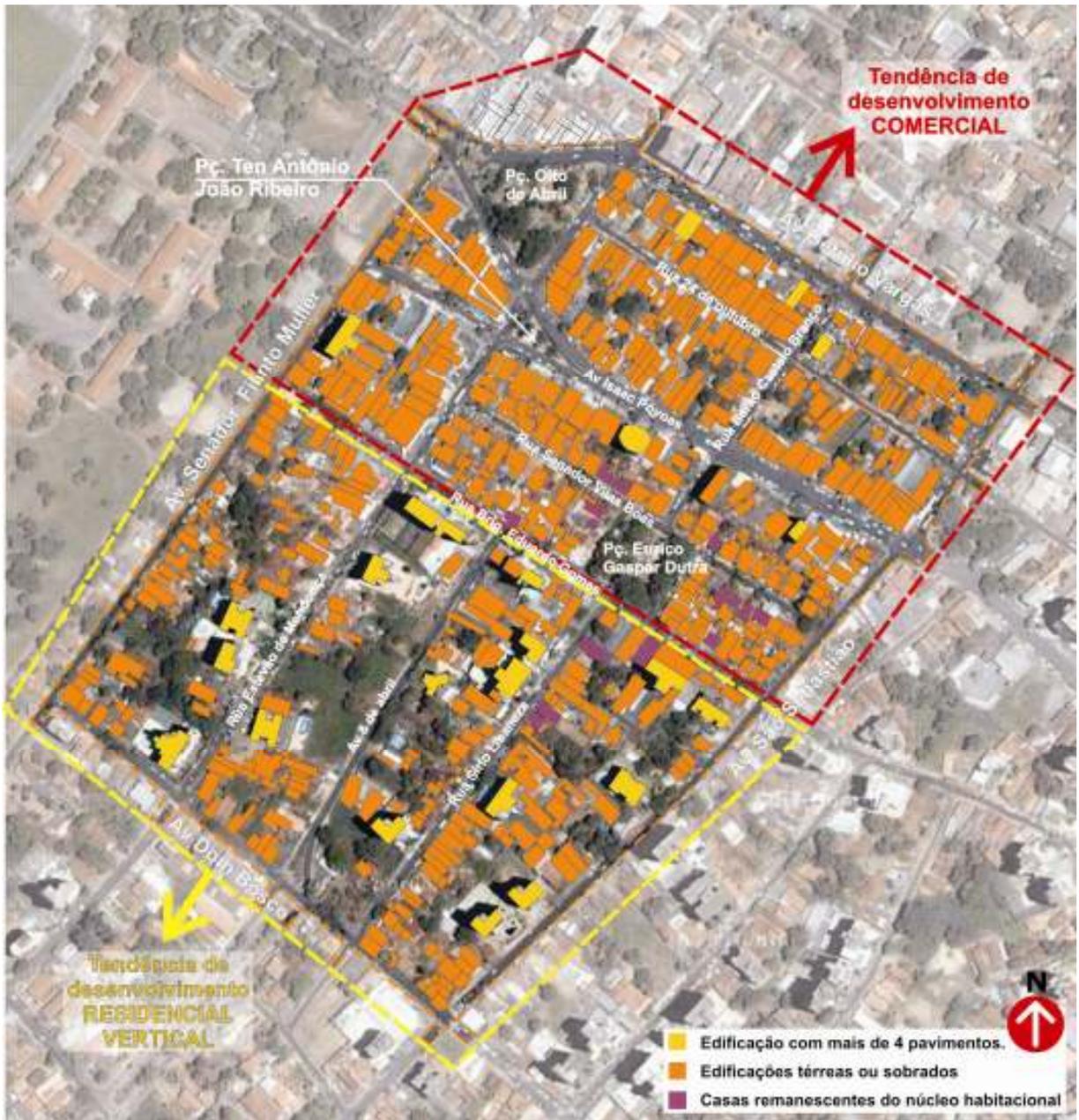


Figura 56. Análise sobre as tendências de desenvolvimento do Bairro: COMERCIAL e RESIDENCIAL MULTIFAMILIAR. (Fonte: Bethânia Moura, 2009)

3.4. Aspectos paisagísticos e ambientais

A evolução urbana de Cuiabá, tratada no Capítulo 02, demonstra que o Bairro Popular passou por uma grande valorização imobiliária, porque a cidade cresceu rapidamente e os investimentos com infra-estrutura não acompanharam este processo de ocupação. Áreas como o Bairro Popular, providas de infra-estrutura e próximas do centro urbano com reserva de espaços livres privados, se tornaram muito procuradas.

A procura por casas e terrenos no Bairro chamou a atenção da imprensa e foi alvo de reportagens que retrataram uma supervalorização de até 500% no valor do terreno (Figura 57).

Com os altos preços, a paisagem local deve passar por uma intensa transformação, pois ao caminhar pelo Bairro pode-se perceber a quantidade de casas que estão à venda, localizadas nas ruas de maior movimento de veículos, o que pode significar o aparecimento de novas atividades de comércio e serviços na região e também o incômodo dos moradores por causa do fluxo intenso de veículos. Atualmente, a paisagem urbana do Bairro é contrastante, pois apresenta ruas com características de um Bairro residencial, com pessoas nas calçadas e cadeiras na frente das casas ao final do dia, e vias tomadas por edifícios multifamiliares que se posicionam de modo introspectivo em relação à dinâmica da rua. Nos casos dos espaços livres privados que são cercados por muros altos, esses atuam como barreiras criadas na paisagem (Figura 58).

Além dessas características do ambiente edificado, os aspectos ambientais serão também analisados, com ênfase nos aspectos relativos a topografia, hidrografia e arborização.



Figura 57. Recorte de jornal, chamando atenção a especulação imobiliária local.

(Fonte: Jornal A GAZETA publicado em 03/07/2005).



Figura 58. A paisagem do Bairro Popular: Casas X Edifícios
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

3.4.1. Topografia

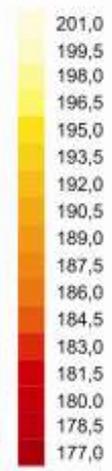
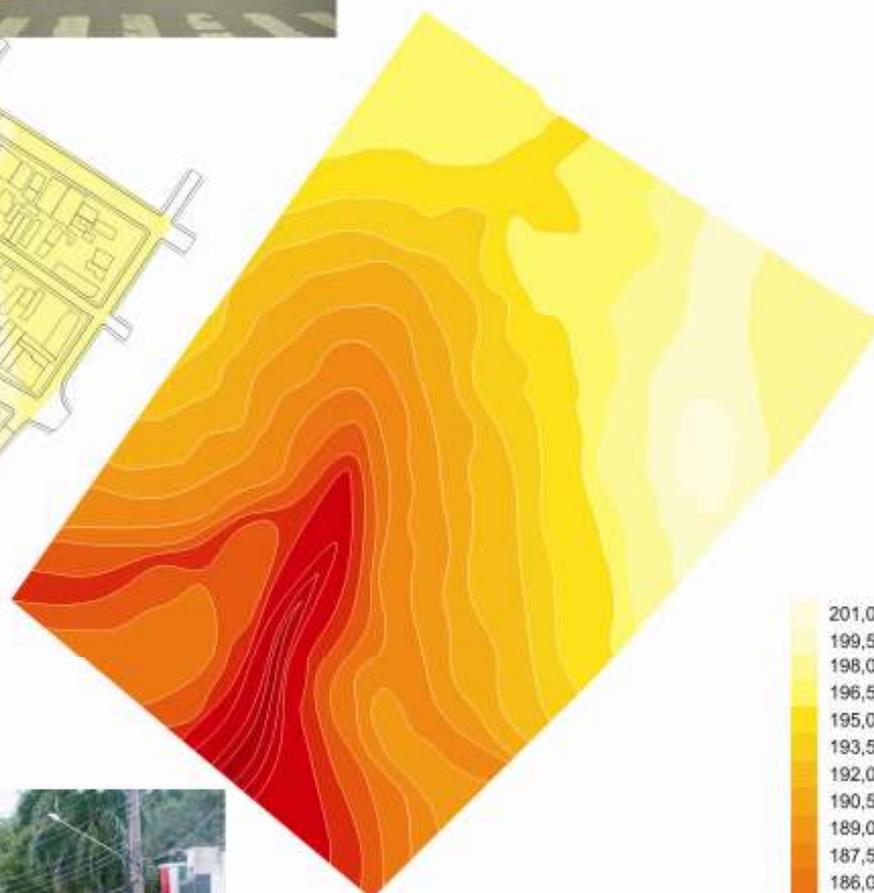
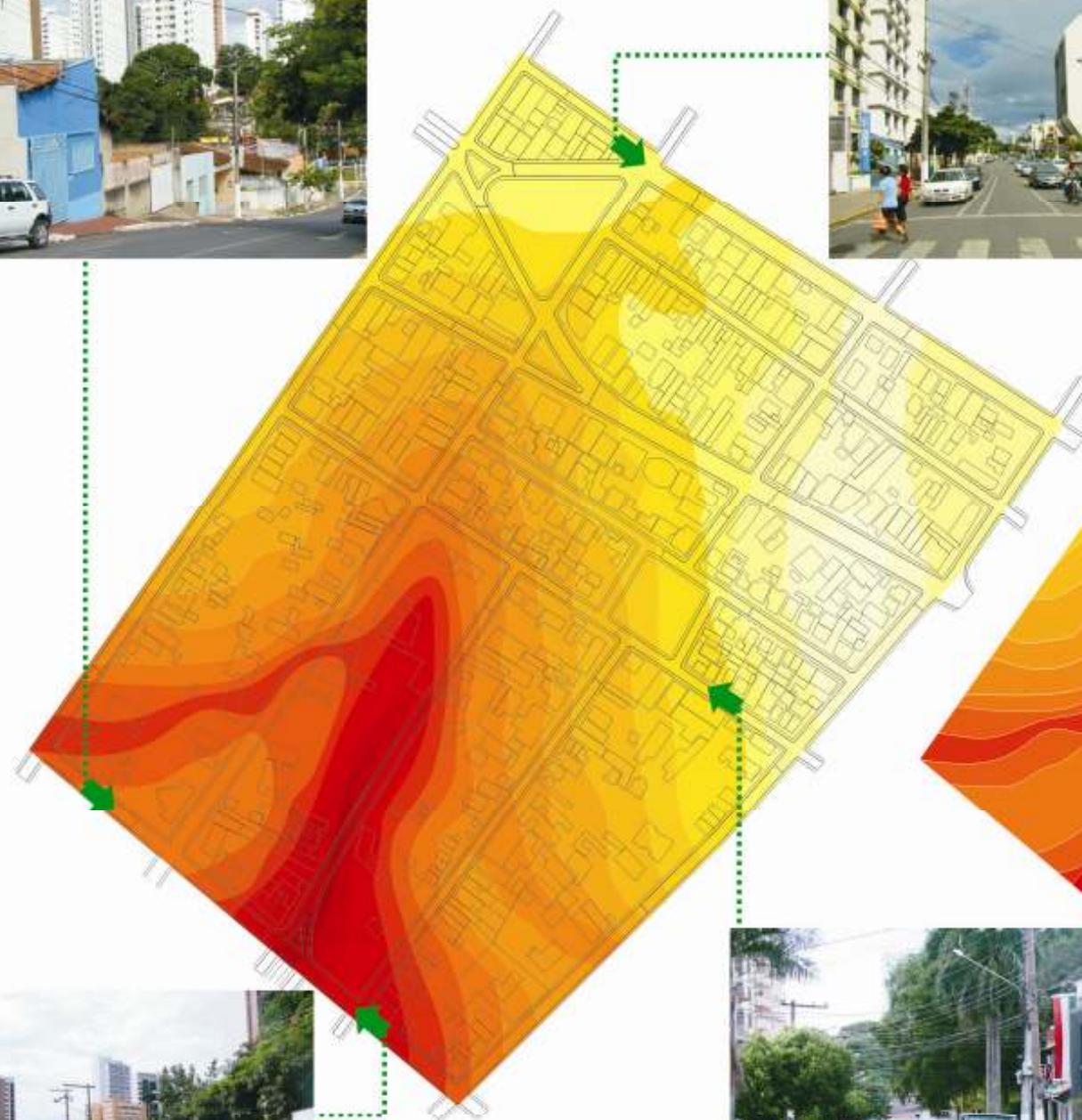
A topografia pode ser caracterizada como de declive suave, pois com base no mapeamento apresentado na Figura 59 verifica-se que as áreas ao norte e leste apresentam as cotas mais altas, em torno de 201m, e que ao sul e oeste acontecem os maiores desníveis, chegando a cota 177m, como é o caso do encontro entre as Avenidas Dom Bosco e Av. Oito de Abril.

A região onde hoje se verifica a maior incidência de espaços livres privados é também a que apresenta o maior desnível topográfico, chegando a ter uma variação média de 10 m ao longo da Avenida Oito de Abril, com aproximadamente 25% de declive. Essa condição ocorre porque neste local se localiza o leito do Córrego Oito de Abril, atualmente canalizado. Esta avenida foi aberta após a criação do Bairro Popular e acredita-se que no decorrer do seu desenvolvimento, quando as chácaras foram aos poucos fracionadas em lotes, este alinhamento se deve à tendência natural de se transformar em eixo de passagem, já que não fora ocupada por causa do córrego.

Figura 59. Mapa de topografia do Bairro Popular.

Topografia

Bairros Populares



3.4.2. Hidrografia

Cabe aqui destacar a presença do Córrego Oito de Abril que corta o Bairro Popular e o processo de transformação de seu leito ao longo da história do Bairro. As imagens aéreas e fotografias da Figura 60 retratam a Avenida Oito de Abril em dois momentos; em 1988 pode-se visualizar no mapa um caminho sinuoso não completamente definido, ainda sem asfalto e distinguido pelas cercas e fachadas das casas; em 2009, a Avenida aparece consolidada e com toda a caixa viária executada.

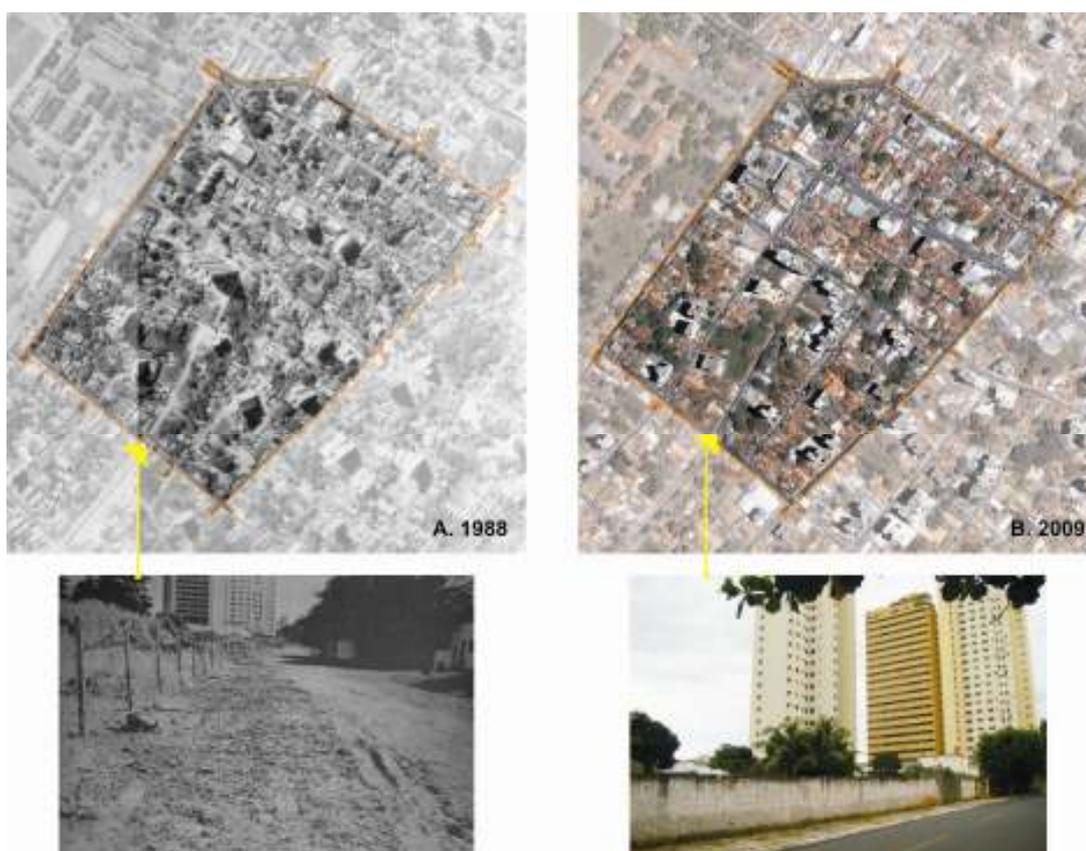


Figura 60. Avenida Oito de Abril em dois momentos: 1988 e 2009.

(Fonte: A. Prefeitura Municipal de Cuiabá/ Jornal A Gazeta , data ...– B. Google Maps / Bethânia Moura, 2008)



Figura 61. Vista Avenida Oito de Abril, córrego em vala.

(Fonte: Bethânia Moura, 2008)

O trecho do Córrego Oito de Abril a partir do limite do Bairro Popular está canalizado, porém após passar pela Avenida Dom Bosco corre em vala a céu aberto até o Rio Cuiabá, embora já exista projeto na Prefeitura para canalizá-lo totalmente e assim duplicar a Avenida. (Figura 61)

3.4.3. Vegetação

Relacionado aos aspectos ambientais, destaca-se a retração das áreas arborizadas dentro dos limites do Bairro. Se compararmos os mapas desenvolvidos com base nas fotografias aéreas dos anos de 1988 e 2009 pode-se constatar que houve uma retração da arborização em 20 anos, o que se reflete na paisagem verificando-se que este processo ocorreu principalmente nos espaços livres privados (Figura 62).

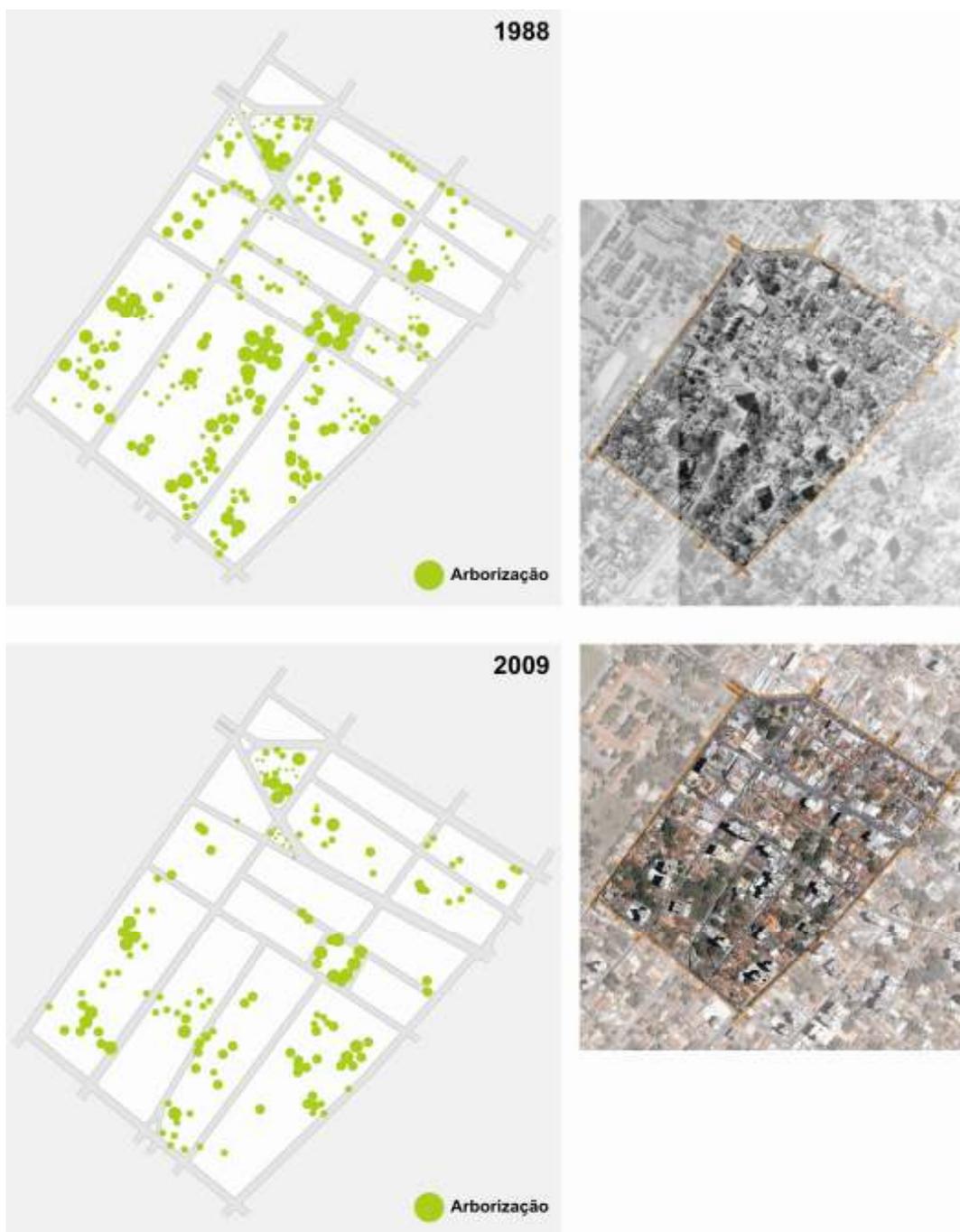


Figura 62. Comparação entre os cadastros de arborização dos anos de 1988 e 2009.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

3.4.4. Tipos de edificações

O Bairro Popular está passando por um processo de transformação, conforme já foi analisado anteriormente: as casas térreas antigas estão dando lugar a edificações multifamiliares e a edificações comerciais, resultando na alteração da tipologia arquitetônica local. Nessa pesquisa, identificamos no Bairro quadro tipos edilícios característicos (Figura 63 a Figura 66):

1. Casa térrea com telhado aparente



Figura 63. Residência térrea com características original das casas populares.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

2. Casa térrea com platibanda



Figura 64 Residência térrea com referência modernista.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

3. Sobrado comercial com platibanda e vidro



Figura 65. Sobrado comercial com aberturas em vidro (Pizza na Pedra)
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

4. Edificação multifamiliar com mais de cinco pavimentos



Figura 66. Edificações multi familiar acima de 5 pavimentos.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

Caminhando pelo Bairro observa-se como característica marcante as edificações (tanto comerciais quanto residências) pintadas com cores fortes que se destacam na paisagem.



Figura 67. Entrada de lote para centro de quadra.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

O Bairro não obedece a um padrão de parcelamento do solo, pois são encontradas quadras com parcelamento regular, decorrentes do loteamento do conjunto habitacional, e outras com residências localizadas no centro das quadras e alguns lotes apresentam servidão para o interior da quadra (Figura 67).

São também encontradas edificações construídas junto aos limites do lote, mas as construções mais recentes respeitam os recuos solicitados pela Prefeitura através da Lei Complementar N.º 044 de 23 de dezembro de 1997 - Uso e Ocupação do Solo Urbano. A variação do recuo depende da categoria viária onde o lote está localizado e o resultado deste processo de uso e ocupação pode ser observado nos mapas: Figura x Fundo e Fundo x Figura, apresentado na Figura 68. Nele verifica-se que o Bairro tem aproximadamente 50% de área construída e 50% de espaços livres, com regiões bem definidas pelas manchas de ocupação e de espaços livres.

Reportando-se ao que foi destacado anteriormente - 3.3. *Uso e ocupação do solo*, esta divisão marcada virtualmente pela Rua Brigadeiro Eduardo Gomes como limite entre as duas formas de desenvolvimento percebidas do bairro (Figura 56), é também a limitação entre as áreas com maior e menor adensamento construtivo. É interessante ressaltar que a área com menor adensamento construtivo é a área com maior tendência ao adensamento populacional, já que nela estão 75% de todas as construções multifamiliares com mais de quatro pavimentos do bairro. Esta constatação demonstra também como as análises se interpõem e apontam para uma leitura coesa do Bairro, expressa também através do sistema de espaços livres, que será focado no Capítulo 4.

Figura 68. Figura e fundo – Bairro Popular, 2008

Figura X Fundo / Fundo X Figura

Bairro Popular



4. SISTEMA ESPAÇOS LIVRES – PÚBLICOS E PRIVADOS

O Bairro Popular é composto por um conjunto de sistemas urbanos, e dentre eles o sistema de espaços livres, que será analisado através de dois sub-sistemas complementares: espaços livres públicos e espaços livres privados. Esta análise será iniciada pelo sistema de espaços livres públicos, focando-se nas funções de convívio social, recreação e circulação.

4. 1. Espaços livres públicos no Bairro Popular - Praças

A seguir foram aplicados critérios de análise que possibilitam apreender o papel desses espaços no sistema. Esses critérios incluem função e programa, relação funcional e formal com o entorno construído, tratamento paisagístico e mapeamento de uso pelos frequentadores.

A seguir serão descritos os espaços livres públicos – Praças - de acordo com a hierarquia observada durante a pesquisa, onde a Praça Popular é a figura de maior destaque no sistema, influenciando até na escala da cidade. A Praça Oito de Abril segue em segundo com importante característica imagética e a Praça Tenente Antônio João Ribeiro tem influência apenas na escala do Bairro.



Figura 68. Hierarquia dos espaços livres: Praças.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

4.1.1. Praça Eurico Gaspar Dutra – “Praça Popular”

A Praça Eurico Gaspar Dutra foi criada no projeto original do Bairro Popular e está localizada na área central do bairro. É evidenciada no tecido urbano, se tornando um local de significativa importância hierárquica em relação ao Bairro (Figura 70).

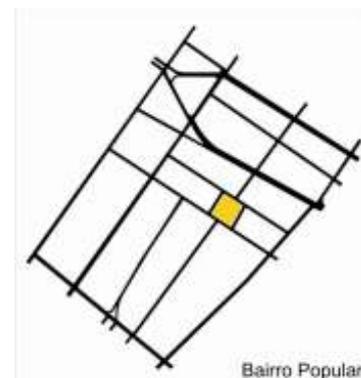


Figura 70. Localização da Praça Popular
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

Através da perspectiva disponibilizada pela Prefeitura e apresentada na Figura 71, notamos que a praça foi concebida para ser um local de contemplação, com canteiros de vegetação que convergiam para o centro.

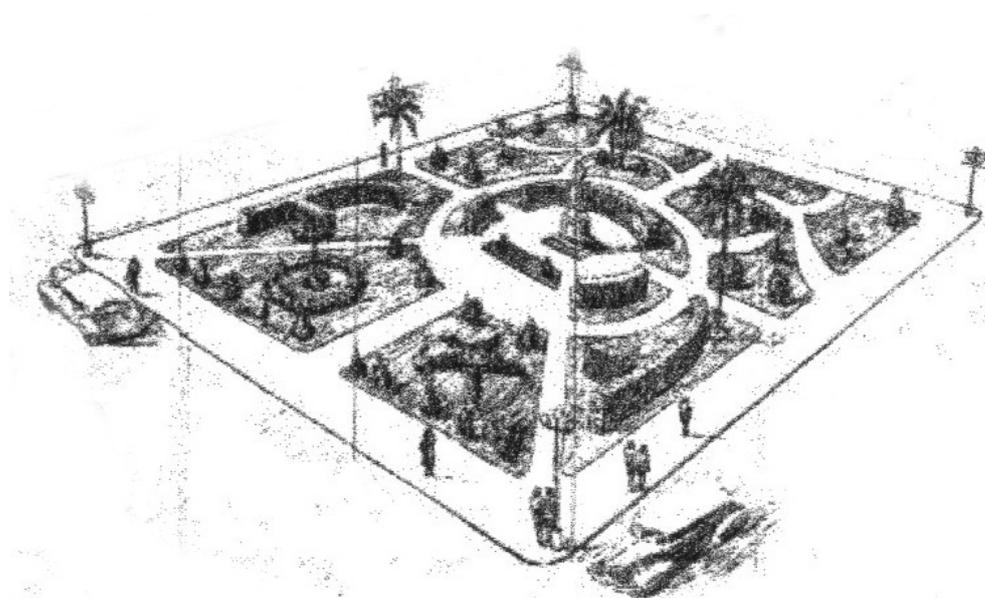


Figura 71. Perspectiva original da Praça Popular.
(Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá / IPDU, 2009)

Desde a sua inauguração, esse espaço passou por várias pequenas reformas que chegaram a ser pagas pelos próprios moradores do entorno, com o intuito de diminuir os atos de vandalismo do local. Em 2002, após uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Cuiabá e uma empresa de telefonia, a praça foi completamente reformada, chamando atenção dos comerciantes para o seu potencial de uso noturno. O memorial descritivo da obra, que foi idealizada pelo Arquiteto Ademar Poppi, descreve:

“A praça Eurico Gaspar Dutra está localizada no centro do Bairro Popular, na região Oeste da cidade. Seu traçado foi totalmente reformulado durante a reforma executada pela Prefeitura em 2002, que manteve as grandes mangueiras e a quadra poliesportiva.

O novo desenho apresenta uma estruturação formal de praça moderna, com estares e recantos de linhas geométricas. Reunindo usos diversos, o programa desta praça prevê espaços para uso contemplativo e o lazer ativo (práticas esportivas e recreação), além da circulação de pedestres

Os equipamentos destinados a tais atividades (quadra poliesportiva, mesa para jogos, play-ground) são encontrados por toda praça. Existe ainda a incorporação da atividade comercial ao programa com a instalação de quiosques / banca para venda de sorvetes, jornais / revistas.

Os eixos principais da praça são ornados com pórticos (arcos em metal) elementos decorativos tipicamente contemporâneos com rígido arquétipo eclético.” (IPDU/ 2002)



Figura 72: Projeto IPDU executado em 2002
(Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá – IPDU/DPE, 2002)

Após esta reforma, a Praça Eurico Gaspar Dutra foi usada por vários projetos culturais e de lazer, sendo o mais conhecido o das *Sextas-feiras dos Choros e Samba* em 2005. Nesse ano, aconteciam shows abertos ao público com artistas locais que enchiam a praça com mesas e cadeiras, mas os comerciantes começaram a reclamar da concorrência desigual dos ambulantes e essas atividades pararam de acontecer. Mesmo assim o público continuou a freqüentar os bares do entorno.

Em 2006, o arquiteto Jaime Lerner foi convidado pelo Prefeito Wilson Santos para desenvolver uma série de projetos para a cidade, a fim de valorizar a identidade local. A Praça Eurico Gaspar Dutra foi uma das escolhidas para participar da intervenção. A proposta previa valorizar este lado “boêmio” da praça, fazendo um grande calçadão para a instalação de mesas. (Figura 73)

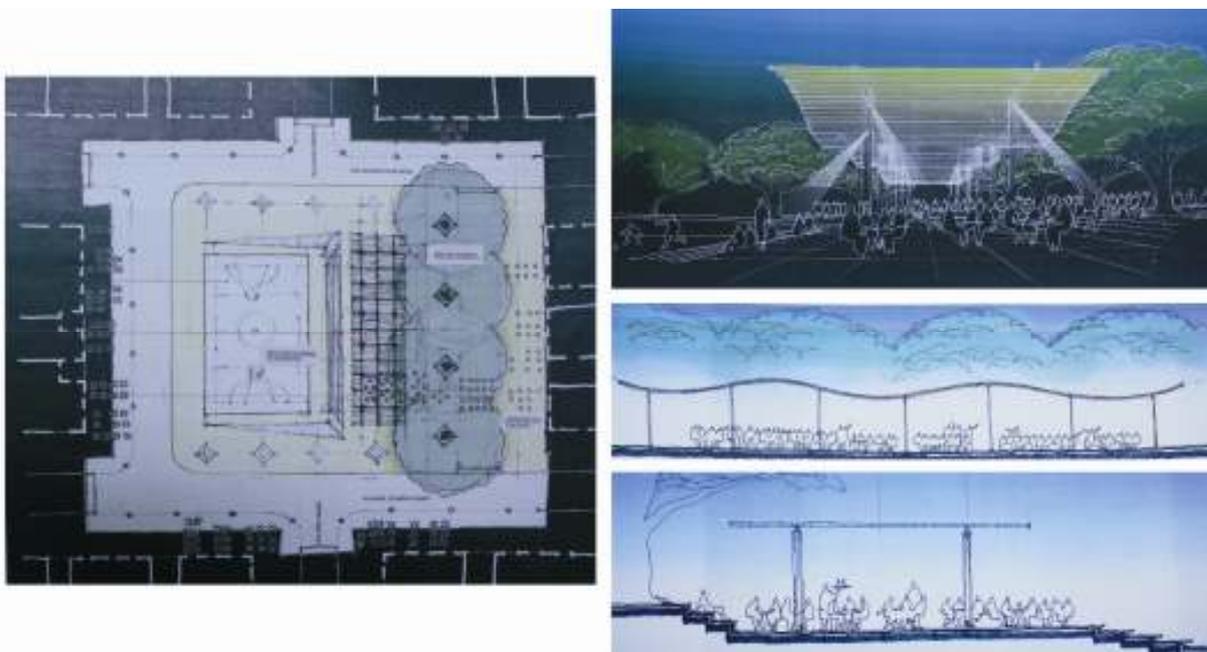


Figura 73: Imagens da proposta entregue pelo escritório de arquitetura de Jaime Lerner.
(Fonte: Prefeitura Municipal de Cuiabá – IPDU/DPE, 2005)

Mas o projeto não recebeu a aprovação dos moradores do Bairro, que escolheram o arquiteto Edimilson Eid para fazer o projeto atualmente executado e cuja obra foi concluída em 2008, e que está apresentado como a base de desenho na análise da Figura 79.

a. Função e programa:

A Praça Popular é caracterizada como área de permanência e convívio social e atende a diversos públicos: idosos, adultos e crianças. São pessoas que moram no bairro ou usam a praça como ponto de apoio dos bares e restaurantes no entorno. Atende às funções de contemplação, lazer, recreação, prática de esporte e ponto de taxi, além de servir como área

de circulação. Esta multiplicidade de funções reflete-se no mapeamento e na implantação de equipamentos e mobiliário urbano, que dão suporte ao programa.



Figura 74. Playground e quadra poliesportiva ao fundo.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)



Figura 75. Banca de jornal e ponto de taxi ao fundo.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)



Figura 76. Ponte cenográfica e mobiliário urbano e canteiros paisagísticos.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)



Figura 77. Banco gola de árvore em madeira sob árvores frondosas.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

Na praça estão distribuídos bancos sob a grande massa arbórea existente, que possibilitam o usuário a descansar e observar o espaço à sua volta. Foi instalada uma fonte de água que serve também como mais um atrativo à contemplação. Esses artifícios são utilizados com o intuito de amenizar o micro-clima local, pois Cuiabá é uma cidade conhecida pelas altas temperaturas, chegando a 42° nos dias mais quentes de verão. As crianças podem brincar no parquinho e correr sobre a ponte cenográfica. Os jovens têm lugar para os jogos e recreação na quadra poliesportiva e também nos espaços entre os canteiros de plantas.

Na praça também se encontram uma banca de jornal e um ponto de taxi e, no período noturno, venda de pipoca, que ajuda a manter o “clima” de contemplação mesmo durante a noite. Deve-se enfatizar que mesmo no período noturno a praça mantém suas características funcionais, pois, como, o entorno é bastante movimentado os moradores, e visitantes, usam as instalações até muito tarde.

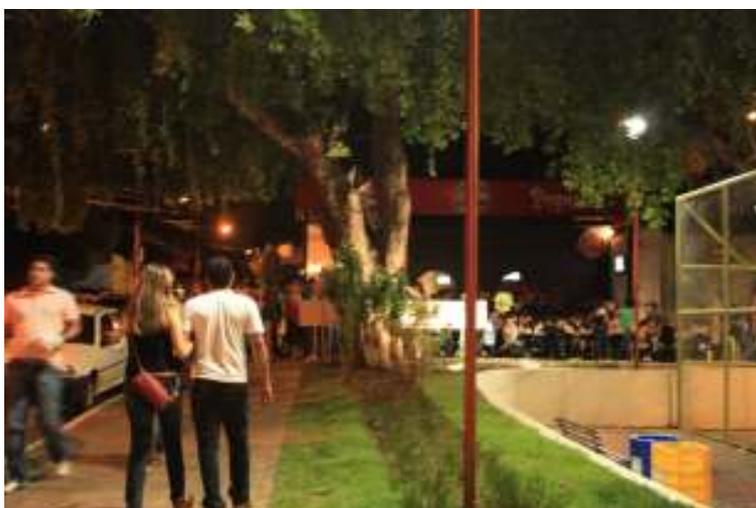


Figura 78 A / B. Vista noturna da praça, com ênfase na quantidade de iluminação e pessoas.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)



Figura 79. Planta da Praça Popular.
 (Fonte: Bethânia Moura, 2008)

b. Relação funcional com o entorno construído:

Atualmente o espaço da Praça Popular serve de referência aos bares e restaurantes do entorno. Estar próximo, ou melhor, em frente à praça, valoriza o comércio através da forte alusão ao espaço e também pelo uso que se faz dela como apoio, pois é comum que as crianças fiquem correndo e brincando na praça, enquanto seus pais se divertem nos bares de entorno. Consideramos, por essa condição, que a Praça apresenta uma relação funcional direta com o entorno (Figura 80).

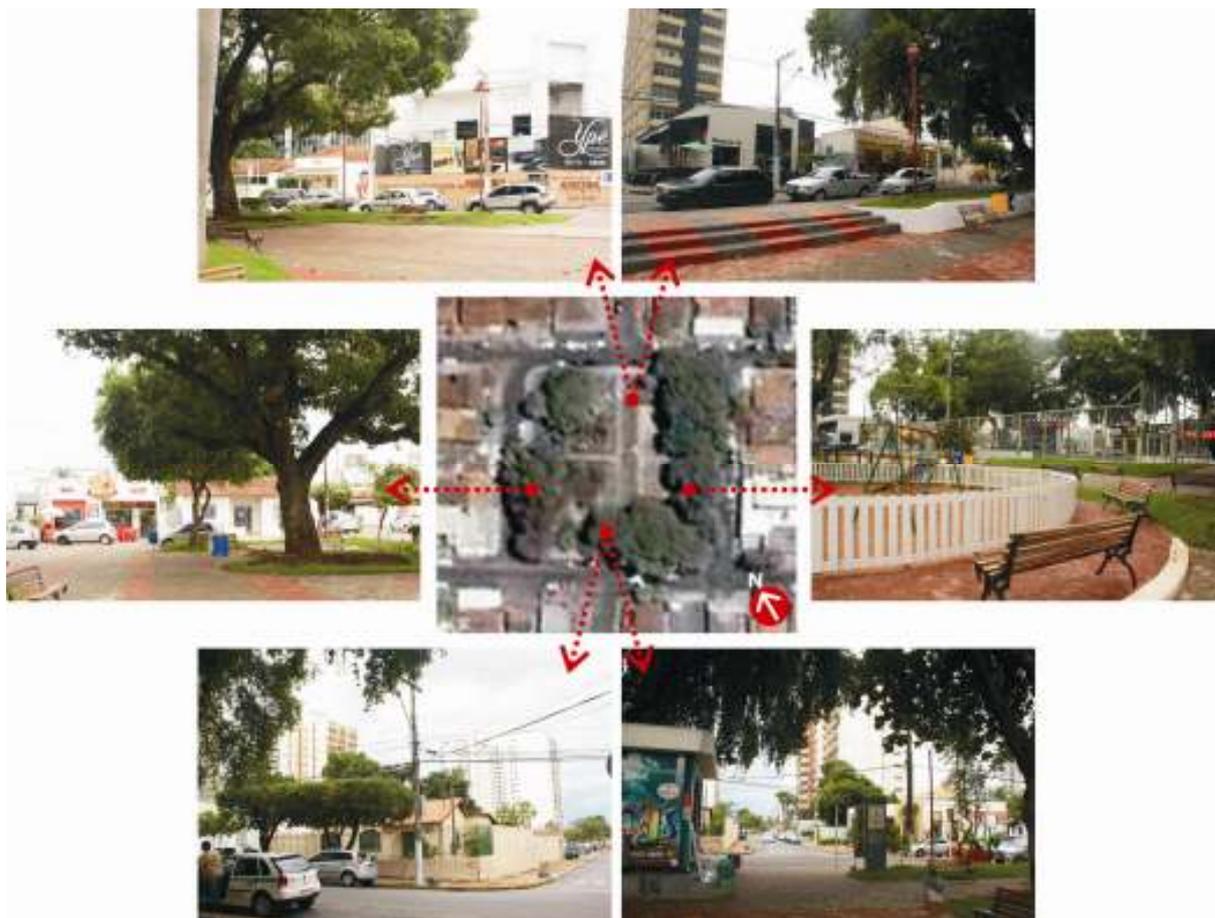


Figura 80. Vistas de entorno da Praça Eurico Gaspar Dutra
(Fonte: Bethânia Moura, 2008)

c. Relação formal com o entorno construído:

Na concepção do loteamento, conforme já ressaltado anteriormente, o espaço da praça recebeu destaque, pois foi posicionada de modo centralizado ao conjunto de casas, com as fachadas voltadas para ela. Assim com a valorização do bairro e principalmente com a valorização deste espaço livre público, essa relação foi mantida e re-valorizada, reforçando a uma relação formal originalmente estabelecida.

d. Tratamento paisagístico:



Figura 81. Tratamento Paisagístico - detalhe para a pavimentação em blocos de concreto intertravado.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

- Vegetação: O espaço é bastante sombreado pelas árvores frondosas, sob elas foi plantada uma cobertura verde e espécies arbustivas e com as folhagens coloridas.
- Pavimentação: a praça foi pavimentada com blocos intertravados em concreto, nas cores cinza e vermelho, que destacam a textura formada por esse material.
- Fachadas: voltadas para a praça, as fachadas são em sua maioria em vidro, o que possibilita a integração entre o ambiente interno (com ar condicionado) e o exterior (praça). Outro elemento arquitetônico usado foi a marquise, que avança sobre a calçada, trazendo o cliente para fora do estabelecimento onde ele tem a visão da praça.
- Materiais construtivos/equipamentos e mobiliário: foram usados preferencialmente materiais que criassem um cenário de simplicidade: madeira e os blocos em concreto que fazem uma

alusão ao tijolo aparente. Para afirmar esta intenção, adotou-se vegetação rasteira, o parque infantil foi cercado com uma cerca branca, e foram instaladas uma fonte de água e também uma ponte cenográfica.

-Infra-estrutura: dentro dos limites da praça não foram encontrados sistema de captação de água pluvial nem de irrigação. A rega é feita através de caminhão pipa que percorre vários pontos da cidade e as partes não pavimentadas (aproximadamente 34% da área total) absorvem a água impedindo que ela empesse. O sistema de iluminação é eficiente o que possibilita que a praça seja utilizada no período noturno (Figura 78).

-Ambiente: o clima da praça é conformado durante o dia pela sombra das árvores e o barulho reduzido dos poucos carros que passam. Durante a noite a temperatura fica mais amena, porém o barulho das pessoas e dos carros é intensificado e o cheiro vindo dos restaurantes e do pipoqueiro marca o local.

e. Mapeamento de usos por usuários:

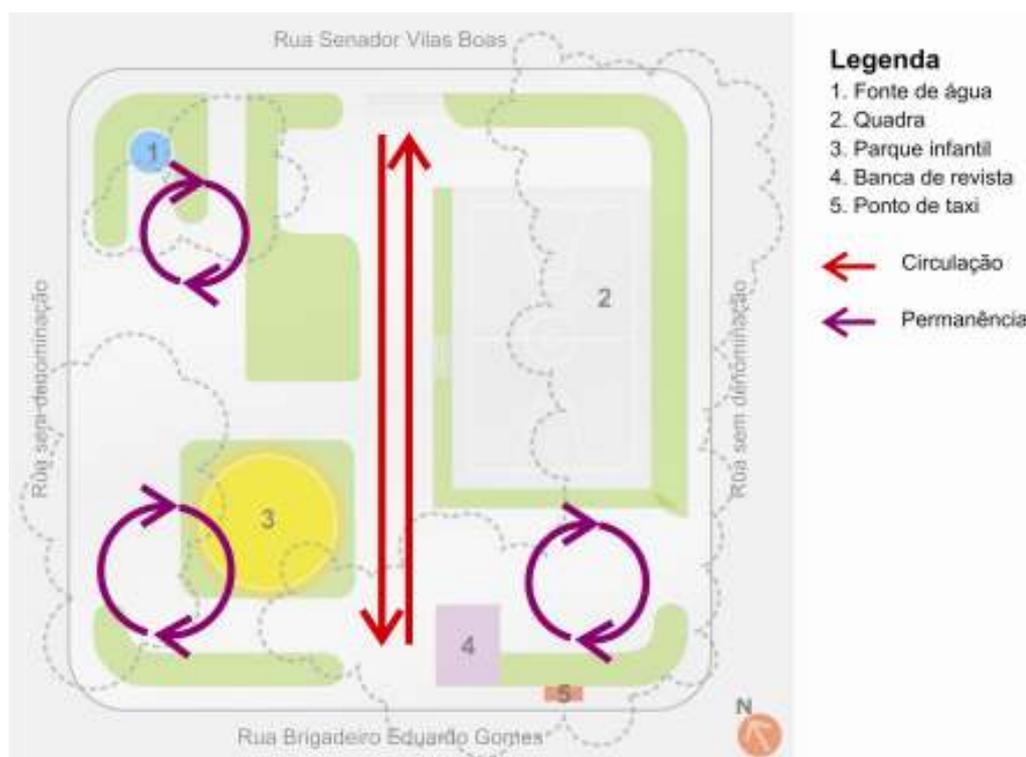


Figura 82. Mapeamento por usuários, com ênfase nas áreas de circulação e permanência de pessoas.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

A praça é regularmente utilizada pelos moradores do Bairro, mas podem-se identificar áreas distintas de permanência e circulação (Figura 82).

- **Permanência:** locais com muita sombra e na periferia da praça, próximos dos equipamentos como o *play-ground*, a quadra poliesportiva e a fonte de água. Em vários horários encontramos pessoas acompanhadas de crianças ou mesmo sozinhas aproveitando a sombra para ler.

- **Circulação:** a principal circulação atravessa a praça em um corredor longitudinal, que liga um lado a outro do Bairro. Esse caminho é bastante percorrido pelos passantes, principalmente no horário noturno, por causa da intensa iluminação.

4.1.2. Praça Oito de Abril

O segundo espaço analisado foi batizado com a data de aniversário da cidade: a Praça Oito de Abril. Este espaço não fazia parte do projeto original do Bairro Popular, e está localizado na área periférica do bairro que foi absorvida na promulgação da lei N° 2.529/88 (Figura 83)

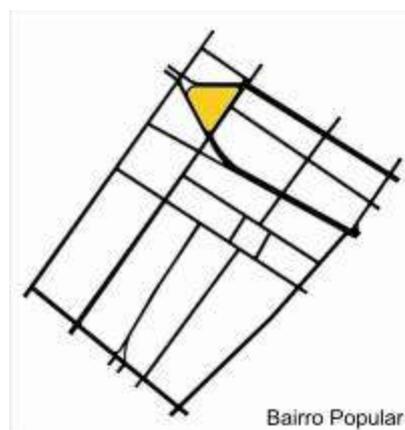


Figura 83: Localização da Praça Oito de Abril.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

O espaço já foi conhecido, na década de 1980, como ponto de prostituição e boêmia, mas em 1990 foi criada a ASCOMBRIL - Associação dos Comerciantes da Praça Oito de Abril que adotou a praça, sendo o 1° caso de adoção de área pública em Cuiabá. Esta associação reformou toda a praça, instalando um parquinho infantil e sanitários públicos e revitalizando o paisagismo. Na época esta iniciativa foi elogiada em jornais, segundo os próprios comerciantes, e o parquinho trouxe a clientela "familiar", pois era utilizado tanto durante o dia quanto a noite.



Figura 84. Praça Oito de Abril:
(A) Vegetação abundante e bancos e mesas de jogos / (B) Parquinho infantil - Década de 90.
(Fonte Jornal A Gazeta 25/04/93)

Aos poucos a falta de manutenção dos brinquedos afastou as crianças, o parquinho ficou anos abandonado, os banheiros foram desativados e a praça passou a ser utilizada apenas como estacionamento de veículos. Em outubro de 2008, ela foi reinaugurada, com novo programa arquitetônico e uma proposta poética para a cidade. Segundo a arquiteta Adriana Bussiqui, que idealizou o projeto, “essa obra é uma nova leitura do espaço, é uma praça-documento para ser lida, ouvida e venerada, como dizia o poeta Silva Freire no poema que inspirou essa reforma”. Em 2009, a ASCOMBRIL se responsabilizou em manter o local²⁷.

a. Função e programa:

O novo programa relacionado a atividades culturais levou à extinção do parquinho infantil e foi construído na praça um local chamado Espaço de Múltiplo Uso, que faz uma alusão clara ao formato de uma OCA indígena. Esta edificação se volta para a praça com um pequeno palco coberto e também uma sala para guardar equipamentos, funcionando como camarim e apoio. Também chama atenção por sua pintura externa, assinada pelo artista plástico Adir Sodré. (Figura 85 e Figura 86)

Foi instalada uma escultura sobre fonte de água, iluminada com diversas cores, denominada “Árvores de Todos os Povos”, assinada pelo poeta Wladimir Dias-Pino. Localizam-se na praça ainda banca de jornal e quiosque de sorvetes.



Figura 85 Escultura e fonte "Árvore de todos os povos".
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

²⁷ (<http://www.cuiaba.mt.gov.br/noticia.jsp?id=13932> – capturado em 1/04/2009)



Figura 86. Praça Oito de Abril: (A) Espaço multiuso com pintura de artista regional / (B) Vista externa do espaço multiuso (palco) / (C) Arborização frondosa, banca de revista e camelô / (D) Ponto de taxi e sorveteria ao fundo, ênfase para a sombra da árvore.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

Com este programa a praça se caracteriza como área de permanência e convívio social, porém devido à localização, entre avenidas de intenso movimento e junto a uma área comercial, atende principalmente às funções de circulação e estacionamento de veículos. Verificou-se a presença de vários bancos abrigados sob as árvores, que servem como um convite para a contemplação do espaço. Nela também foram instaladas lixeiras públicas e todo o sistema de iluminação está funcionando, o que melhora a segurança e possibilita que os usuários dos bares utilizem toda a área de estacionamento em torno da praça (Figura 87).

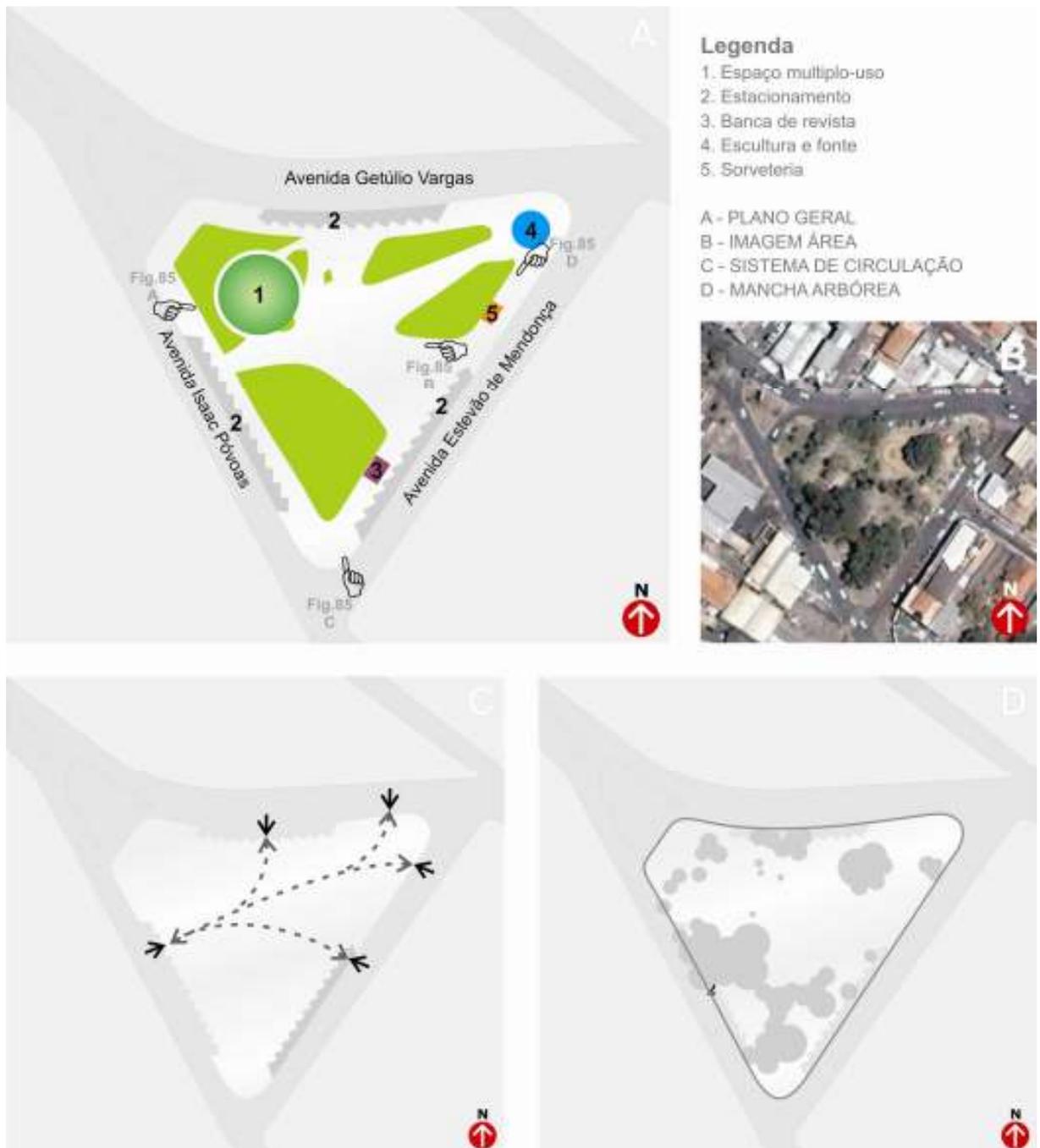


Figura 87. Planta da Praça Oito de Abril.
 (Fonte: Bethânia Moura, 2009)

b. Relação funcional com o entorno construído:

A Praça Oito de Abril se relaciona funcionalmente com o entorno servindo ao comércio como apoio, através do estacionamento e também como ponto de referência. O espaço revitalizado e agradável convida a contemplação, especialmente de noite quando o movimento dos bares é mais intenso. Acredita-se também que o entorno, predominantemente comercial, é bastante valorizado quando acontecem os festejos no espaço múltiplo uso. Por essas razões, avalia-se que há uma relação funcional direta com o entorno (Figura 88),



Figura 88. Vistas de entorno da Praça Oito de Abril.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

c. Relação formal com o entorno construído:

A forma triangular da praça foi definida pelo encontro das avenidas Getúlio Vargas, Lapa-pés e Estevão de Mendonça. Não caracteriza uma relação formal com o entorno construído, já que várias edificações do entorno não se voltam diretamente para a praça e sim para a direção de circulação dos carros, verificando que numa relação hierárquica a praça é secundária em relação à rua.

d. Tratamento paisagístico:



Figura 89. Tratamento Paisagístico - detalhe para a pavimentação em blocos intertravados de concreto em três cores. (Fonte: Bethânia Moura, 2009)

-Vegetação: Na praça existem várias espécies vegetais, com árvores frondosas que dão bastante sombra e atraem a contemplação.

-Pavimentação: pavimentada com blocos intertravados em concreto, nas cores cinza claro, cinza escuro e vermelho, que formam uma textura no piso. Nas áreas de estacionamento foi executado um cimentado liso.

-Fachadas: Nem todas as fachadas são voltadas para a praça, percebe que elas se voltam para o sentido de circulação das vias, avançando sobre as calçadas.

-Materiais construtivos/equipamentos e mobiliário: foram usados materiais que fizessem uma menção à cultura cuiabana, como a oca indígena, e ao rio através da água da fonte. Os bancos em madeira e a textura do piso também são elementos que fazem o usuário se recorrer à simplicidade das casas cuiabanas.

-Infra-estrutura: a rega das plantas é feita através de caminhão pipa que percorre vários pontos da cidade. Os postes de iluminação foram trocados e existem placas de sinalização por toda a praça.

-Ambiente: apesar dos grandes espaços com sombra, a praça ainda é muito árida, pois existem grandes áreas de cimentado, e o material escolhido para ser a cobertura do espaço multiuso reflete muita luminosidade nos horários de intenso sol. O intenso fluxo de carros gera bastante ruído que é pouco amenizado no período noturno.

e. Mapeamento de usos por usuários:

A praça é pouco utilizada pelos moradores do Bairro Popular ou mesmo do Bairro Quilombo (limítrofe da praça), mas serve a moradores de toda a cidade principalmente como local de circulação e passagem (Figura 90).



Figura 90. Mapeamento por usuários, com ênfase nas áreas de circulação e permanência de pessoas.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

Após várias visitas no local, constatou-se que apenas nos finais de tarde, quando o sol intenso fica mais ameno, aparecem mães com crianças para andar de bicicleta no local. Também verificou-se que no horário de almoço aparecem pessoas uniformizadas (trabalhadores das lojas vizinhas) que se sentam sob as árvores para conversar.

Para efeito da análise, identificaram trajetos de circulação e áreas de permanência e contemplação:

- **Permanência:** (A) local com vegetação densa, usado geralmente para descanso na hora do almoço. (B) Próximo à sorveteria e também à fonte, este local é bastante utilizado a partir das 16h até a noite quando escultura e fonte iluminadas chamam a atenção.

- **Circulação:** nas três faces da praça encontram-se vagas de estacionamento para veículos que são intensamente utilizados. Durante o dia percebe-se um fluxo maior por dentro da praça e durante a noite as pessoas são mais cautelosas, apesar da praça estar totalmente iluminada.

4.1.3. Praça Tenente Antônio João Ribeiro

A Praça Tenente Antônio João Ribeiro, é o terceiro espaço a ser analisado dentro dos limites do Bairro Popular. Pouco conhecida a praça se constitui em um espaço pequeno que se assemelha a um canteiro central (Figura 91). O espaço, que servia apenas como ponto de ônibus para as linhas que trafegam pela Av. Isaac Povoas, foi reformado em 2001 e o então governador Dante de Oliveira batizou a praça em homenagem ao Tenente Antonio João Ribeiro, militar mato-grossense que defendeu a fronteira do Estado na Guerra do Paraguai em combate.

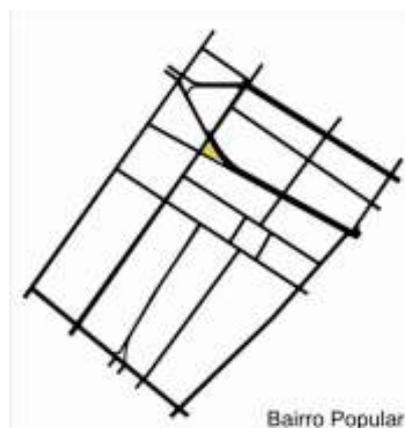


Figura 91. Localização da Praça Tenente Antônio João Ribeiro. (Fonte: Bethânia Moura, 2009)

a. Função e programa:

Foram instalados novos abrigos de ônibus e o piso cimentado trocado por ladrilho hidráulico. Foram construídos canteiros como “gola de árvore” que servem como bancos, implantados outros bancos em metal e uma escultura que representa os militares em guerra.

Mesmo com a reforma a função principal da praça não foi alterada, e esta se configura preferencialmente como um local de passagem. A permanência é apenas caracterizada no momento de espera do ônibus. Destaca-se que este espaço está muito próximo a Praça 8 de Abril que se conforma como um ambiente mais propício a contemplação, ficando hierarquicamente numa situação secundária (Figura 92).



Figura 92. Praça Tenente Antônio João Ribeiro: (A) Ponto de ônibus e orelhão em formato de garça (alusão ao Pantanal) / (B) Ponto de ônibus / (C) e (D) Vista geral da Praça.
(Fonte: Bethânia Moura, 2008)



Figura 93. Lay out Praça Tenente Antônio João Ribeiro.
 (Fonte: Bethânia Moura, 2009)

b. Relação funcional com o entorno construído:

Analisando o entorno da praça, não se verifica uma relação funcional entre a praça e as edificações. A praça tem como função principal servir de ponto de ônibus, e está inserida num local onde o comércio e serviços estão voltados para as classes A e B, que não fazem uso deste transporte diretamente, assim este ponto de ônibus serve aos funcionários dos estabelecimentos comerciais.

Pela proximidade com a Praça Oito de Abril, a Praça Tenente Antônio João, tem sua função de referência secundária, pois hierarquicamente aquele espaço se destaca no tecido urbano.



Figura 94 Vistas de entorno da Praça Eurico Gaspar Dutra.
(Fonte: Bethânia Moura, 20090)

c. Relação formal com o entorno construído:

A pequena área da praça e o formato sinuoso que acompanha o sentido das vias são fatores que não favorecem a relação deste espaço com o entorno, estando tangente às vias. A praça não se relaciona formalmente com as edificações vizinhas, e observa-se que estas não se voltam para a praça, e sim para a avenida de grande movimento. Essa característica pode ser observada, quando verificamos que as lojas que deveriam estar com suas fachadas voltadas para a Praça, na Avenida Estevão de Mendonça, se voltam para a Av. Lava Pés, transformando esta face em parede cega (Figura 95).

d. Tratamento paisagístico:



Figura 95. Tratamento Paisagístico - detalhe para a pavimentação em ladrilho hidráulico.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

-Vegetação: a vegetação existente é plantada em canteiros, com espécies exóticas que dão sombra ao local.

-Pavimentação: para este espaço foi usado o ladrilho hidráulico antiderrapante com algumas peças de cores diferentes formando mosaicos. Na baia para o ponto de taxi, o piso é em cimento liso.

-Fachadas: como já foi sinalizado, as edificações não se relacionam com o espaço da praça se voltam para a via de intenso movimento.

-Materiais construtivos/equipamentos e mobiliário: as lixeiras (para lixo seletivo), as esculturas e o orelhão em formato de garça estão preservados.

-Infra-estrutura: a iluminação noturna da praça é satisfatória, a rega das plantas feita através de caminhão pipa e a água da chuva escorre até as caixas de captação de águas pluviais que estão instaladas na Av. Isaac Povoas.

-Ambiente: o local tem áreas sombreadas com muitos bancos e dois abrigos de ônibus para os horários de muito sol. O ruído dos carros é constante e a movimentação de pessoas durante o dia é intensa devido à espera por ônibus.

e. Mapeamento de usos por usuários:

Esta praça não se serve a função de contemplação e sim de passagem e circulação, é pouco utilizada pelos moradores do bairro Popular, que não utilizam o transporte coletivo diretamente, mas é frequentada pelos trabalhadores locais que necessitam desse tipo de transporte.



Figura 96. Mapeamento por usuários, com ênfase nas áreas de circulação e permanência de pessoas.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

A Praça serve aos moradores da cidade como local de circulação e passagem, e podem-se identificar duas áreas distintas:

- **Permanência:** refere-se aos ambientes que unem sombra e um apoio de banco ou mureta. Quando o usuário está sozinho geralmente senta-se sob os abrigos e mais próximo da via, mas quando está em grupos prefere o centro da praça com mais espaço para as rodas de conversa.

- **Circulação:** todos os caminhos definidos de circulação estão voltados para o ponto de ônibus.

Os fatores que orientaram a diferenciação das categorias dos espaços livres públicos – Praças – incluíram: a função principal do espaço livre; a alocação dos espaços livres em relação à malha urbana; a distância percorrida para o acesso; o público freqüentador; a frequência de uso; o meio de transporte para o acesso; a extensão total da área projetada ou planejada; a diversidade programática; o grau de preservação dos recursos naturais e potencial de suporte de vida silvestre, e a frequência de manutenção.

Com a análise proposta, pode-se observar a relação hierárquica entre as praças, a complementação funcional e a relação com o traçado urbano e com as edificações, auxiliando a compreensão do papel que os espaços livres públicos cumprem nesse sistema urbano.

4.2. Os espaços livres públicos no Bairro Popular - Vias

A partir das definições propostas no Capítulo 1, foi elaborada uma análise sobre os principais espaços livres públicos de circulação do Bairro Popular, a partir de uma verificação dos espaços que se destacam do sistema, com base na sua função e no seu uso.

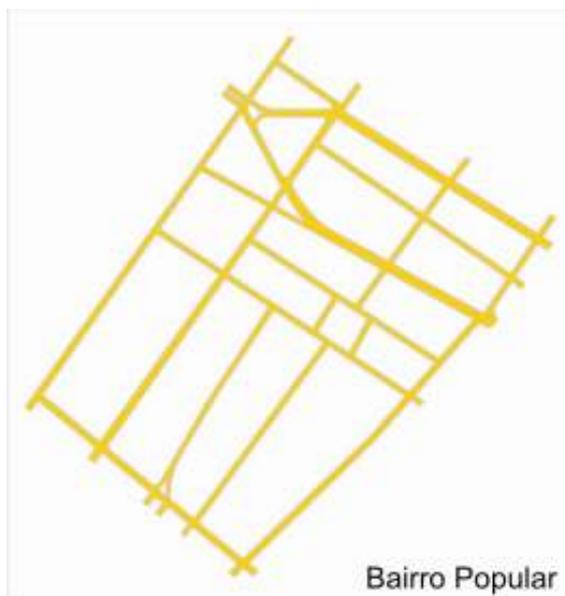


Figura 97. Sistema viário do Bairro Popular.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

totalmente sombreadas por árvores frondosas, ocupando-as com estacionamento ou mesmo com objetos de publicidade, caracterizando uma transição no uso de público para privado.

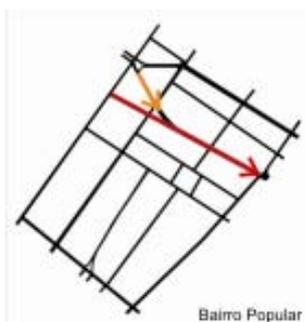
Formalmente as construções edificadas no entorno da avenida se relacionam diretamente com o espaço livre, com as aberturas voltadas para a via e elementos suavizam os limites entre o espaço livre público e o espaço privado edificado com altura que não ultrapassa três pavimentos.



Figura 100. Vias Estruturais: Av. Getúlio Vargas.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009.)

A Avenida Isaac Povoas (Figura 101) é uma via de fluxo intenso com quatro faixas de rolagem seguindo no sentido centro da cidade e nela é permitido, através do projeto da Prefeitura Faixa Verde, estacionar nas duas faixas laterais da via, caracterizando a transição de uso público, para uso privado.

As calçadas desta via tem em média 2,50m de largura, em alguns trechos esta metragem é acrescida do recuo frontal que serve também de estacionamento exclusivo para os usuários do comércio.



Na hierarquia viária do Bairro Popular, a Av. Isaac Povoas tem atividade comercial de destaque, pois nela encontram-se instalados boutiques, lojas, consultórios, restaurantes e algumas residências. As edificações comerciais, na maioria com grandes portas e fachadas envidraçadas, tiram partido do traçado sinuoso da via.

Figura 101. Esquema de localização
– Av. Lava Pés (laranja) e Av. Isaac Povoas (vermelho)
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)



Figura 102. Vias Estruturais: Av. Isaac Póvoas.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

Neste trecho da avenida, a incidência solar é intensa, pois existem poucas árvores e poucos aparatos edificadas como marquises e toldos, o que pode ser um fator que dificulta a movimentação de pedestres nestas áreas. Verifica-se que o maior movimento de pessoas para o comércio se dá através dos veículos, assim conclui-se que o espaço utilizado para estacionamento (espaço público em transição para o espaço privado) é hierarquicamente mais importante que o espaço público das calçadas.

b) Vias Principais: dentro dos limites do Bairro são a Rua Estevão de Mendonça e as Avenidas Dom Bosco e Oito de Abril.

Esta Rua Estevão de Mendonça exemplifica mais adequadamente a classificação utilizada pela Prefeitura, é também entre as demais deste grupo a hierarquicamente mais importante, em função e uso.

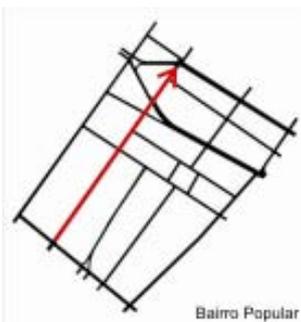


Figura 103. Esquema de localização – Rua Estevão de Mendonça
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

Esta Rua se destaca pelo desenvolvimento comercial e de serviços a partir do encontro com a Rua Brigadeiro Eduardo Gomes até a Avenida Getúlio Vargas. Neste 1º trecho já não existem unidades residenciais. A maioria das edificações foi construída inicialmente como residências e atualmente estão transformadas em atividades comerciais que fazem uso do seu recuo como área de estacionamento, verificando-se uma faixa transição entre o espaço privado e o espaço público.



Figura 104. Vias Principais: Rua Estevão de Mendonça.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

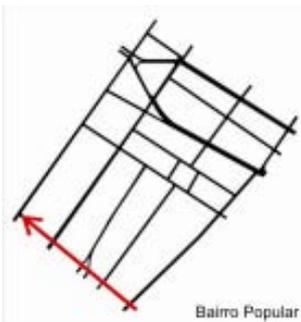


Figura 105. Esquema de localização – Av. Dom Bosco
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

Já no trecho entre a Avenida Dom Bosco e a Rua Brigadeiro Eduardo Gomes, esta via se comporta de modo diferenciado, a maioria das edificações são residenciais e há também alguns espaços livres privados, as calçadas são arborizadas e ficam mais estreitas, e os limites entre o espaço público e o espaço privado ficam claramente delimitados.

A Avenida Dom Bosco é um importante corredor de ligação entre o Bairro do Porto e a Avenida Miguel Sutil (conhecida como Avenida Perimetral) recebendo o fluxo de veículos e pessoas de toda a cidade que querem evitar o trânsito lento do centro urbano da capital.

A via tem largura variada, em alguns trechos chega a aproximadamente de 20 metros e em outros não ultrapassa 10 metros e suas calçadas são em toda a extensão estreitas com largura não maior que 1,5 metros. O pouco comércio encontrado nela é voltado em sua maioria para atender a comunidade local.



Figura 106. Via Principal – Av. Dom Bosco
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

Esta avenida não se comporta como o restante do Bairro, pois nela existem muitas residências voltadas para o público C e D e ainda muitos terrenos vazios que são murados fazendo que estes espaços livres privados não interajam formalmente com o espaço livre público das calçadas e vias.

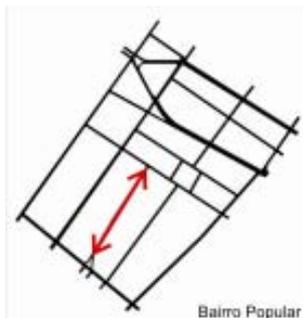


Figura 107. Esquema de localização – Av. Oito de Abril

(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

Também na Avenida Oito de Abril é encontrada a maior extensão de espaços livres privados murados, o que se reflete diretamente no ambiente da rua resultando em um corredor que pouco dialoga com o espaço livre público. O trecho que está dentro dos limites do Bairro não corresponde funcionalmente às características desta classificação se comporta como uma via local com pouca movimentação de automóveis.

As características desta via foram retratadas anteriormente no item 3.4.2 Hidrografia, ao se falar da conformação topográfica da área e conseqüentemente da via.



Figura 108. Vias Principais: Av Oito de Abril (limite do Bairro Popular)

(Fonte: Bethânia Moura, 2008)

c) Vias Coletoras: recebem esta denominação as vias Avenida São Sebastião e Avenida Senador Filinto Muller.

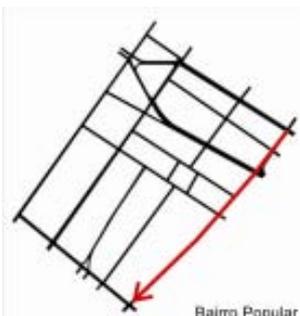


Figura 109. Esquema de localização – Av. São Sebastião

(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

A Avenida São Sebastião é um corredor de passagem entre bairros, que está tendo seu uso transformado de residencial para comercial, as residências estão dando lugar a lojas e restaurantes. Durante o dia o fluxo de passagem de veículos é intenso e durante a noite esta via serve de estacionamento para apoio aos usuários dos bares e restaurantes da Praça Popular, conforme descrito no item 4.1.1. Praça Eurico Gaspar Dutra – “Praça Popular”.

As calçadas são estreitas e sem arborização ao longo do trecho

localizado no Bairro. Os novos estabelecimentos comerciais que ali se instalam, procuram alterar a relação com a via, demolindo os muros dos limites para aumentar as calçadas e fazendo uso de barreiras suaves como o vidro nas fachadas na tentativa de atrair os passantes.



Figura 110. Vias Coletoras: Av. São Sebastião
(Fonte: Bethânia Moura, 2008)

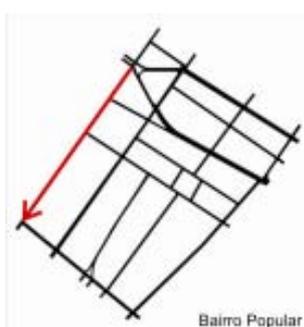


Figura 111. Esquema de localização – Av. Senador Filinto Muller
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

No caso da Avenida Senador Filinto Muller, as características são muito próprias no trecho dentro dos limites do Bairro Popular, pois grande parte da via têm em um de seus lados o muro do Quartel Militar criando um ambiente inóspito, que não dialoga com a via. O lado oposto à área militar está consolidado como área residencial, porém são encontradas algumas unidades de serviços como um escritório de arquitetura, gráfica e firma de advocacia, e apenas este lado da rua é utilizado como estacionamento de veículos.

As calçadas são estreitas e arborizadas delimitadas pelos gradeados vazados e pelos muros baixos das casas da Vila Militar que propiciam uma interação com a via.



Figura 112. Vias Coletoras: Av. Senador Filinto Muller
(Fonte: Bethânia Moura, 2008)

d) Vias Locais: as vias restantes que servem ao Bairro, no total de 12, estão classificadas pela legislação municipal como Vias Locais.

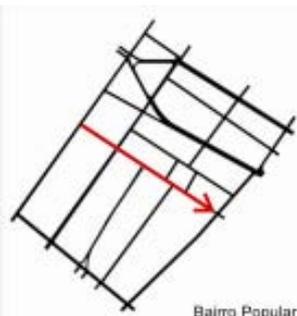


Figura 113. Esquema de localização – Rua Brigadeiro Eduardo Gomes
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

A Rua Brigadeiro Eduardo Gomes atravessa o Bairro em toda a sua extensão, passando principalmente pela lateral oeste da Praça Popular, formando, junto com a Rua Senador Vilas Boas, o circuito noturno pelos bares e restaurantes do local. Perpendiculares a essas duas ruas, há duas travessas onde, para melhorar o trânsito e

reduzir os engarrafamentos noturnos, a prefeitura determinou que, a partir das 18h, não é permitido o trânsito de veículos e os bares fazem uso deste espaço público espalhando suas mesas e cadeiras.

Verifica-se, com essa iniciativa, um incentivo da prefeitura em concretizar este espaço como Pólo Gastronômico.

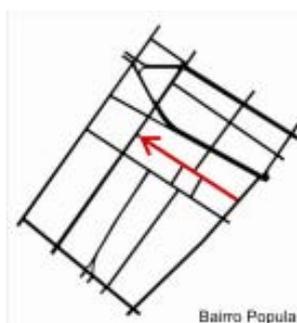


Figura 114. Esquema de localização – Rua Senador Vilas Boas
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

Os bares voltados para a Praça são responsáveis pela transformação do espaço público dos passeios em espaços livres “privatizados”, pois eles utilizam as calçadas, espalhando mesas e cadeiras por toda ela. Ações como esta se refletem em toda a dinâmica do Bairro, retratado através de matérias de jornais a insatisfação de alguns moradores que reclamam do trânsito intenso e do excesso de ruídos nessa área.

A Rua Senador Vilas Boas é um forte exemplo da transformação para uso comercial pelo qual vem passando o Bairro. Além das residências, encontram-se lojas, salão de cabeleireiros, bares, restaurante e loja de departamentos com esse perfil comercial que tende a intensificar o fluxo de veículos também de dia.



Figura 115. Vias Locais: (A) Rua Brigadeiro Eduardo Gomes e (B) Rua Senador Vilas Boas.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

As vias de entorno com menor fluxo de carros se tornam áreas de estacionamento que, nos

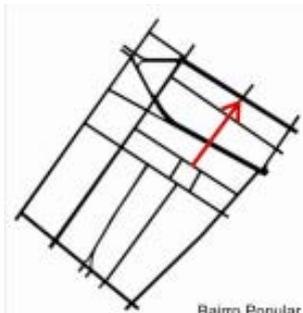


Figura 116. Esquema de localização – Rua Presidente Castelo Branco
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

dias mais movimentados, chegam a ultrapassar os limites do Bairro. A Rua Presidente Castelo Branco é um exemplo desta prática, esta via parte da Praça Eurico Gaspar Dutra, passa pela Avenida Isaac Povoas até a Avenida Getúlio Vargas, tem pouco tráfego de veículos e serve de apoio às ruas transversais de maior fluxo, como local de estacionamento tomado por “flanelinhas”. No

período noturno, o trecho entre a Praça Popular e a Avenida Isaac Povoas fica totalmente tomado por carros, sobrando apenas o suficiente para passar um veículo. Neste trecho também existem vários lotes com edificações fechadas em estado de deterioração, sinal da especulação imobiliária que cerceia a área.



Figura 117. Vias Locais: Rua Presidente Castelo Branco (A) Dia / (B) Noite
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

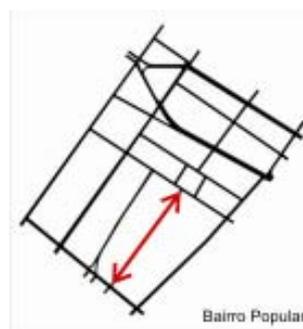


Figura 118. Esquema de localização – Rua Sírío Libanesa
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

A Rua Sírío Libanesa, é outro exemplo da alteração de uso no período noturno apesar de ser predominantemente residencial onde encontram as casas mais antigas construídas na linha limite do lote, é também usada como estacionamento dos frequentadores do Pólo Gastronômico da Praça Popular.

Apenas no trecho próximo à Praça Popular existem alguns serviços comerciais. Como não houve o processo de transformação das residências em comércio, os recuos foram mantidos cercados e as calçadas estreitas são utilizadas pelos moradores como estacionamento, lava jato e até varanda. Nessa rua, o espaço público assume características de espaço privado.



Figura 119. Vias Locais: Rua Sírío Libanesa (A) Início da via a partir da Pç. Popular / (B) Via no meio do Bairro. A
(Fonte: Bethânia Moura, 2008)

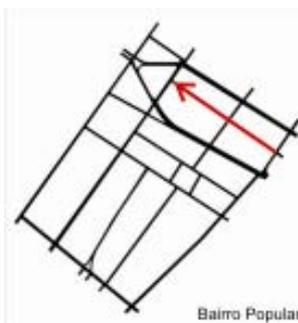


Figura 120. Esquema de localização – Rua 24 de Outubro
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

Rua 24 de outubro é uma via residencial que está tendo sua utilização alterada, passando a ser comercial; nela estão sendo implantadas várias lojas do segmento de móveis e decoração. Como é uma via estreita que aos poucos está recebendo um fluxo maior de veículos, as edificações estão passando por alterações para abrigar os novos usos como, por exemplo, tendo suas grades

frontais retiradas para que o recuo sirva de estacionamento.

Nesta rua encontram-se ainda alguns exemplares de casas construídas na face do lote, com a porta principal se abrindo diretamente para a via. Geralmente esta situação evidencia o quão estreitas são as calçadas. Durante a pesquisa pode-se verificar que alguns moradores mais antigos ainda mantêm um costume bem “cuiabano”, o de colocar as cadeiras na frente das casas para apreciar a movimentação, o espaço público se tornando um prolongamento do espaço privado.

Como pôde ser verificada nas análises acima, nem sempre a função que uma via adota através do tempo corresponde ao que formalmente a legislação classifica, as alterações de função são comuns com o uso e esta ação também permeia a relação entre o espaço público e o espaço privado.

4. 3. Os espaços livres privados no Bairro Popular

Para analisar os espaços livres privados, foi aplicada uma estratégia de análise diferente da que foi aplicada sobre os espaços livres públicos, pois há dificuldade em acessá-los para se obter uma análise mais detalhada. Neste diagnóstico foi realizado um comparativo entre os mapas do Bairro nos anos de 1988 a 2008, com o intuito de verificar o grau de adensamento dos espaços livres intra-quadras e, como complemento, discorreu-se através do uso de exemplos sobre a relação com os usos dos espaços livres privados.

Como foi verificado nas análises anteriores, o Bairro está sendo adensado, com muita rapidez, e até os miolos de quadras são utilizados como moradia. Também verificou-se que há duas tendências de transformação dos espaços de acordo com o uso: residenciais multifamiliares e comerciais.

Na Figura 121, pode-se verificar o adensamento ocorrido no decorrer dos últimos 20 anos, quando foram construídas, em sua maioria, edificações térreas nas áreas próximas às avenidas Isaac Póvoas e Getúlio Vargas. Pode-se observar a transformação dos espaços livres privados, através das novas construções, conforme a comparação entre as plantas de cadastro dos anos de 1988 e 2008.

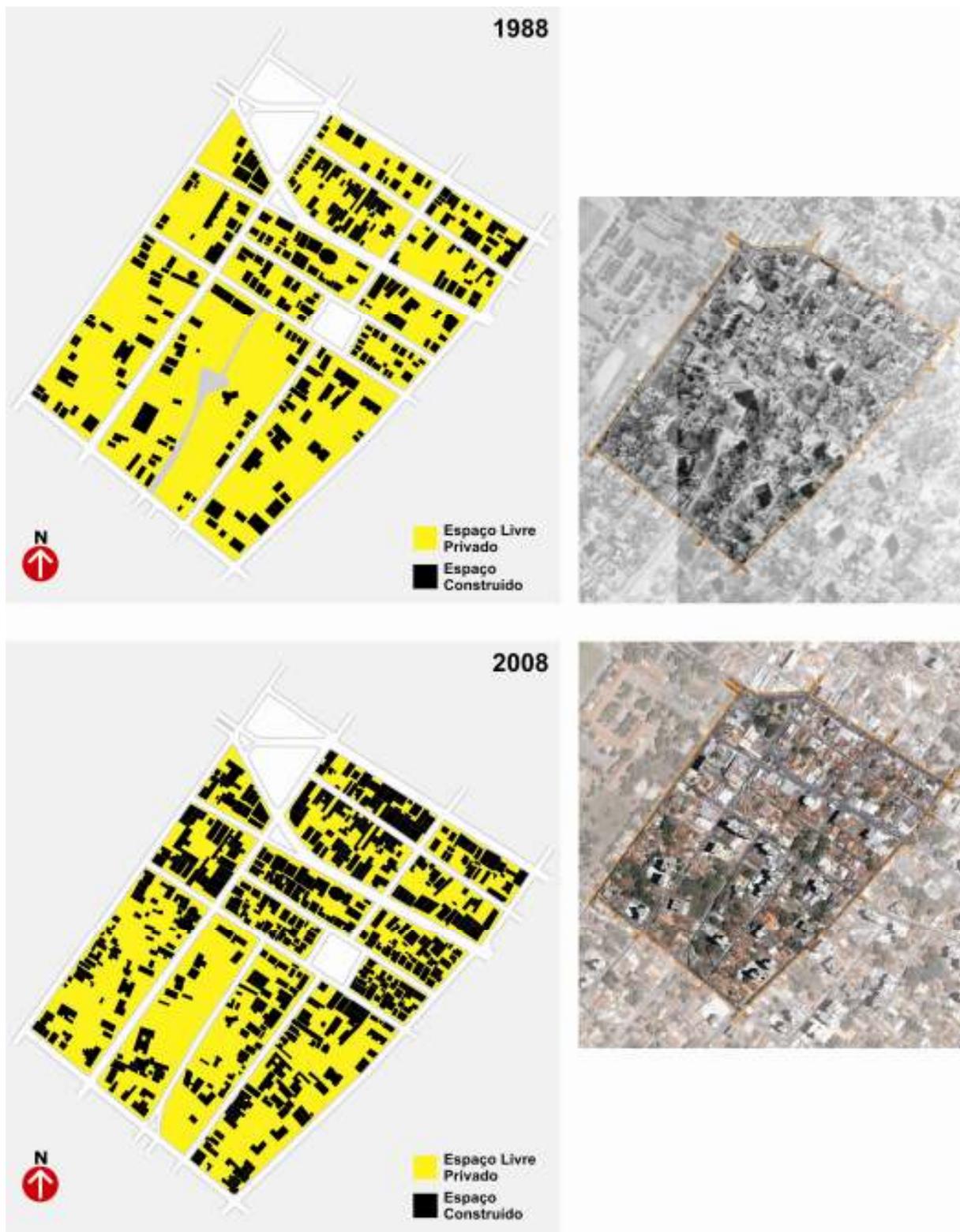


Figura121. Comparação entre os espaços livres privados intraquadras entre os anos de 1988 e 2008.
 (Fonte: Bethânia Moura, 2009)

Ao logo de seus cinquenta anos de história a área que hoje está ocupada pelo Bairro se transformou bastante, tendo seu parcelamento que antes era ocupado por chácaras, dividido atualmente por lotes menores, contribuindo para o adensamento tanto construtivo quanto demográfico. Com isso os espaços livres privados passaram a ser cada vez mais valorizado pela especulação imobiliária.

Os espaços livres privados do Bairro Popular atendem às funções de: espaços livres de entorno das construções como o jardim frontal, a passagem lateral e o quintal (fundos do lote); área de lazer de edifícios multifamiliares, área de estacionamentos para comércio e serviços, e lote vazios, com potencial para construir, como já foi mapeado no Mapa de Uso e Ocupação do Solo – Espaços Livres (mapa 00).

Estes espaços atendem a programas arquitetônicos variados, que se relacionam diretamente com o entorno construído.

a) Espaços livres de entorno das construções: *Frontal:* utilizado como jardim, com algum projeto paisagístico e também como acesso à garagem / *Lateral:* corredor de passagem e circulação que liga a frente da casa aos fundos externamente / *Fundos:* serve de estendal para a secagem das roupas, onde se instala a piscina. É local de circulação e permanência durante as comemorações que acontecem à beira da churrasqueira, é também o local do cachorro e de tudo que se deseja guardar e esconder (Figura 122). Neste caso o espaço livre mantém uma estreita relação funcional com o entorno construído. Já formalmente não há esse compromisso, pois dependendo da localização, o espaço mantém uma maior ou menor relação formal. Isso de dá porque dentro do também há uma hierarquia dos espaços.

O proprietário escolhe o tipo de tratamento que deve dar ao espaço livre privado, sem se prender muito às questões climáticas, geralmente impermeabilizando todo o entorno com pedras, cimentados ou revestimentos cerâmicos, e nem à legislação local que estabelece uma área permeável de 25%.

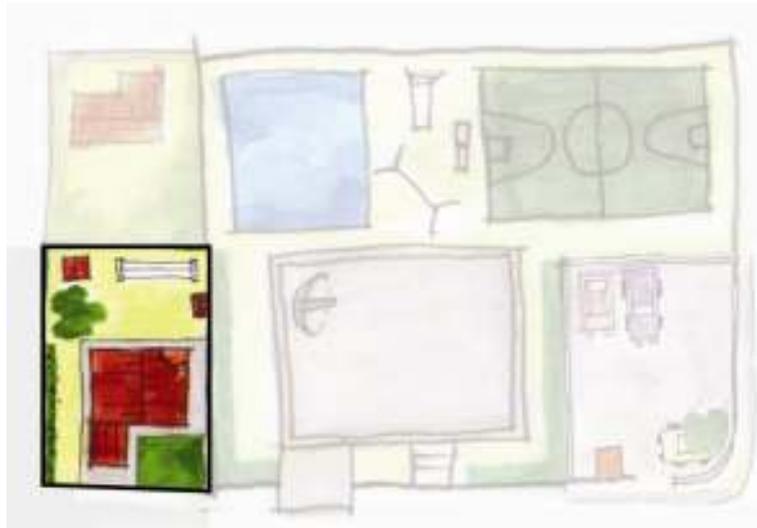


Figura122. Espaço livre privado: Entorno das construções.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

b) Área de lazer de edifícios multifamiliares: Os edifícios multifamiliares deste Bairro têm em seu espaço livre a área de lazer, com quadra poliesportiva, piscina, *play ground* e espaço de circulação com paisagismo. Os terrenos onde foram edificados não são grandes áreas, por isso as garagens são subterrâneas e a área de entorno ao edifício é totalmente voltada para o lazer. (Figura 123)

O espaço livre como área de lazer se relaciona funcionalmente com o entorno construído, com um programa que atende exclusivamente aos moradores, porém formalmente esta relação nem sempre é linear, já que a área de lazer se constitui de uma célula própria, às vezes desconectada da torre residencial. Mas também há casos e áreas neste espaço que se relacionam diretamente, isso acontece quando o edifício se abre para o espaço livre, através de portas envidraçadas de uso comum, como pode ser o caso do salão de festas que se valem da área da piscina como apoio.

O tratamento paisagístico dado a estes espaços prioriza a limpeza e a fácil manutenção, por isso os espaços são geralmente impermeáveis com alguns canteiros de plantas bem definidos.

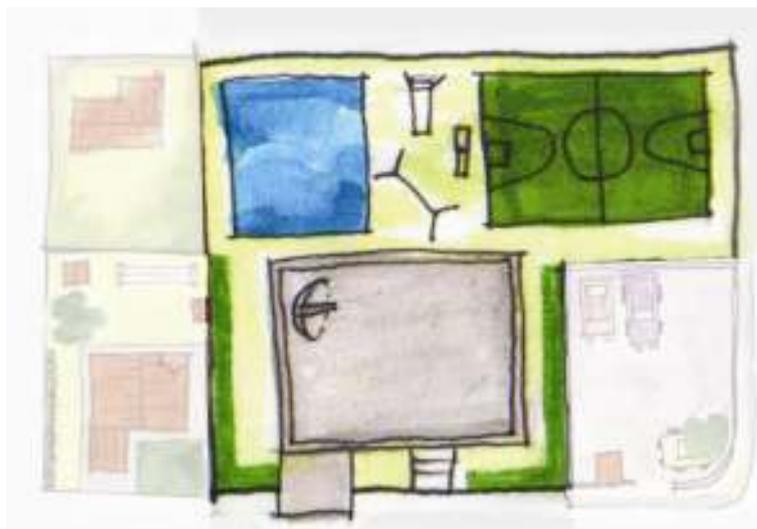


Figura123. Espaço livre privado: Edifícios Multifamiliares.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

c) Área de estacionamentos para comércio e serviços: Os espaços para estacionamento têm o seu programa bastante simplificado, pois necessitam apenas da área livre, arborizada ou não para exercerem a função. No Bairro Popular os estacionamentos privados são voltados para atenderem principalmente ao público noturno, assim não é necessária a presença de coberturas, nem mesmo arbórea, no solo é usado uma cobertura de brita para impedir o acúmulo de lama.

O espaço é cercado por muros, que não se relacionam com as outras construções, mas funcionalmente o espaço voltado para estacionamento se relaciona diretamente já que a localização escolhida se justifica pela necessidade.

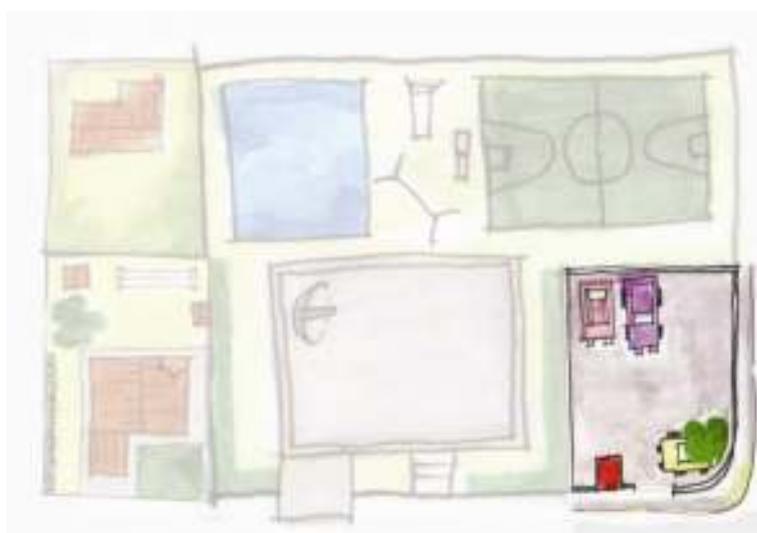


Figura124. Espaço livre privado: Estacionamentos para comércio e serviços.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

d) Lote vazio de edificação: devido ao processo de transformação e valorização do espaço do bairro, já mencionado anteriormente, muitas casas estão sendo demolidas ou até mesmo abandonadas para que se deteriorem. O interesse destes proprietários é apenas de manter o terreno vazio, enfatizando a possibilidade de construção, com o intuito de conseguir melhores preços ou mesmo de especular, aguardando ainda mais valorização local. Neste caso um programa definido, já que não há função prática, assim não há também um compromisso, nem interesse que este espaço se relacione com o espaço edificado do entorno.

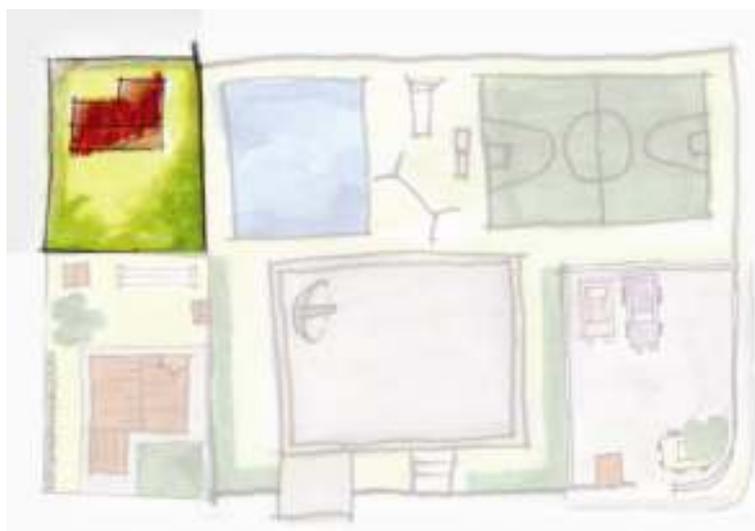


Figura125. Espaço livre privado: Lote vazio de edificação com casa em deteriorização.
(Fonte: Bethânia Moura, 2009)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nascido na década de 1940, a margem da cidade de Cuiabá, o Bairro Popular se integrou totalmente ao tecido urbano de Cuiabá. É atualmente um lugar de muitos ambientes contrastantes, que fazem dele um símbolo de representação do modo de viver Cuiabano, onde o antigo e o moderno se misturam estabelecendo relações dicotômicas.

A morfologia do tecido urbano atual do Bairro sugere a multiplicação de um repertório de estilos arquitetônicos, onde diferenciados projetos não se subordinaram ao planejamento da cidade, mas sim à necessidade e aos anseios de moradores e do mercado imobiliário. Para entender a relação dos espaços livres públicos e privados existentes com o seu desenvolvimento foi preciso buscar na história de seus cinquenta anos as transformações por que ele passou e ainda passa, em seu território, antes dividido em chácaras e recentemente parcelado em lotes menores. Este fato auxiliou no adensamento tanto construtivo quanto demográfico, e enquanto os espaços livres privados passaram a ser cada vez mais valorizados pela especulação imobiliária, os espaços livres públicos ganharam novos usos e significados.

Para a realização deste trabalho foi necessário sistematizar os dados obtidos e focá-los sob a ótica da relação entre os elementos de rede física, os fatos sociais e os dados históricos do sistema urbano. Na pesquisa foram enfocados o Bairro Popular e os elementos que qualificam os espaços livres de edificação, presentes em seu perímetro, e sua relação sistêmica com a Cidade de Cuiabá. Esta análise foi feita a partir do estudo de caso contextualizado na atualidade, mas referenciado por sua história através de dados que pudessem elucidar o momento presente. Este olhar diversificado sobre o recorte constrói um discurso único entre as diversidades encontradas no Bairro Popular.

A pesquisa foi embasada em autores que discutiram a sistematização do espaço urbano e também a conceituação focada nos espaços livres. Para Milton Santos, um dos principais autores estudados, sistema é composto por partes diferentes que se relacionam, muitas vezes de modo contraditório, mas que não podem existir separadamente. As diferentes modificações ocorridas e que contínuos impactos de elementos externos, no interior de um sistema urbano são resultados, segundo esse autor, de condições locais próprias.

Essa conceituação embasou a pesquisa, pois os espaços livres aqui analisados são considerados uma representação única daquela realidade local. É preciso ressaltar que também será diferente uma nova análise sobre o mesmo território e sobre a mesma temática, pois em outro recorte temporal, como discutimos na fundamentação teórica, as

diferentes práticas humanas modificam e absorvem novos modos de apreensão sobre as definições de espaço e lugar, sendo o tempo um fator condicionante desta circunstância.

É importante reforçar através da pesquisa que os espaços livres privados se relacionam com os espaços livres públicos ao compor um sistema único que evolui transformando a qualidade da vida urbana. Buscando entender a sistematização dos espaços livres, podemos determinar sua função, programa e distribuição, devendo essa ser preocupação de governantes e gestores públicos, ser incorporada no planejamento diretor da cidade. Com isso, resguarda-se à comunidade o direito ao acesso a equipamentos comunitários, áreas verdes e espaços de convivência, recreação e circulação

Em termos metodológicos, procurou-se destacar o sistema de espaços livres, como uma ferramenta de verificação da morfologia urbana, com as ferramentas da pesquisa de campo propostas de modo a investigar as transformações pelas quais o Bairro atravessou, destacando-se sua localização – passando de periferia a Bairro central e ao tipo de uso – residencial e comercial e aos sistemas de espaços livres existentes dentro dos limites do Bairro Popular.

Investigou-se no Bairro o papel que cumprem os espaços livres, que pode se relacionar funcionalmente com o entorno construído e com programas que atendem ao público conforme projetado: aos proprietários quando nos referimos ao espaços **privados** e aos frequentadores como um todo ao nos referirmos ao espaços **públicos**.

É importante destacar principalmente a tendência de transformação do Bairro, conferida através da disposição à verticalização, ou através da alteração de usos, passando de residencial para comercial, e ainda através da transformação dos espaços livres, onde se constata a crescente ocupação dos espaços livres privados.

Se no passado a privacidade era um dos mais fortes valores da sociedade local, daí a importância dos quintais na vida de seus usuários, seja como áreas de lazer e convívio social, como áreas de produção, como zonas de serviço das residências etc., atualmente o novo senso do espaço urbano tem exercido os cada vez mais elaborados processos de exclusão e de exploração imobiliária, transformando em espaço “público” os espaços antes privatizados em nome de uma realidade voltada para o consumo.

Nas áreas vizinhas a do conjunto habitacional original, grandes edifícios residenciais foram erguidos empregando grande valor monetário aos imóveis naquela região. Mas o intenso uso noturno afasta alguns moradores, por esse motivo percebe-se a divisão do Bairro em duas partes: residencial multifamiliar e comercial.

Com a pesquisa podemos verificar uma retração dos espaços livres no Bairro Popular de aproximadamente 50% comparando os mapeamentos dos anos de 1998 e 2008, o que refletiu diretamente na paisagem do Bairro e no modo de viver dos moradores. No entanto sabe-se que o desenho da cidade é definido no momento em que se elaboram as leis, a partir delas os espaços livres privados e públicos se constituem como um dos vários sistemas urbanos..

A interferência das transformações locais, que acontecem através do tempo, nem sempre obedece a legislação, o que pode ocasionar certo desarranjo no sistema urbano. No caso do tecido do Bairro Popular, o ritmo acelerado em que uma nova configuração é construída, mudando função e relações dentro de seus limites, faz com que essa interferência pode ser nitidamente percebida.

“(...) uma cidade muda completamente ao cabo de cinquenta anos; quem vive na mesma cidade habitua-se lentamente a essa transformação, mas nem por isso ela é menos verdadeira.” (ROSSI, 2001)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Graham. Colaboração interdisciplinar e participação do usuário como metodologia projetual. In: DEL RIO *et al* (org.) **Projeto do Lugar**. Rio de Janeiro: Contra Capa / PROARQ, 2002. P.45-58

ASHIHARA, Yoshinobu. **El diseño de espacios exteriores**. Barcelona: Editora Gustavo Gili, S. A., 1982.

AZEVEDO, Aroldo de. Cuiabá – **Estudo de Geografia Urbana. Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros**. Volume VII – Tomo II. São Paulo, AGB, 1957.

BRANDÃO, Ludmila de Lima. **A Catedral e a Cidade: uma abordagem da Educação como prática social**. Cuiabá: ED UFMT, 1997

COELHO, Raquel H; **Sistema de espacios libres y proyecto territorial – Caso de estudio em Río de Janeiro**. Tese de Doutorado, Barcelona, *Universidad Politécnica de Cataluña*, 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 4ª edição, 2002.

Cuiabá. Prefeitura Municipal. Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Urbano. **Legislação Urbana de Cuiabá** – Cuiabá: Carrión e Carracedo, 2004. 644p.;il.;mapas.

Cuiabá. Prefeitura Municipal. Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Urbano. **Perfil Sócio-econômico de Cuiabá – Vol. III** – Cuiabá: Carrión e Carracedo, 2007. 482p.;il.;mapas.

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. Tradução Isabel Correa e Carlos Macedo. Lisboa: Edições 70, 1997.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo, PINI, 1990.

FISCHER, Gustave-N. **Psicologia Social do Ambiente**. Instituto Piaget.

FREIRE, Júlio De Lamônica. **Por uma poética popular da arquitetura**. Cuiabá: EdUFMT, 1997.

GALENDER, Fany. **Considerações sobre a conceituação de espaços públicos**. *in* Paisagem e Ambiente: Ensaios. Nº IV (p. 113-120) FAU-USP, São Paulo, 1992

YÁZIGI, Eduardo. **O mundo das calçadas**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Imprensa Oficial do Estado, 2000. 548p.

YÁZIGI, Eduardo. **Esse estranho amor dos paulistanos**. São Paulo: Global Editora, 2006. 375p.

YIN, Robert K. **Planejamento e Métodos**. Porto Alegre: Bookman Companhia Editora, 1990. 212p.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>
Consultado em: 18/09/2008

JODELET, Denise. **A cidade e a Memória**. In: DEL RIO, Vicente. DUARTE, Cristiane Rose. RHEINGANTZ, Paulo Afonso (org.). **Projeto do Lugar**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/PROARQ, 2002.

LAMAS, José M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Caluste Gulbenkian, Junta Nacional de Investigação Científica, 1993.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

LYNCH, Kevin. **A boa forma da cidade**. Tradução Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho: Edições 70, 2007.

MACEDO, Silvio Soares. **Espaços Livres. Paisagem e Ambiente: ensaio**, n. 07, p. 3 - 55, 1995.

MAGNOLI, Miranda. **Em busca de “outros” espaços livres de edificação**. *Paisagem e Ambiente: ensaio*, n. 21, p. 141 - 174, 2006.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **O fenômeno do lugar**. In: NESBITTI, Kate (org.). *Uma Nova Agenda para a Arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Significado, Arquitetura e História**. In: *Arquitetura Occidental: La arquitetura como história de formas significativas*. Barcelona: Gustavo Gilli.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2ª edição 2001.

SANTANA, Ethel Pinheiro. TÂNGARI, Vera Regina. **Espaço Arquitetônico X Apropriação: Estudo de Caso no Centro do Rio de Janeiro – Largo da Carioca e Rua Uruguaiana**. *Paisagem e Ambiente: ensaio*, n. 17, p. 7 - 39, 2003.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Editora Nobel, 1988.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.

SHULZ, Christian Norberg. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, Kate (org.) **Uma nova agenda para a arquitetura**. Tradução: Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2006. P.443-461

SOMMER, Robert; SOMMER, Babara. Mapping and Trace Measures. In: _____. **A practical guide to behavioral research: tools and techniques**. 4.ed. New York: Oxford University, 1997. P. 60-78.

TÂNGARI, Vera Regina. **Um outro lado do Rio**. Tese de doutorado, São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1999.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência**. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1993.

VIEIRA, Mariana Dias; **Centralidades urbanas – A influência das atividades comerciais na estrutura sistêmica dos espaços livres**. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, PROARQ, 2008.

VILARINHO NETO, Cornélio Silvano. **Uma Dimensão do Fenômeno Urbano**. Revista Mato-Grossense de Geografia, Ed. UFMT, Ano 05/06, Outubro 2000/2001.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço Intra-Urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

WEINGARTNER, Gutemberg; **A construção de um sistema - os espaços livres públicos de recreação e de conservação em Campo Grande, MS**. Tese de Doutorado, São Paulo, FAU-USP, 2008.

Site: (<http://www.cuiaba.mt.gov.br/noticia.jsp?id=13932> – capturado em 1/04/2009)